



CONVERSAS COM DEUS 4

LIVRO 9



Digitalizado, Corrigido e Adaptado por
Gullan Greyl

<http://www.gullangreyl.pt>

29-11-2022

SINTESE

A CONVERSA CONTINUA...

Diálogo final com Deus: inesperado e surpreendente.

Todo o Universo está repleto de seres sencientes. O desejo de cada um é idêntico: expressar e experienciar a sua Verdadeira Natureza e a sua Verdadeira Identidade.

Isto envolve um processo:

Primeiro, percorremos e conhecemos todos os aspetos da nossa condição de seres físicos.

De seguida, percorremos e conhecemos todos os aspetos da nossa condição de seres metafísicos.

E eis o grande segredo na partilha do qual os Seres Altamente Evoluídos concentram todas as suas energias: a integração total pode ocorrer a todo o momento. O processo pode ser condensado. Significa que toda a civilização pode começar a viver como espécie desperta quando o desejar.

Depois das revelações dos primeiros três livros, o livro 4 vai mais longe, transformando-se num verdadeiro convite para percebermos como podemos alterar a nossa História. E viver melhor.

De leitura imprescindível para avançar no conhecimento e despertar a espécie humana. E não só.

CONVERSA COM DEUS

O DESPERTAR DA ESPÉCIE PARA UM DIÁLOGO INESPERADO

LIVRO 4

O DESPERTAR PARA O FACTO DE ESTAR DESPERTO

NEALE DONALD WALSCH

Índice

NOTA DO AUTOR	1
INTRODUÇÃO	3
CAPÍTULO 1.....	5
O TERCEIRO CONVITE	5
CAPÍTULO 2.....	7
DESPERTAR PARA O FACTO DE ESTAR DESPERTO	7
CAPÍTULO 3.....	12
DEUS É SIMULTANEAMENTE O CRIADOR E A CRIATURA	12
CAPÍTULO 4.....	17
O INSTINTO BÁSICO DA HUMANIDADE	17
CAPÍTULO 5.....	20
ESPÉCIE JOVEM À PROCURA DO SEU CAMINHO	20
CAPÍTULO 6.....	23
MUDAR AS CONDIÇÕES NA VIDA PESSOAL DE TODOS	23
CAPÍTULO 7.....	25
SERES ALTAMENTE EVOLUÍDOS E ALTAMENTE AVANÇADOS	25
CAPÍTULO 8.....	30
LIBERDADE É O QUE SEMPRE TEREMOS	30
CAPÍTULO 9.....	34
A INTENÇÃO DETERMINA A ASSINATURA ENERGÉTICA DOS EVENTOS QUE SE SEGUIRÃO	34
CAPÍTULO 10.....	39
DESLOCAR-SE ENTRE O ESTADO FÍSICO E O METAFÍSICO	39
CAPÍTULO 11.....	45
O AMOR É A ÚNICA ENERGIA OU ESSÊNCIA EXISTENTE NO COSMOS	45
CAPÍTULO 12.....	49
ELIMINAR A VIOLÊNCIA DA ESPÉCIE HUMANA	49
CAPÍTULO 13.....	52
DISTINÇÃO ENTRE UMA ESPÉCIE DESPERTA E A NOSSA ESPÉCIE NÃO DESPERTA	52
CAPÍTULO 14.....	56
AQUILO A QUE CHAMAS NÍVEL ELEMENTAR É A CONSCIÊNCIA	56
CAPÍTULO 15.....	60
METAFÍSICA 101: CURSO BREVE DE REALIDADE ÚLTIMA	60
CAPÍTULO 16.....	64
ENQUANTO PROCURAMOS ACORDAR DE UM LONGO SONO	64

CAPÍTULO 17	67
O QUE FUNIONA E O QUE NÃO FUNCIONA, EIS A QUESTÃO	67
CAPÍTULO 18	71
INTEGRAÇÃO TOTAL	71
CAPÍTULO 19	76
TRANSMUTAR O CONCEITO DE POSSE PARA O CONCEITO DE ADMINISTRAÇÃO	76
CAPÍTULO 20	81
EQUILÍBRIO ENTRE COSMOLOGIA E TECNOLOGIA	81
CAPÍTULO 21	86
O DOMÍNIO DO PODER DA METAFÍSICA	86
CAPÍTULO 22	89
A VONTADE SUPERCONSCIENTE INDIVIDUAL E COLETIVA	89
CAPÍTULO 23	94
OS QUATRO NÍVEIS DA CONSCIÊNCIA	94
CAPÍTULO 24	98
QUEM SÃO OS SERES ALTAMENTE EVOLUÍDOS E COMO NOS AJUDAM?	98
CAPÍTULO 25	105
NASCIMENTO DE UM SER ALTAMENTE EVOLUÍDO	105
CAPÍTULO 26	110
VESTÍGIOS DA ATUAÇÃO DE SERES ALTAMENTE EVOLUÍDOS	110
CAPÍTULO 27	115
COMPREENDENDO UM POUCO DA METAFÍSICA BÁSICA	115
CAPÍTULO 28	120
PENETRANDO UM POUCO NA COSMOLOGIA DA VIDA	120
CAPÍTULO 29	126
OS SERES ALTAMENTE AVANÇADOS	126
CAPÍTULO 30	130
MOMENTO PERFEITO PARA EVOLUIR	130
CAPÍTULO 31	136
INQUÉRITO MÁGICO	136
CAPÍTULO 32	140
EM CASA COM DEUS	140
CAPÍTULO 33	145
A ENERGIA NUNCA PODE SER CRIADA NEM DESTRUÍDA	145
CAPÍTULO 34	151

O AMOR É A NOSSA VERDADEIRA IDENTIDADE	151
CAPÍTULO 35.....	155
ESTAR DESPERTO PARA O FACTO DE ESTAR DESPERTO – O CULMINAR DO PROCESSO	155
ESPÍLOGO.....	161
O AUTOR.....	169
OBRAS DO AUTOR	170

NOTA DO AUTOR

Tenho a perfeita noção de que no livro mais recente da série Conversas com Deus — Regresso a Deus Numa Vida Que Não Tem Fim, escrito e publicado dez anos antes deste que tem diante de si — afirmei que esse seria o último destes diálogos publicado e amplamente distribuído por mim. A vida, porém, é um mosaico em mudança permanente e, considerando que todos somos Um com Deus, conseguimos realmente criar o que os realizadores de cinema apelidariam de «final alternativo» para qualquer história. Parece que foi isso o que aconteceu aqui. Uma nova decisão parece ter sido tomada a um nível Superconsciente (o nível em que funcionam todas as almas).

Poderia ter mantido privado este último diálogo, mas tudo dentro de mim gritava: «Nem te atrevas.» Com esta distribuição pública de uma nova transcrição palavra-por-palavra da minha mais recente conversa com Deus, sinto que estou a honrar uma promessa a Deus de fazer tudo ao meu alcance para continuar a colocar no mundo a informação mais importante que algum dia me foi transmitida — informação que, assim me foi demonstrado, pode alterar de forma positiva a experiência quotidiana de milhões de pessoas em todo o mundo.

Não obstante as principais religiões do mundo afirmarem todas que a revelação divina de Deus aos seres humanos tem ocorrido ao longo da História, compreendo perfeitamente se alguém sentir que um acontecimento tão abençoado não deveria presumivelmente ocorrer na vida de uma pessoa tão imensamente imperfeita e carregada de defeitos como eu próprio. Sempre disse, porém, que não sou eu, no singular, que tenho conversas com Deus, mas todos nós, no plural, o tempo todo. Simplesmente, a maioria atribui outro nome a essas conversas.

Todos temos a capacidade de aceder à fonte da mais elevada sabedoria que habita dentro de nós — a qual somos convidados a identificar com Deus a trabalhar em nós e através de nós. O próprio diálogo o diz de forma sucinta, na voz do Divino: «Eu falo constantemente com todos. A questão não é *Com quem falo?* A questão é: *Quem escuta?*».

Convido, por isso, o leitor a pôr de parte qualquer natural ceticismo que possa alimentar acerca da origem da informação que encontrará aqui, concentrando-se em vez disso em indagar se, sim ou não, aquilo que lhe for oferecido ao longo deste processo o ajudará a viver melhor a sua vida individual e, em termos mais vastos, a compreender a Própria Vida.

Este texto contém muita informação acerca da vida e da morte — bem como do tempo que medeia entre ambas. Contém provavelmente mais dados metafísicos que aqueles a que há muito o leitor não é exposto na mesma ocasião. Em determinado ponto do diálogo que se segue pode dar por si a dizer: «Seja

facto ou especulação, isto é imensamente fascinante » para depois, porém, e com toda a propriedade, se interrogar: «Mas de que serve saber tudo isto? O que tem isto a ver com a minha vida e o seu aperfeiçoamento — quanto mais com o aperfeiçoamento das vidas de todos nós que caminhamos na Terra?

Verá nestas páginas que formulei questão após questão na tentativa de tornar este diálogo significativo e relevante. O que sei é que hoje em dia, com tudo o que se passa neste mundo, as pessoas anseiam por e buscam uma mensagem de esperança, fé, cura e mudança. Descobri que esta última conversa com Deus me ofereceu isso mesmo, e é essa a razão por que me permito partilhá-la publicamente. O diálogo que aqui apresento inclui algumas afirmações desassombradas acerca do ponto em que nos encontramos atualmente. Mas não são apresentadas como juízos de valor, antes como lanternas que iluminam aquilo que somos agora convidados a ver e capacitados a levar à prática.

Sei que parece-banal, mas é possível um Amanhã Melhor para todos nós, tanto enquanto indivíduos como enquanto civilização. Muito, *muito* possível, se escolhermos trilhar esse caminho. Como este diálogo torna bem claro, estamos apenas a Uma Decisão de distância. Espero sinceramente que o leitor decida tomar essa decisão depois de ler o que se segue.

INTRODUÇÃO

Acordei de um sono profundo no dia 2 de Agosto de 2016. Foi O Impulso que me despertou. Soube-o logo. Não o sentia há quase dez anos, mas sabia bem do que se tratava.

Não fazia a mínima ideia de que horas eram, mas pensei para comigo mesmo: «Se forem 4:23, será que preciso de mais algum sinal?»

Olhei para o radiodespertador sobre a mesinha-da-cabeceira.

4:13.

Claro. O tempo à justa para me levantar da cama para o meu «encontro» das 4:23, O primeiro diálogo que alguma vez tive com Deus começou às 4:23 da manhã. E todas as manhãs, semanas a fio, eu era acordado entre as 4:15 e as 4:30 por um profundo impulso interior: *Regressa ao diálogo*.

Este padrão prosseguiu durante meses (e subsequentemente, anos). Perguntei-me se o *timing* teria algum significado concreto, mas acabei por abdicar da necessidade de o saber.

Quando o material das minhas primeiras conversas com Deus, rabiscadas em blocos de notas de folhas amarelas, se transformaram de facto num livro publicado (foi-me dito no diálogo que o livro seria publicado, pelo que correspondi ao desafio e levei-o a um editor), pareceu-me que algo importante teria tido lugar ali. E mais tarde, quando mais de um milhão de pessoas compraram o livro, e o vi ser traduzido para 37 línguas, tive a certeza.

Começaram então a chegar de fora dos EUA convites para falar em público e tive de procurar a minha certidão de nascimento, a fim de poder pedir que me fosse emitido um passaporte. Não consegui encontrá-la no meio da minha papelada, pelo que pedi uma cópia oficial à conservatória da zona onde nasci, pagando os respetivos custos.

Fiquei boquiaberto quando abri o envelope e examinei o documento.

HORA DE NASCIMENTO: 4:23 A.M.

Claro.

O facto de esta experiência de comunicação com o Divino parecer iniciar-se sempre, todos os dias, perto da hora em que vim ao mundo parecia-me, de alguma forma, encerrar um sentido muito particular. No mínimo dos mínimos, não podia ignorar a sua perfeita simetria.

Ao longo dos anos, então, sempre que dava por mim completamente desperto entre as 4:15 e as 4:30 da manhã, de olhos fixados no teto, com uma certa energia a atravessar-me o corpo, tinha a perfeita noção do que se passava.

Levantava-me de imediato, corria para o portátil e abria o espírito ao que quer que quisesse vir ao meu encontro.

E assim foi neste dia 2 de Agosto de 2016. Afastei os lençóis, levantei-me da cama, e agora aqui estou ao teclado. O único problema é que achava que não voltaria a fazer isto.

Eu explico.

Todos nós temos aquilo a que vim a chamar conversas com Deus — o tempo todo. Isto foi-me clarificado na página 5 das mais de 3000 páginas dos diálogos CCD já publicados. Assim, a minha experiência não era única nem fora do comum. Aquilo que era talvez um pouco fora do comum era o facto de eu ter registado por escrito esses meus encontros mais íntimos, enviando-os depois para uma editora — a qual, por sua vez, *realmente os imprimiu* e distribuiu pelas lojas.

Vim a compreender e a experienciar que eu (e todos nós) temos uma conexão profunda, pessoal e permanente com Deus e podemos ter uma verdadeira comunicação com O Divino, solicitando-lhe orientação, ajuda, conhecimento e assistência, sempre que o desejarmos. Esse era, de facto, o *grande objetivo do livro*. Ele foi colocado no mundo para abrir outras pessoas a esta experiência, por todo o lado; para convidá-las a um novo e mais pessoal relacionamento com Deus.

A sensação de que *tenho* de ter um tal diálogo, porém — a sensação de que «o momento chegou» para uma tal interação, assinalada por um profundo sentimento interior que brota dentro de mim e não pode ser ignorado —, é algo completamente diferente. Experimento-a como um sentimento que *se apodera de mim*, e não ocorria há cerca de dez anos. Convenci-me, por isso, de que essa sensação me assolava pela última vez.

Claro que eu sabia que escreveria de novo. Estarei sempre a escrever algo. Uma coluna para o Huffington Post. Um blogue. Uma publicação no Facebook. Uma resposta a alguém que coloca uma pergunta no Ask Neale. Talvez mesmo um livro grande a analisar aprofundadamente as mensagens que recebi. Alguma coisa.

Mas outra conversa com Deus em papel? Outro diálogo tu-cá-tu-lá com a Divindade? Pensava que esses dias tinham acabado. Pensava que o processo estava completo.

Enganei-me.

CAPÍTULO 1

O TERCEIRO CONVITE

Pensava que não voltaria a fazer isto. Pensava que este processo estava completo.

Há mais coisas a fazer. Mais um convite, Meu Querido.

Já aceitei dois: alterar o pensamento do mundo acerca de Deus e devolver as pessoas a si próprias. Pensava que era só isso.

Eu sei. Ainda não era chegado o momento do terceiro.

E agora é?

Agora é.

Tudo bem, então qual é o terceiro convite? E será o último?

Sim, este será o último. E estes convites, já agora, não são apenas dirigidos a ti. Dirigem-se a todos — muito embora nem todos os vão aceitar.

Os que o aceitarem autoidentificar-se-ão.

Sempre compreendi que as mensagens não eram apenas para mim. Relativamente a esses dois primeiros convites, sempre o compreendi.

Então agora chegou o momento do terceiro e último convite. Porque este é O Momento Perfeito para Progredir no teu planeta.

Parece realmente entusiasmante, sobretudo quando sinto exatamente o contrário. Parece que a nossa civilização está a andar para trás. Parece que nos estamos a tornar menos simpáticos, menos tolerantes, menos capazes de controlar os nossos apetites (já para não falar da nossa ira), menos capazes de aceder aos anjos melhores da nossa natureza.

Fico contente por compreenderes isso, por o experienciares, porque, se prestares atenção àquilo que está a acontecer contigo e à tua volta — e fizeres aquilo que te sentes interiormente chamado a fazer para lhe dar resposta —, não há razão para te preocupares seja com o que for.

Bem, a mim o caso parece-me malparado, mas não sei se não estarei a entregar-me ao meu próprio juízo sobre as coisas sem conseguir vê-las com clareza. Quer dizer, há muita coisa a passar-se neste planeta que me parece que não devia estar a passar-se.

Não se trata do que «devia» ou «não devia» estar a acontecer. Trata-se do que está a acontecer — tanto na tua experiência individual e altamente pessoal, como na experiência do coletivo chamado Humanidade — e de como podes mudar, e mesmo de forma bastante dramática, aquilo que sentes que são os aspetos piores da situação.

Este é O Momento Perfeito para começares a realizar essas mudanças, pois aquilo que está a acontecer agora — nos campos ambiental, político, económico, social e espiritual — providencia-te sinais manifestos, inconfundíveis, incontroversos e cristalinos de como o podes fazer.

E é por isso que está na hora do Terceiro Convite.

Muito bem, estou pronto. Estamos todos prontos. De que se trata? Qual é o Terceiro Convite?

Despertar a espécie.

CAPÍTULO 2

DESPERTAR PARA O FACTO DE ESTAR DESPERTO

Bom, *isso* não é especialmente ambicioso.

Haverá algo demasiado ambicioso para Deus?

Eu queria dizer para *mim*.

Também eu.

Estou a ver o que queres dizer.

Estás? Ou será que te esqueceste de Quem És?

Não. Bom, *sim*... no sentido em que não ajo dessa forma. Isto é, eu compreendo, ao nível intelectual, que Deus reside dentro de mim, que sou uma Individuação da Divindade, só que não o experiencio ao nível funcional.

Poderás querer começar a fazê-lo.

Isso é mais fácil de dizer do que de fazer.

Enquanto continuares a dizer o que acabaste de dizer, vais descobrir que é verdade. Mas não podes despertar a espécie antes de te despertares a ti próprio.

Eu sei, eu sei... estou a esforçar-me o mais possível.

Se calhar, vais querer esforçar-te ainda mais. Este é O Momento Perfeito para Progredir.

Estás a deixá-lo bem claro.

E, então, vão esforçar-se mais? Vão dar tudo de vós?

Não posso falar pelos outros, mas eu alinho. Diz-me como posso despertar mais depressa. Não há uma única pessoa à face da Terra que não queira aprendê-lo.

A forma mais rápida de despertar é seres a causa de outra pessoa despertar mais depressa.

Mas como posso eu «ser a causa» de outra pessoa despertar, se eu próprio não estou desperto?

Isso é interessante. Isso é a chamada Divina Dicotomia — quando duas verdades aparentemente contraditórias existem simultaneamente no mesmo espaço.

A verdade é que tu estás desperto, só não sabes que o estás. Por isso, nesse sentido, não estás.

Não estás desperto para o facto de que estás desperto. Por isso, parece-te que não estás desperto.

Ajudas-me nisso? Tive a sensação de que andámos em círculos relativamente a essa questão.

Alguma vez ouviste um barulho a meio da noite e pensaste que fazia parte de um sonho, para afinal te surpreenderes ao descobrir que afinal estavas acordado?

Claro que sim. Isso já aconteceu a todos nós.

Ora aí está.

Muito bem, vamos então pôr-nos de acordo em que estou desperto, só que ainda não o sei. O que me pode fazer *perceber* que estou desperto?

Alguma vez acordaste assustado por causa de um pesadelo?

Mais uma vez, já. Todos já tivemos também essa experiência.

Neste preciso momento estás a acordar assustado devido a algumas das condições do teu planeta, algumas das quais se tornaram um autêntico pesadelo.

Tu próprio disseste que tens a sensação de estar a andar para trás.

Na minha vida pessoal, às vezes, sim, não é apenas em termos globais.

Ser capaz de observar isso é muito bom. Far-te-á saber que estás desperto, que não se trata simplesmente de um sonho mau, que é uma realidade que já não te cabe escolher.

Todos os dias te tornas mais e mais consciente daquilo que se passa, e isso vai ajudar-te a recordares-te de Quem És — e ao mesmo tempo motivar-te para começares a agir em conformidade.

É só isso que tem de acontecer aqui. Nada mais é necessário para que todos vocês que já sentem que estão despertos ponham fim a todos os pesadelos que vos afligem. Só têm de despertar para o facto de já estarem despertos, e para o facto de haver alguma coisa que podem fazer relativamente àquilo que veem acontecer à vossa volta.

Não sei se estou à altura da tarefa de salvar o mundo.

Isto nada tem a ver com salvar o mundo. Tem a ver, sim, com a tua viagem espiritual pessoal; tem a ver com a tua evolução individual. Pode muito bem vir

a ser o período mais emocionante, mais entusiasmante, que já experimentaste desde que vieste ao mundo.

E o mundo pode realmente mudar, pode realmente ser «salvo» pela tua decisão de começares a agir como Quem Realmente És — mas esse não terá sido o grande objetivo.

A tua evolução pessoal é que será o objetivo e propósito de toda e cada uma das mudanças que fizeres na forma como te movimentas e experiencias o mundo.

Se for teu desejo demonstrar Quem Realmente És — e uma forma de te veres a ti mesmo a fazê-lo é ajudares a pôr fim ao sofrimento dos outros, trazendo cura a um planeta, afetando de um modo positivo o futuro daqueles que amas —, então não te sentirás sobrecarregado por uma «tarefa demasiado grande». Sentir-te-ás, sim, feliz e entusiasmado com a oportunidade que a Vida pôs diante de ti neste Momento Perfeito para Progredir.

O Terceiro Convite é para despertares, como parte do teu processo de evolução pessoal, os muitos membros da tua espécie que já estão despertos, para o facto de o estarem, para de seguida os inspirares a começarem também eles a agir em conformidade, de modo a modelarem e inspirarem um comportamento desperto nos outros que ainda estão adormecidos — e fazeres tudo isso porque é a isso que a tua evolução pessoal te chama.

Obrigado. Já «percebi». Mas ainda tenho esta dúvida. Se muitas pessoas estão já despertas, por que é que *não* agem em conformidade? Estás a querer dizer-me que nenhuma delas — nem uma única — *sabe* que está desperta? Estarão todas ainda a pensar que estão simplesmente a «sonhar» aquilo que lhes parece ser um pesadelo chamado «notícias de hoje» sobre a Terra?

Não. Muitas delas sabem que o que se está a passar é bem real, e estão despertas para a noção de quem são e do que seria preciso para acordarem o resto da espécie.

Mas nesse caso a minha questão persiste: se há assim tantos seres humanos que sabem que estão despertos, por que é o mundo tal como é? Eu sou um perfeito exemplo disso. Todos os dias faço algo, digo algo, ou penso algo que não se assemelha nem de perto nem de longe ao comportamento de alguém que está «desperto». Se eu sei que estou desperto, como tu afirmas, então por que me comporto como me comporto?

Porque estar desperto e saber o que sabes... e ter tudo aquilo que sabes totalmente integrado na tua vida... são duas coisas bem diferentes.

Por vezes — particularmente quando somos muito jovens ou agimos com falta de maturidade — é mais apelativo fingirmos que não sabemos aquilo que sabemos. Ou, simplesmente, ignorarmos o facto de sabermos.

E, por vezes, simplesmente esquecemo-nos.

O teu pai nunca te perguntou: «Por que há-de fazer uma coisa dessas quando sabes que é um erro?»

Claro. Ouvi isso umas cem vezes.

Passa a cento e uma vezes.

Olha, a tua espécie é muito jovem. Vocês são como crianças. São como que os pequenitos do universo. Por isso andam por aí a fazer coisas que sabem não serem boas para vocês, só porque no momento parecem mais divertidas. Ou então, pura e simplesmente, esquecem-se daquilo que vos disseram.

Essa é a história da experiência coletiva da vossa espécie sobre a Terra. E tu permitiste que essa seja igualmente a tua experiência enquanto indivíduo, *apesar de saberes que está errada.*

Não estás simplesmente a observar um comportamento não benéfico nos outros — estás de facto a envolver-te tu mesmo nesse comportamento.

Agora, porém, será benéfico para ti podes de parte os teus comportamentos infantis.

Eu sei.

E eu sei que tu sabes. É precisamente o que tenho estado a dizer.

Mesmo aqueles que antes não sabiam, agora já sabem. Está a tornar-se demasiado óbvio para que mesmo os membros mais imaturos da tua espécie em permanente evolução não o vejam, não o compreendam, ou finjam que não sabem.

Não obstante, vocês continuam a não agir como quem sabe. Não estão a integrar aquilo que sabem. Por isso, sabem, mas não agem como quem sabe aquilo que vocês sabem. Estão despertos para Quem São e para O Que É Verdade, mas o vosso comportamento não o reflete. Continuam a agir como sonâmbulos.

Ora, se não querem embater numa parede ou cair de um precipício, fariam bem em despertar para o facto de já estarem despertos, de não estarem a sonhar com um dos pesadelos decorrentes da situação da Terra. E para o facto

de que não se trata de «inventar» ou imaginar que este mesmo dia é O Momento Perfeito para Progredir na vossa evolução.

Já percebi! Estás sempre a dizê-lo e agora já percebi. Compreendo. E aposto que os outros que estão a ler isto também já compreendem. São boas notícias para todos.

São boas notícias para todos, sim. E eu estou a colocar grande ênfase nisto. Estou a repetir-me.

Todo este diálogo que te sentiste chamado a ter comigo tem a ver com repetir outras coisas que te disse noutras conversas.

Tem a ver com ouvir de novo, para agora perceber tudo. Tem a ver com juntar as peças à medida que avanças para a Integração Total, para depois te sentires livre para aceitar O Terceiro Convite.

Sente-te à vontade para despertares a tua espécie, porque este é verdadeiramente O Momento Perfeito para Progredir.

CAPÍTULO 3

DEUS É SIMULTANEAMENTE O CRIADOR E A CRIATURA

Por que te preocupas tanto? Pensava que Deus não tomava posição sobre questões temporais.

Estás a dizer-me que tens preferências, que estás profundamente preocupado com a forma como se desenrola a minha vida, bem como toda a vida na Terra? E se és realmente o Deus deste universo e tens de facto uma preferência, como podes não ter o que queres?

Espero que estas sejam questões aceitáveis, porque algumas pessoas vão ficar confusas.

Todas as questões são aceitáveis. A tua oportunidade (e também a oportunidade de todos os que se autoidentificam como quem vê na ajuda aos outros no seu percurso evolutivo uma etapa da sua jornada evolutiva) é a de fazeres o que puderes para despertar a tua espécie, em primeiro lugar através do teu comportamento. Pois é aquilo que fazes, é aquilo que és no mundo, que agitará e despertará os outros, surpreendendo-os e levando-os a compreender as suas próprias possibilidades. Menos importante, mas também com o seu valor, será aquilo que dizes aos outros; teres a coragem de partilhar palavras, pensamentos e ideias que não gozam de aceitação geral, mas podem servir para abrir uma estrada rumo a uma maior clareza para muitos.

Ora, para dar resposta à questão em cima da mesa: eu não «quero» que tu despertes a tua espécie, mais do que «quero» seja o que for. Por favor sê claro. Deus não vive necessitado de nada. Tudo aquilo que Deus quer Deus pode ter. No entanto, Deus tem de facto desejos. É o desejo de Deus que movimenta o motor da criação. É o Desejo Divino que faz andar o Universo.

Ok, usaremos então a palavra «desejo». Se Deus «deseja» que a Humanidade desperte — e presumo que o objetivo desse despertar é preservar e melhorar o seu modo de vida — haverá alguma dúvida de que isso vai acontecer?

O desejo de Deus não é que ocorram resultados particulares, mas sim que os seres sencientes, isto é, sensíveis, do universo de Deus sejam inteiramente capacitados para criar aquilo que quiserem. Se todos os seres sencientes do universo não tivessem outra escolha que não a de fazer exatamente o que Deus

os manda fazer, viveríamos num universo povoado de máquinas. Autômatos. Robôs. Androides.

Isso deitaria por terra todo o propósito de Deus ao criar, logo para começar, seres sencientes — que é o de permitir a Deus experienciar-se a si próprio como aquilo que é: o Criador de Livre Vontade da sua Própria Experiência.

É fundamental compreender que Deus é simultaneamente o Criador e a Criatura. Não há separação entre ambos.

Eu sei. Tenho perfeitamente claro no meu espírito que não há nada que não seja Deus.

A verdade é exatamente essa.

Deus experiencia o ato de «criação», portanto, não exigindo que todo Ele Próprio siga ordens, mas exatamente ao contrário: permitindo que todas as suas criações criem o que quer que desejem e capacitando-as para tal.

Com isto, as Partes de Deus demonstram a característica fundamental do Todo: Liberdade.

Liberdade absoluta para criar como só um Puro Criador pode, sem limitações e restrições de qualquer tipo. Este é o poder concedido a todos os seres sencientes. É o poder concedido a todos os seres humanos.

Compreendes agora? O meu desejo não é que a Humanidade seja completamente despertada. O meu desejo é que vocês estejam sempre capacitados para ter e criar, para expressar e experienciar, o que quer que desejem. Se isso significa estarem despertos, ótimo. Se isso significa não despertarem, ótimo também. Não tenho preferência na questão, exceto a preferência de a vossa preferência ser concretizada.

Nesse caso, porque é que o Terceiro Convite é alargado por *ti*? Não se trata de irmos nós ter contigo, mais parece que tu vens ter *connosco*.

Mas vocês estão a vir ter comigo. Pediram-me, todos vocês me pediram ajuda. Tudo aquilo que pensam, dizem e rezam me diz que querem mudar a vossa vida. E que querem que a vida na Terra seja diferente.

Acham que eu não ouço isso?

O que está bem claro é que a única forma de a vossa própria vida, bem como a vida da vossa espécie, mudar mesmo para melhor é despertando. E por isso, despertar passa a ser o ponto principal da agenda.

Mas esta é a vossa agenda, a vossa oração, é o que vocês querem. O meu papel consiste simplesmente em capacitar-vos para criarem aquilo que desejam.

Foi por isso que vos fiz chegar o Terceiro Convite.

Desculpa, mas continua a parecer-me que um «convite» significa *tu* a estenderes-*nos* a mão.

Já respondo a isso. Mas, primeiro, responde-me a isto, que pode levantar dúvidas aos que estão a acompanhar esta conversa: por que é tudo isto tão importante para ti? Por que estás a gastar tanto tempo a tentar saber «quem convidou quem»?

Porque, se tudo isto és tu a vir ter connosco, muitos poderão ver nisso algo muito parecido com uma ordem, e não uma oportunidade; uma imposição, e não um convite. Eu sei que não dás «ordens» nem nos fazes «imposições», mas este teu convite pode parecer a alguns um daqueles filmes da Máfia em que Don Corleone diz: «Vou fazer-lhe uma proposta irrecusável.»

Não que esteja a comparar-te a um mafioso, mas... quer dizer... quem pode dizer não a Deus?

Muita gente, na verdade.

Pronto, não devia ter perguntado... mas a verdadeira questão é: isto é uma «ordem» de Deus? Estamos a ser comandados?

Não. Tu mesmo o disseste: eu não dou «ordens» a nada nem a ninguém. Não preciso de o fazer.

Pensa na coisa assim. Se um amigo teu, um ente querido, te bater à porta da frente, foste tu que foste ter com ele, ou foi ele que veio ter contigo?

Foi ele que veio ter comigo, claro.

E, se lhe abrires a porta e o convidares a entrar, será o teu convite uma *ordem*, ou uma resposta amorosa ao facto de ele te ter batido à porta?

Bonito. Bonita analogia. Estás a dizer, portanto, que nós batemos à tua porta.

Meu querido, estás praticamente a arrombá-la. Tu e mais metade da raça humana.

Não consegues ouvir o clamor da tua espécie?

«Ajudem-nos! Haja alguém, por favor, que nos ajude a mudar.»

Sim, ouço. A brotar de dentro do meu próprio coração, claro que ouço.

E por isso é que eu vos fiz o Terceiro Convite.

Ainda há aqueles que dirão: tu é que és o Deus, aqui, não somos nós. Em vez de convidares os *seres humanos* para despertarem a sua espécie, por que não o fazes *tu mesmo*?

E depois repetir-lhes, vezes sem conta: a função de Deus é capacitar-vos a fazer acontecer aquilo que desejam fazer acontecer, e não fazê-lo acontecer para vocês.

O meu papel consiste em dar-vos a liberdade e os meios para criarem a vossa própria realidade, produzirem o vosso próprio futuro, gerarem o vosso próprio rendimento.

O objetivo é conservar-vos no papel de Criador.

Nunca foi minha intenção que os seres humanos fossem meros operários de uma linha de montagem, montando aquilo que eu concebi. A minha intenção, desde o início, foi sentar-vos ao estirador, a produzirem o vosso próprio design.

Então és *tu* que estás na linha de montagem, a montar aquilo que *nós* desenhámos!

É a minha vez de dizer: «Bonita analogia».

A linha de montagem providencia os meios pelos quais o designer transforma ideias em realidade. Neste caso, porém, existem alguns constrangimentos. Não vou montar as partes para rebentar com a fábrica toda.

Estamos a falar metaforicamente, é claro.

Quer dizer que podemos acabar com o nosso modo de vida aqui na Terra...

...se for essa a vossa escolha...

...mas não podemos «desmontar» a «linha de montagem». Podemos afetar a nossa realidade local, mas não podemos afetar a Realidade Última.

Correto. Já percebeste. Agora compreendeste.

Por isso, continuando com a tua metáfora, estás a convidar-nos a não deitarmos fogo ao nosso estirador.

Exatamente. E também vos convido a repararem que, agora mesmo, alguns de vocês — uma pequena percentagem, mas suficiente para haver perigo para todos — estão a comportar-se como crianças a brincar com fósforos.

Oh, oh.

Sim. Mas é por isso que este é O Momento Perfeito para Progredir.

Porque estamos a começar a sentir o calor?

Bela metáfora.

Por isso... para continuarmos com essa metáfora... sim, vocês estão a sentir o calor e ainda podem largar os fósforos.

CAPÍTULO 4

O INSTINTO BÁSICO DA HUMANIDADE

Eu sei que, observando as nossas ações, pode não parecer, mas nós, seres humanos, queremos mesmo sobreviver. É por isso que estamos a clamar por ajuda. A maioria dos seres humanos diz que a «sobrevivência» é o instinto básico.

Na verdade, a sobrevivência não é o vosso instinto básico. Se todos vocês seguissem o vosso instinto básico, a sobrevivência da vossa espécie não estaria em questão. Estaria garantida.

Eu sei.

O instinto básico da Humanidade é a expressão da Verdadeira Identidade de todo o ser humano — que é a Divindade.

Em termos humanos, isso traduz-se em Amor Puro. Amor que não conhece condições e se expressa qualquer que seja o custo.

Esse é o impulso fundamental, razão pela qual os seres humanos correm para dentro de um edifício a arder em vez de fugirem dele, se por acaso ouvem um bebé chorar.

Ao nível mais elevado, naquele instante em que a decisão mais urgente tem de ser tomada, a maioria das pessoas não fica especada a pesar os prós e os contras da sua própria sobrevivência enquanto o bebé chora. Faz, sim, aquilo que está na sua Verdadeira Natureza fazer.

Em momentos desses, vocês compreendem que não há forma de poderem deixar de existir. O vosso espírito, a essência de Quem São, viverá para sempre — e, no mais fundo de vós, não têm grandes dúvidas sobre isso. A sobrevivência, por isso, deixa de ser a questão fundamental. Não se trata de saber se viverão, mas como viverão — quer seja por mais vinte anos, quer seja por mais vinte minutos.

Ora bem, é verdade que vocês podem ter um desejo intenso de continuar a viver na vossa forma física presente durante mais de vinte minutos, mas o vosso instinto básico no sentido de expressar a Divindade, transformando-vos na personificação do amor incondicional, supera e sobrepõe-se a esse desejo.

Infelizmente, nem todos os membros da vossa espécie experienciam este nível de clareza durante os momentos banais da vida. O número dos que o fazem é até, na verdade, muitíssimo baixo.

É fácil perderem-se no labirinto da vida. Só nos momentos mais difíceis, nos quais «os dados foram lançados», é que a maioria dos seres humanos age como se estivesse «fora da sua mente» — pois está de facto, de forma perfeitamente literal. Seguem, em vez disso, o impulso da sua alma.

Se os seres humanos seguissem o impulso da sua alma em *todos* os momentos, criariam o Céu na Terra da noite para o dia. Poderiam fazê-lo simplesmente vendo em cada minuto de cada dia um Momento Edifício em Chamas. Um momento em que acedemos de facto, de forma instantânea e fácil, aos anjos melhores da nossa natureza.

É isso o que farão todos aqueles que se autoidentificaram como aqueles que optaram por ajudar a despertar a sua espécie. Seguirão a cada momento o impulso da sua alma, e encorajarão os outros a fazer o mesmo, enquanto procuram encontrar um modelo para a melhor forma de o fazer.

Lembra-te, porém, de que a tua espécie é muito jovem, e não há muitos de vós que compreendam por que razão estão na Terra e façam justiça às implicações da vossa Vida Eterna com Deus.

Se os seres humanos imaginam que existe algum tempo, sequer, de vida eterna, muitos estão convencidos de que se trata de alguma forma de recompensa ou punição eterna, encarando o Reino de Deus como uma meritocracia. Por consequência, criaram um mundo de recompensa e punição, fazendo refletir na realidade física uma compreensão totalmente errónea da Realidade Última.

Sim, sim, eu sei. Já tínhamos falado dessas falsas noções, em conversas anteriores.

Voltemos então agora à ideia que realçámos anteriormente, a de que a maioria de vocês gostaria que a vossa experiência continuasse a existir na sua forma física atual.

Vocês querem que os vossos filhos e os filhos dos vossos filhos disponham das mesmas oportunidades que vocês tiveram — a oportunidade de experienciar este planeta físico maravilhoso, este ambiente belo e especial, esta expressão particular da vida.

E, no entanto, há aqui uma ironia. Apesar de dizerem que querem que a vossa espécie continue e melhore o seu modo de vida, muitos de vocês fazem coisas que o dificultam imenso.

Mas não *de propósito*.

Não. Não de propósito. Mas aí é que está. Muitos de vocês não têm «um propósito» no modo como vivem as vossas vidas coletivas. Muitos dizem uma coisa e fazem outra bem diferente.

E esta é a questão mais importante com que se depara a raça humana caso queira verdadeiramente tirar partido do facto de este ser O Momento Perfeito para Progredir no seio da vossa espécie, de continuar a existir numa versão agradável e maravilhosa da fisicalidade.

E estamos a pedir uma ajudinha em relação a isso, agora mesmo, pelo facto de a nossa «versão da fisicalidade» não ser assim tão maravilhosa nem tão agradável para demasiados membros da nossa espécie.

A maioria dos sistemas que criámos com o objetivo de criar uma vida melhor para todos nós neste planeta não produziram os resultados pretendidos.

Os nossos sistemas políticos, por exemplo, produziram discórdia e desordem contínuas. Os nossos sistemas económicos produziram cada vez mais pobreza e uma enorme desigualdade económica. Os nossos sistemas de saúde estão longe de fazer o que é preciso para eliminar a desigualdade de acesso à medicina e aos cuidados de saúde modernos. Os nossos sistemas de assistência social geram cada vez mais discórdia e desigualdade, já para não falar nas frequentes injustiças.

E o mais triste de tudo é que os nossos sistemas espirituais produziram, de muitas formas e em demasiados sítios, uma amarga e chocante intolerância, uma raiva generalizada, um ódio enraizado, uma violência autojustificada.

Percebes o que quero dizer quando afirmo que vocês já estão despertos? É que estão a observar as coisas com clareza. Há exceções, claro, mas salta à vista que a vossa visão geral é correta.

CAPÍTULO 5

ESPÉCIE JOVEM À PROCURA DO SEU CAMINHO

Não quero apontar nada exceto «o que está errado». Quero falar na facilidade que temos em mudar as coisas subindo simplesmente um nível na nossa consciência coletiva.

Vai ser fácil. Bastante fácil.

Não podem, porém, «mudar as coisas» se não souberem o que querem mudar. Pode, por isso, ser útil discutir um pouco o que não está a correr bem, permitindo à Humanidade tomar consciência de onde poderá querer melhorar.

Isto é verdade sobretudo relativamente a pessoas com uma mentalidade do tipo «não vejo nenhum mal, não ouço nenhum mal, não digo nada de mal», que não prestam habitualmente atenção a este tipo de coisas.

Sim. Mas estou mesmo a ver muitos apologistas do progresso humano a fazerem fila para dizer: «Esperem aí um minuto! Nós já fizemos progressos enormes!» Dirão que temos de considerar o quanto a Humanidade tem avançado. E terão razão ao afirmarem que as coisas não estão tão mal como já estiveram.

Então o que lhes dirias?

Dir-lhes-ia: «Sim, mas é só isso? Será isso o máximo que podemos dizer acerca da nossa experiência global? «*As coisas não estão tão mal como já estiveram*»? Não poderemos ao menos dizer que a nossa espécie se tornou finalmente *civilizada*?

De seguida, convidá-los-ia a serem juízes desta questão. E apontaria coisas que poucos sabem — ou sobre as quais pouco pensam. Ou *querem pensar*.

Como por exemplo?...

Como por exemplo o facto de mais de 1,5 mil milhões de pessoas, neste preciso momento, não terem eletricidade neste século, que é o século XXI. Como por exemplo o facto de um número *ainda maior*, de mais de 1,6 mil milhões de pessoas, não ter sequer acesso a água potável. Como por exemplo o facto de um número ainda maior, de mais de 2,5 mil milhões, não terem saneamento básico.

Tudo isto pode parecer simples inconveniências, mas algumas dessas condições em que vivem os seres humanos têm enormes implicações. Por

exemplo, mais de 19 000 crianças morrem *todos os dias* neste planeta devido a problemas sanitários evitáveis, tais como malária, diarreia e pneumonia.

E há também um outro problema — que poderíamos resolver virtualmente de um dia para o outro se de facto quiséssemos: mais de 650 crianças morrem de fome a cada hora que passa neste planeta.

Entretanto, 85 das pessoas mais ricas do mundo dispõem de uma riqueza superior à dos outros 3,5 mil milhões... isto é, metade da população do planeta.

Muitos insistem em que não há nada de errado nisso, e que esta última estatística nada tem a ver com as anteriores.

«E então», perguntaria eu a esses apologistas: «O que acham? Será esta uma espécie civilizada?»

E qual achas que seria a resposta deles?

Bom, para dizer a verdade, já tive este género de discussão, e muitas pessoas tornam-se defensivas. Especialmente quando se encontram entre a percentagem menor da população mundial que detém ou controla a maior percentagem da sua riqueza e dos seus recursos.

Dizem eles que aqueles que «têm» estão a dar o seu melhor para conseguir mais para aqueles que «não têm». E muitos deles, se não mesmo a maioria, *fizeram* de facto o seu melhor. O problema não está nos indivíduos, mas sim nas instituições da sociedade. Na forma como o «sistema» está concebido. O problema está nas estruturas e construções económicas.

A vossa espécie é jovem — ainda está à procura do seu caminho.

O resultado é que muitos descrevem a nossa espécie como «civilizada» não obstante o facto de ainda estarmos a construir, e mesmo a ameaçar utilizar, armas de destruição maciça numa comunidade global que ainda não conseguiu encontrar uma forma de todos se darem bem. E eu insisto na minha pergunta: será isto civilizado?

Muitos descrevem a nossa espécie como «civilizada» não obstante o facto de continuarmos a matar intencionalmente seres humanos como forma de ensinar aos seres humanos que matar seres humanos intencionalmente não está certo — e não conseguimos apercebermo-nos desta contradição. E eu continuo a perguntar: será que isto faz sentido?

Muitos descrevem a nossa espécie como «civilizada» não obstante o facto de continuarmos a afirmar que um Deus de amor não quer que as pessoas que se amam casem uma com a outra se forem do mesmo sexo — ou mesmo que não sejam do mesmo sexo, mas pertençam a diferentes raças, religiões, tribos ou culturas. E eu continuo a interrogar-me: será esta a nossa definição de amor?

Muitos descrevem a nossa espécie como «civilizada» apesar do facto de continuarmos a matar-nos brutalmente e a comer a carne de outras criaturas vivas, fingindo que essas criaturas não são suficientemente conscientes para

experimentarem «sofrimento» na forma como são criadas e abatidas — ou que isso não importa, mesmo que elas experimentem de facto sofrimento, uma vez que os seres humanos exercem *domínio* sobre elas, podendo por isso fazer-lhes o que quiserem, como quiserem, quando quiserem. E a minha pergunta mantém-se: é assim que definimos a espécie humana como humana?

Muitos descrevem a nossa espécie como «civilizada» não obstante o facto de continuarmos a fumar e a ingerir carcinogéneos bem conhecidos, minimizando o facto de um número enorme de pessoas sofrer daquilo que fazemos a *nós próprios*, e de continuarmos a abusar de álcool e drogas, fingindo que conseguimos lidar com essas substâncias — enquanto não lidamos de todo bem com elas, antes as deixamos alterar-nos a própria personalidade, a raiz do nosso *ser*. E eu não posso deixar de perguntar: será isto uma medida da nossa inteligência?

Estes problemas que se apresentam a si próprios de uma forma tão incontornavelmente visível e dramaticamente óbvia são aquilo que faz deste O Momento Perfeito para Progredir.

Há cinquenta anos — ou mesmo há vinte —, antes da enorme expansão da Internet, e da explosão das redes sociais até se tornarem globais, esses problemas já existiam sem que a maior parte das pessoas se apercebesse deles.

Estou a ver o que estás a dizer. É «o momento certo» para a Humanidade conseguir de facto fazer algo relativamente a isto, agora, pois agora todos sabem, *todos* — não apenas umas quantas pessoas aqui e ali a trabalharem em organizações ativistas, instituições académicas ou organismos governamentais —, todos podem ter consciência dos problemas que existem, e de quão *difundidos* estão. Dá para imaginar 1,6 mil milhões de pessoas que não têm sequer acesso a água potável, no primeiro quartel do século XXI, num planeta cujos habitantes se consideram evoluídos?

Estás, portanto, a perceber que não podes resolver problemas que não conheces — e que conhecê-los e falar cada vez mais sobre eles é algo a que te podes dedicar, pois isso gera o clima perfeito para finalmente os abordar e se poder descobrir soluções.

Exatamente! Ou, dito de outra forma, a necessidade é a mãe da invenção.

Tenho uma esperança enorme de que a aventura humana se transforme numa das mais jubilosas e bem-sucedidas expressões de vida no cosmos. Tenho a certeza de que estamos a apenas Uma Decisão de Distância de criar isso mesmo.

E qual é essa Decisão?

CAPÍTULO 6

MUDAR AS CONDIÇÕES NA VIDA PESSOAL DE TODOS

Estou convencido de que podemos mudar a experiência global de toda a nossa espécie tomando a decisão de explorar de mente aberta, genuinamente, sem restrições — para de seguida aceitar de coração aberto, cheios de alegria e sem reservas — a realidade de Quem Realmente Somos.

Muito bem dito.

E essa será uma decisão que terá um enorme impacto, pelo facto de se relacionar com o teu processo evolutivo individual. Não te esqueças de que aquilo que aqui estamos a discutir não tem a ver com mudar as condições mundiais, mas sim com mudar as condições na vida pessoal de todos, na experiência quotidiana de cada um. Na verdade, como já disse antes, é aí que tudo começa. É aí que a coisa começa.

O Terceiro Convite tem a ver com o que se passa na vida de cada um, com a forma como a sente, e com aquilo que apresenta como sua próxima manifestação.

Podes ser um Eu transformado se aceitares o convite para despertar a espécie, pois é exatamente como eu disse no início: a forma mais rápida de despertar o Eu é despertarmo-nos uns aos outros.

Quando começares a concentrar-te nisto, aperceber-te-ás de que *já estás* desperto — e isso fará toda a diferença.

Mudará a forma como pensas, a forma como falas, a forma como ages e a forma como escolhes ser em cada momento e situação.

E isso, por seu turno, afetará tanto aquilo que é atraído para ti na tua vida como a forma como experiencias o que quer que venha ter contigo.

Agora, a única questão é a de saber se a humanidade tomará essa Única Decisão. Mas eu acredito que isso *pode ser feito*. Não é um sonho impossível, totalmente inalcançável e completamente fora de questão.

Absolutamente. Mas vai convidar e exigir uma mudança maravilhosa na consciência individual e na consciência de grupo. Uma expansão quântica da perspetiva e da perceção da humanidade.

Um aumento de consciência gigante e jubiloso. Mas realcemos de novo: é possível, caso contrário não estarias a dizer que este é O Momento Perfeito para Progredir.

Não só é possível como já está a acontecer agora mesmo. Não estarias a ter esta conversa — e ninguém a acompanharia — caso uma tal mudança de consciência não fosse agora evidente e não estivesse a acontecer neste preciso momento.

O passo seguinte é o de cada vez mais seres humanos despertarem.

Compreendo o Terceiro Convite. Agora compreendo-o totalmente. E compreendo também todos os que acompanham este processo. Suspeito de que haverá muita gente a optar por fazer a sua evolução pessoal progredir emprestando humildemente as suas energias ao despertar da espécie por qualquer forma que lhe seja possível, por mais pequena que possa ser, trabalhando no seu próprio despertar.

E para vos ajudar a todos a conseguir isso, estás convidado a voltar-te para Aspetos Superiores da Realidade Única dos quais és uma parte integral.

Espera. Só um momento. Eu estava «a apanhar» absolutamente tudo o que dizias, mas agora fizeste-me perder o fio à meada.

És encorajado a compreender que não estás sozinho quando enfrentas os desafios com que se confronta agora a tua espécie.

Sim, eu sei que quase todos na Terra estão preocupados com isso. Poucas pessoas neste planeta não estão preocupadas com o futuro, tentando, cada uma à sua maneira, fazer alguma coisa para criar um amanhã melhor.

O desafio que se nos coloca é o facto de termos tentado tantas coisas diferentes, sem termos ainda encontrado a resposta. Não encontrámos ainda, como eu disse, uma forma de simplesmente convivermos uns com os outros. Não somos sequer capazes de encontrar uma forma de deixarmos de nos matar uns aos outros.

Talvez seja, então, tempo de pedir ajuda aos que já encontraram um caminho.

Como acabei de dizer, praticamente toda a gente da Terra tentou e, até aqui, falhou.

Então voltem-se para os que não estão na Terra.

Como é que é?...

Talvez esteja na hora de ir pedir ajuda àqueles que não estão na Terra, que sabem tudo sobre a vida na Terra, mas não são da Terra.

CAPÍTULO 7

SERES ALTAMENTE EVOLUÍDOS E ALTAMENTE AVANÇADOS

Uau. Que porta é que abriste agora?

Uma porta que sempre esteve aberta. Vocês é que ainda não a transpuseram.

Estamos a falar de seres extraterrestres?

Achas que existem seres extraterrestres?

Bom, sim, acho. Tu até me disseste que havia. Tivemos uma longa discussão acerca deles desde o Capítulo 16 até o fim do *Conversas com Deus, Livro 3*.

E o que é que eu te disse nessa altura?

Disseste que havia muitas civilizações avançadas no Universo. Não dezenas, nem centenas, mas *milhares*.

Falaste demoradamente daquilo a que chamaste «Seres Altamente Evoluídos», para os quais criaste a sigla SAE. E descreveste a maioria dos fundamentos da vida nas sociedades altamente evoluídas.

Lembra-te do que acabaste de dizer, pois isso vai desempenhar um papel importante nos caminhos que seguiremos mais tarde neste diálogo.

Tudo bem, vou lembrar-me. E aquilo que eu gostava de dizer agora é que nada daquilo que foi anteriormente partilhado acerca de civilizações fora da Terra me pareceu fora do domínio do possível. Nada parecia exagerado e improvável. Encontramo-nos, afinal, no meio de um imenso universo. O que de facto me parece improvável é a ideia de nós sermos os únicos seres sencientes neste universo. As probabilidades de isso acontecer devem ser uma num centilião.

Na verdade, não há a mínima probabilidade de isso acontecer. É claro que existem outros seres sencientes no Universo. Estão por todo o lado.

E esses seres estão dispostos a ajudar-nos? É isso que estás a dizer?

Estou a dizer que não precisam de achar que estão sozinhos se aceitarem o convite para despertarem a vossa espécie.

Bom, nós não achamos isso. Tu próprio disseste que nos voltámos para ti. Batemos-te à porta. Voltámo-nos para Deus. Isso não deveria bastar? Voltamo-

nos para Deus e tu dizes-nos para procurarmos outras formas de vida no universo?

A Divindade assume muitas formas diferentes. A vossa é apenas uma delas. Por isso, se quiserem experienciar que Deus vos está a ajudar, olhem para vocês mesmos e para a vossa sabedoria mais elevada — mas então, não hesitem em olhar também para todas as Manifestações de Divindade que estão à vossa disposição para vos ajudarem.

Não ignorem aqueles que poderão estar a abrir-vos a porta depois de vocês baterem.

Estás mesmo a pensar em Seres de fora deste planeta, não estás?

Estou.

Estou certo de que muitos seres humanos poderão pensar que a nossa ajuda virá dos céus, mas não de *outras formas de vida* dos céus!

Seria sinal de vistas curtas ignorar ou negar essa possibilidade.

Então deixa-me ver se percebi, porque não quero que haja aqui nenhuma confusão. Estás a dizer que outras formas de vida do universo estão a decidir ajudar-nos?

Algumas, sim. Não todas as outras formas de vida, mas algumas.

Nem todas as outras formas de vida são benévolas.

Bom, *isso* é um bocado assustador.

Porquê? Nem os seres humanos são todos benévolos. Muitos de vocês nem sequer se ajudam a vocês mesmos. E fazem mesmo mal uns aos outros.

Sim, mas somos uma espécie muito jovem. E já concordámos em que muitos seres humanos estão a agir como crianças. Tu disseste que muitas das outras espécies de seres sencientes do universo são muito mais avançadas do que nós.

Isso não significa que vos sejam sempre úteis. Algumas delas são violentas.

Formas de vida *avançadas* de outros locais do universo são violentas?

Algumas são.

Mas, se elas são assim tão «avançadas», como podem ser violentas?

Há uma diferença entre ser altamente avançado e altamente evoluído.

Se as pessoas de há 2000 anos pudessem dar um salto no tempo e aparecer agora mesmo no vosso planeta, achas que diriam que os habitantes atuais da Terra são «avançados»?

Imagino que o dissessem, sim.

E, no entanto, os habitantes atuais da Terra não são violentos?

São. Infelizmente, sim, somos.

Então, o avanço tecnológico não significa necessariamente avanço moral, ético, consciente ou espiritual — é isso que estás a dizer?

Já percebi.

Não presumas, portanto, que todas as outras formas de vida no universo escolheram ajudar-vos na vossa busca pelo despertar da Humanidade. As civilizações avançadas não são automaticamente equivalentes a civilizações altamente evoluídas.

Seríamos sequer capazes de distinguir a diferença? E, já agora, somos sequer capazes de saber que existem Seres Altamente Evoluídos que decidem ajudar-nos? Quero dizer, é isso que estás a dizer, mas será possível àqueles de nós que estão na Terra conhecer isso na nossa experiência sem entrarmos em pânico?

E, mais importante ainda, como é que esses Seres Altamente Evoluídos nos estão a ajudar? Pairando sobre nós — literal ou metaforicamente — e vigiando-nos para garantirem que não nos magoemos demasiado? Visitando-nos de facto e trabalhando connosco de uma forma física, aqui mesmo, na Terra? Plantando-nos ideias na cabeça a partir de longe?

Ótimo. Continua. Essas não são questões irrelevantes.

E as respostas?

A resposta para tudo o que referiste é sim.

Hmmm... Ora bem. Preciso que pormenorizes. Importavas-te de pormenorizar um pouco mais?

Temos de considerar as tuas questões uma de cada vez.

Como for melhor para ti.

Vocês saberão a diferença entre outras formas de vida úteis e as que o não são sentindo a vibração.

Uau, que resposta mais New Age. Desculpa lá... quero dizer, peço desculpa... Mas já estou a ouvir um montão de pessoas a dizer: «Que resposta New Age mais idiota. *Sente as vibrações*, meu.»

Alguma vez entraste numa sala, num bar ou num restaurante e sentiste ao fim de poucos segundos que não querias estar ali? E deste meia volta e saíste?

Nunca vestiste uma camisa ou uma blusa, preparando-te para sair de casa, para imediatamente a despises, sabendo que não era a escolha certa?

Nunca conhecestes uma pessoa em relação à qual tiveste uma consciência interior de que não tinhas muito a ver com ela? Ou então, pelo contrário, nunca sentiste «amor à primeira vista»?

Claro que sim. A maioria de nós já teve pelo menos uma dessas experiências.

E achaste-as experiências «idiotas, New Age» — ou simplesmente que faziam parte da vida?

Obrigado, já percebi. Portanto, então, se conseguimos sentir a vibração de restaurantes, blusas e pessoas, também conseguiremos sentir a vibração de outras formas de vida — e seremos imediatamente capazes de saber com quais nos sentimos bem, quais nos podem ser úteis, e distingui-las das outras.

Sim. Se prestares atenção àquilo que estás a sentir, conseguirás dar sentido ao todo. As pessoas que não fazem uso dos sentidos poderosos que são inatos em todos os seres humanos — aquilo a que podemos chamar o nosso *senso comum* — podem ficar completamente confusas e, na sua frustração, chamar «sem-sentido» àquilo que estão a experienciar.

Isso é um belo jogo de palavras, mas...

Não é um «jogo» de palavras, é até uma utilização bastante criteriosa das palavras, para passar uma mensagem importante: pode não ser útil à humanidade menosprezar à partida aquilo que está aqui a ser dito.

Muito bem. Mas como seremos sequer capazes de saber que há esses tais Seres Altamente Evoluídos a ajudar-nos?

Não te preocupes, vocês saberão. Será impossível passarem ao lado. Poderão chamar-lhes outra coisa, mas não vos passarão ao lado.

Mas, se lhes chamarmos outra coisa, não saberemos o que são.

Não é necessário saber o que é determinada coisa para beneficiar dela.

Já recebemos uma tal ajuda? Tu disseste que «não nos passarão ao lado». Usaste o futuro do indicativo. Estaremos agora a começar a receber essa ajuda?

Estão agora a começar a ganhar consciência dela.

Mas esteve sempre connosco?

Ao longo do que os seres humanos chamariam um grande período de tempo, sim.

Então, e que ajuda nos deu, se nos trouxe até *aqui*?

A tua espécie, na verdade, chegou até aqui exatamente no momento e na forma perfeitos.

Vocês chegaram a este Ponto de Escolha, e conquistaram a capacidade de o ver exatamente como é, de uma forma muito rápida, em termos cósmicos. E as condições e circunstâncias de que beneficiam são, na verdade, ideais, no sentido de que são agora suficientemente espantosas para tornarem as vossas futuras opções inequivocamente claras.

Ou seja, os Seres Altamente Evoluídos trabalharam, na verdade, muito depressa, e de forma muito eficiente, se medida pelo relógio do universo.

CAPÍTULO 8

LIBERDADE É O QUE SEMPRE TEREMOS

Ora bem, isto está a ficar *muuuito* interessante. E tenho de dizer que percebi muito bem que pode haver Seres Altamente Evoluídos a cuidarem de nós. Já houve avistamentos suficientes de OVNIIs ao longo dos últimos anos para...

...ao longo dos últimos anos? Queres tu dizer, ao longo dos últimos séculos...

...muito bem, ao longo dos últimos séculos — para tornar, dir-se-ia, incontroverso o facto de estarmos a ser observados. Mas será que isso ajudou? Será que nos impediu de fazermos mal a nós mesmos? Como é que isso se faz? Introduzindo à distância ideias nos nossos cérebros? OK, eu talvez até possa aceitar isso, talvez possa considerar que isso seja uma possibilidade... mas visitarem-nos mesmo...

Isso parece-me verdadeiramente do outro mundo.

E falas tu de jogos de palavras.

E não o fiz por acaso, tal como tu. Mas tenho de dizer que nunca pensei que a minha conversa com Deus me trouxesse até *aqui*. Nunca pensei que ela me metesse *nisto*.

Lembras-te de quando disseste que passámos uma boa parte do *Conversas com Deus, Livro 3*, a falar sobre Seres Altamente Evoluídos?

Lembro-me, mas não falámos de eles decidirem ajudar-nos.

Não, mas falámos do facto de eles existirem.

A existência hipotética e a assistência aqui-e-agora — incluindo visitarem-nos — são duas coisas bem diferentes. Duas coisas *radicalmente* diferentes.

De acordo. Aceitar essa possibilidade faz parte do Terceiro Convite.

Pensava que o convite era para despertar a nossa espécie, e não para sermos apresentados a uma nova espécie. Estás a dizer agora que, para despertar a espécie, tenho de aceitar a crença de que outras formas de vida...

...suponho que a maioria das pessoas não lhes chamaria SAE, como nós chamámos aos Seres Altamente Evoluídos no *Livro 3*, mas simplesmente extraterrestres...

...estás a dizer que eu tenho de aceitar a crença segundo a qual os extraterrestres...

...continuemos simplesmente a chamar-lhes Seres Altamente Evoluídos, ou, para abreviar, SAE...

...que uma espécie já desperta decidiu ajudar-nos e nos visita?

Não *tens* de aceitar nada. Podes avançar com a tua missão de despertar a tua espécie sem adotar a crença da existência de outra espécie, e muito menos a ideia de haver Seres Altamente Evoluídos a decidir ajudar os que vivem na Terra.

Mas tu disseste que «aceitar isto faz parte do Terceiro Convite».

Faz *parte* do convite, mas não é *necessário* para aceitar o convite.

Explicas-me isso melhor?

Regressemos à analogia da porta da frente. Se me bateres à porta, e eu a abrir e te convidar a entrar, dizendo: «Nem de propósito! Acabo de pôr uns aperitivos na mesa!», isso não significa que não possas aceitar o convite se não comeres os aperitivos.

Percebido. Posso ir à festa sem ter de «engolir» aquilo que possa não me apetecer — para misturarmos metáforas.

Podes, de facto.

Posso aceitar o convite para ajudar a despertar a nossa espécie sem ter de acreditar que *outras* espécies estão a decidir ajudar-nos e nos visitam.

Sim. Uma decisão não implica a outra.

Assim está melhor. Assim, sinto que tenho um pouco mais de liberdade.

Liberdade é algo que *sempre* terás. Essa é a promessa que te faço. Esse é o meu eterno compromisso.

Eu sei, e agradeço-te por isso. Já disseste isso dezenas de vezes, e eu aceito-o como o maior presente que nos dás.

Por isso, agora, imaginemos que estou pelo menos disponível para estudar essas ideias que trouxeste para a nossa conversa. Enquanto possibilidade. Digamos que estou disponível para as analisar enquanto possibilidade. Aonde eu quero realmente chegar é a *como* posso ajudar a despertar a nossa espécie, e como será uma humanidade desperta — como será ela capaz de criar e experienciar vida.

Eu descrevi isso em pormenor — em grande pormenor — naquilo a que tu chamaste *Livro 3* da conversa que tiveste comigo.

Descreveste, sim, e adorava olhar para isso outra vez. Já esqueci a maior parte do que tu disseste. É espantoso a facilidade com que nos esquecemos de coisas que seria realmente importante memorizarmos.

Sim, isso faz parte da experiência humana, não há dúvida. Mas a repetição pode ajudar nesse particular. Por isso vamos resumir de novo aqui grande parte — além de repetirmos alguns pontos mais significativos de várias das nossas outras conversas passadas.

Por mim, tudo bem. A revisão só me fará bem. Mas neste momento não consigo ignorar o elefante que está na sala. Não posso fingir que não ouvi aquilo que acabaste de dizer. Tu não te limitaste a dizer que existem no universo Seres Altamente Evoluídos — afirmaste que eles decidiram oferecer-nos diretamente a sua ajuda — e mesmo que nos visitam.

Tal como eu observei anteriormente, são duas informações radicalmente diferentes.

Podemos analisar ambas. A segunda análise servirá a primeira. Seria muito benéfico que analisasses muitas facetas da vida durante este maravilhoso momento de evolução da vossa espécie, sem preconceitos, e considerando todos os aspetos.

Mantém sempre o espírito aberto. Em tudo, mantém sempre o espírito aberto. Tudo é possível. Especialmente coisas sobre as quais nada sabes. Nunca afirmarias que algo sobre o qual não sabes nada é impossível, pois não?

Muitos seres humanos conseguem fazer exatamente isso na maior parte do tempo.

Mas tu, e outros como tu, têm sido diferentes. Têm mantido um espírito aberto.

Estás aqui agora mesmo, sentado, empenhado naquilo a que outros chamariam — a que muitos outros chamariam — uma impossibilidade, uma ilusão, até mesmo uma blasfémia. Estás a ter uma conversa com Deus. E não lhe estás a dar grande valor.

Por que haveria de fazê-lo? Foste tu que me disseste em ocasiões anteriores — falando dos diálogos que temos mantido — para pelo menos ponderar a *possibilidade* de haver algo que não compreendo totalmente acerca da Vida e de Deus, algo cuja compreensão mudaria tudo. Portanto, apliquei isso à minha experiência. Está bem claro no meu espírito, agora, que todos nós estamos totalmente capacitados para aceder à mais elevada fonte de sabedoria que há dentro de nós — a que chamo Deus — sempre que precisarmos ou desejarmos.

Há anos que todos o fazemos. Desde que nascemos! Todos têm constantemente conversas com Deus. Muitos simplesmente não o sabem. Ou

chamam-lhe outra coisa qualquer. Essa é, pelo menos, a *minha* perspectiva, a *minha* observação e a *minha* experiência.

Aceitas, portanto, que Deus está a comunicar contigo, mas não tens tanta certeza acerca de Seres Altamente Evoluídos que te ajudam?

Boa. Bem observado. Suponho que a segunda ideia parece um pouco mais do tipo ficção científica do que a primeira, pelo que não posso tão facilmente aceitá-la sem hesitações. Até mesmo a religião organizada fala de «revelações», momentos de clareza maravilhosa, ideias presumivelmente vindas de Deus — mas não ouço falar muito nos púlpitos de Seres Altamente Evoluídos que nos ofereçam a sua orientação.

É, por isso, uma ideia assombrosa, que não é fácil de aceitar sem a menor hesitação.

Mas também encontrarás isso nessa parte do nosso diálogo anterior a que chamaste *Livro 3*.

A sério? Não me lembro.

Nessa altura disse-te: «Quando todos os elementos da tua raça forem levados à sabedoria e a alcançarem, a tua raça no seu todo (pois a tua raça é um todo) deslocar-se-á facilmente através do tempo e do espaço (terá então dominado as leis da física tal como as entendia) e procurará dar apoio aos que pertencem a outras raças e outras civilizações para atingirem elas próprias o mesmo domínio da sabedoria».

E tu retorquiste: «Ao mesmo tempo, até, que os elementos de outras raças e outras civilizações o fazem connosco?».

Ao que eu respondi: «Exatamente. Precisamente».

Não deverá, portanto, surpreender-te ver isto vir à tona na nossa presente conversa.

Sabes que já me tinha esquecido de que me tinhas dito isso?

As minhas mensagens para ti têm sido consistentes ao longo dos anos. O que não tem sido consistente é a tua memória.

CAPÍTULO 9

A INTENÇÃO DETERMINA A ASSINATURA ENERGÉTICA DOS EVENTOS QUE SE SEGUIRÃO

Sou o primeiro a admitir que recordar tudo aquilo que sei, e todas as mensagens que recebi de todas as maravilhosas fontes de sabedoria presentes na minha vida, não tem sido meu apanágio, nem o meu atributo mais desenvolvido. É como dizia o meu pai: «Tão velho tão cedo, tão esperto tão tarde».

Dito isto, desejo consagrar todas as minhas energias ao esforço global para despertar a nossa espécie. Sinto-me por isso muito satisfeito por ter sido estimulado a participar na presente conversa.

Mas sabes que mais? Gosto de pensar que já contribuí na minha vida para esse esforço global. Muitos já o fizeram, simplesmente pela forma como interagem com os outros. Por isso, talvez eu não tenha de aceitar o Terceiro Convite. Talvez já o tenha feito. Há muito.

Muitos de vocês já fizeram, sim, algumas das coisas que poderiam fazer alguém ter recebido, aceitado e agido em conformidade com este convite, mas a maioria não o fez de forma intencional.

Todos vocês o fizeram de forma graciosa, generosa e genuína, mas não com uma intenção específica por detrás. E a intenção é que conta. Ela é que determina a assinatura energética dos eventos que se seguirão.

Tu podes entrar no teu carro e conduzir estrada fora, fazendo tudo o que um bom condutor faria, mas, se não determinaste intencionalmente aonde te diriges, darás por ti a seguir para parte nenhuma.

Já tive essa experiência.

Agora, porém, se dizes que de hoje em diante a tua intenção em tudo o que pensares, disseres e fizeres é despertar a tua espécie — no contexto de uma autoexpressão que te faz avançar na tua própria viagem evolutiva — então, assistirás a um nível diferente de resultados.

É nisto que consiste o Terceiro Convite, que se estende a todos, e não apenas a ti. A conversa que estamos agora a ter dirige-se a todos os que

«acidentalmente» a ela sejam conduzidos. Tu sabes quem tu és, porque aqui estás.

O despertar dos outros não acontecerá por acaso, nem sob a forma de um resultado simpático mas não especificamente concentrado — acontecerá, sim, enquanto efeito pretendido da evolução pessoal de todos aqueles que autosseleccionam aceitar o convite que aqui foi lançado.

Uma boa parte da forma como farás tudo isto é permitir que o teu crescimento pessoal — e as tuas lutas para o conseguir — estejam bem à vista, publicamente, a fim de poderem ser seguidas por todos.

Essa é grande. Essa é difícil, até, de contemplar.

E, no entanto, se aceites, por dentro, fazê-lo, terás expandido o impacto evolutivo da tua jornada quotidiana e das tuas escolhas, momento a momento, desde o teu Pequeno Eu até ao teu Grande Eu, do teu Eu Local até ao teu Eu Universal, do teu Eu Singular ao teu Eu Coletivo.

Se todos vocês permitirem que o vosso processo evolutivo pessoal seja observado pelos outros, isso poderá transformar-se num meio de o processo evolutivo de toda a humanidade progredir.

E que Momento Perfeito para Progredir é este!

Mas como pode alguém, sequer, tentar fazer esse tipo de coisa sem cair na tentação de se sentir grandioso? Eu não gostaria de começar a iludir-me com a ideia de ser a esperança da nossa espécie. E também não quereria conduzir advertidamente alguém por essa estrada. Não correria eu o risco, com isso, de me colocar inadvertidamente num estado mental artificialmente elevado, em que só poderia ser descrito como «maníaco» ou mesmo «perturbado», pensando que puseram diante de mim esta missão, e que sou um dos que a levarão a cabo?

Sejamos claros. Não se trata de andar por aí a declarar que és o modelo da perfeição e o suprassumo da excelência evolutiva. Trata-se simplesmente de não esconderes as tuas escolhas pessoais, apresentando-te ao mundo de forma autêntica tanto em relação às tuas lutas interiores como aos teus progressos, enquanto procuras despertar completamente.

Se te aperceberes, no mais íntimo de ti, de uma forma real, genuína e humilde, de que o teu processo interior e pessoal não está concentrado em mais ninguém, e muito em particular não está concentrado em «salvar o mundo», mas pretende unicamente desenvolver, o melhor que puderes, a tua evolução individual e pessoal; e se partilhares isso discretamente com todos os que te

interrogam acerca da tua mudança de comportamento — porque os outros repararão nela —, não te conduzirás a ti próprio à situação que descreveste.

E, se aceitares de forma real, genuína e humilde aquilo a que chamaste as tuas próprias «alegadas» imperfeições (eu considero-te perfeito tal como és, mas discutiremos isso depois), e se te vires a ti próprio, e se te descreveres a ti próprio, como uma pessoa cuja evolução está «em progresso» e longe de estar completa, evitarás também assim a situação que descreveste. Se tiveres bem claro para ti que o propósito da tua decisão de aceitares o convite para ajudar a despertar a tua espécie não é fazer de ti uma espécie de líder, mas tão-só partilhar de forma simples e humilde que foste tu que foste conduzido, por uma orientação profunda vinda de dentro, e que vês agora que existe uma outra forma de ser humano — uma forma que procura humildemente trazer benefícios a ti próprio e aos outros —, nunca cairás na tentação de te engradeceres a ti próprio.

Bem, eu tenho decerto imperfeições suficientes para não me permitir imaginar que sou algum tipo de «líder» espiritual. Todos os que me conhecem poderão afirmá-lo.

Se isso permanecer bem claro dentro de ti, não terás com que te preocupar.

Por outro lado, aquilo que não quero fazer, e aquilo que não quero que ninguém faça, é começarmos a sentir-nos tão mal connosco mesmos, tão «imperfeitos» e *tão* «pouco evoluídos» que não nos consideremos dignos sequer de tentar despertar (e muito menos aceitar que *estamos* despertos) — de dizer algo de útil que desperte os outros.

Se te permitires ver aquilo que tu e os outros designariam por imperfeições como sendo parte daquilo que há de perfeito em todos vocês — e se, já agora, vires as «imperfeições» de todas as outras pessoas da mesma forma —, criarás um equilíbrio maravilhoso que te será útil, bem como a todos aqueles cuja vida toques.

Esse equilíbrio permitirá, a todos vocês que aceitarem o Terceiro Convite, amarem-se a si próprios tal como são, mesmo enquanto procuram de forma humilde e genuína crescer e evoluir cada vez mais todos os dias. Permitir-vos-á igualmente autorizar os outros a fazerem o mesmo.

És um ser maravilhoso, em crescimento e evolução. Como eu disse muitas vezes em anteriores conversas: se te visses como Deus te vê, fartavas-te de sorrir.

Sinto-me tão reconfortado sempre que ouço isso. Obrigado por mo dizeres novamente.

Não tens que agradecer.

Agora, aquilo que eu gostaria realmente de fazer era lançar esse olhar de perto sobre como é viver como uma espécie desperta — e como os seres humanos podem criar e experienciar a vida de uma forma inteiramente nova na Terra.

Quero que revejas aquilo que disseste nas nossas anteriores conversas sobre como vivem os seres avançados do espaço exterior.

Tenho todo o gosto nisso, mas primeiro tens de compreender que não estou a falar de seres do «espaço exterior» tal como os definiste.

O que queres dizer com «tal como os definiste»? O espaço exterior é *espaço exterior*. É a parte do cosmos que existe fora deste planeta. É o resto do universo. É assim que o defino. Como é que *tu* o defines?

Pois bem, vou citar o teu mestre metafísico, William Shakespeare.

«Há mais coisas no Céu e na Terra, Horácio, do que sonha a tua filosofia.»

O que significa...?

Significa que há mais coisas naquilo a que chamas «espaço exterior» do que sonha a tua cosmologia.

Quando te referes a «seres do espaço exterior», referes-te àquela parte do universo da qual tens conhecimento. Mas o universo é muito maior e muito mais interdimensional do que possas pensar.

As entidades do aspeto limitado de Tudo o Que Existe a que chamas «espaço exterior» estão atualmente a manifestar-se sob a forma de entidades físicas, tal como tu. E, tal como os seres humanos, nem todos os «seres do espaço exterior» são pacíficos como já fiz notar. Alguns são-no, outros não.

Mesmo aqueles que são pacíficos, não obstante, comportam-se de forma violenta, tal como os seres humanos que se consideram a si próprios pacíficos se comportam por vezes violentamente.

Isso é um eufemismo. Muitos seres humanos matam outros seres humanos.

Exatamente.

Por isso, quando me refiro a seres que decidem ajudar-vos, e quando descrevo a nova forma segundo a qual a humanidade poderia decidir viver, com base na forma como vive esta espécie desperta, refiro-me a entidades que não são do domínio celestial no qual os seres se experienciam a si próprios como apenas, ou fundamentalmente, físicos.

Tens toda a minha atenção.

Refiro-me a formas de vida que existem em Outra Dimensão.

Uma dimensão na qual as entidades não são físicas?

Uma dimensão na qual não precisam de o ser. Uma dimensão na qual podem ser, caso o desejem, se optarem por «assumir» aquilo a que chamaríamos uma forma física, mas em que não é necessário fazê-lo para que tenham a experiência para a qual toda a vida foi criada.

CAPÍTULO 10

DESLOCAR-SE ENTRE O ESTADO FÍSICO E O METAFÍSICO

Tudo isto me intriga, mas gostaria mesmo de voltar a discutir contigo com o que se pareceria uma humanidade do ponto de vista de criação de vida na Terra, e estamos sempre a desviar-nos para outras áreas...

Vou convidar-te a confiar em que seria benéfico explorar primeiro essas outras áreas. Poderá ser um meio de te ajudar a compreender «de onde vêm» os Seres Altamente Evoluídos do universo enquanto continuam a criar uma experiência que a tua espécie, sobre a Terra, pode decidir explorar mais profundamente — ou mesmo imitar.

Bem, isso coloca este desvio num contexto diferente. OK, tudo bem. Nesse caso, pergunto: se as entidades a que te reteres não *precisam* de adotar um corpo físico, por que se dariam ao trabalho de fazê-lo? Deus sabe — desculpa-me a expressão, mas Deus sabe — que eu não o faria se não tivesse mesmo de o fazer.

Na verdade, farias, sim, e fizeste mesmo.

Achas que te encontras na forma física, neste momento, porque tens de estar nela? Deixa-me garantir-te que estás neste momento na forma física porque decidiste estar.

Esta informação, por si só, pode modificar toda a tua forma de estar.

Por que haveria eu de escolher isto? Se eu pudesse estar livre de todas as experiências desagradáveis inerentes ao facto de estar contido num corpo... por que razão decidiria não o fazer?

Escolherias não o fazer caso isso servisse os teus propósitos, e caso soubesses que podias estar livre de experiências desagradáveis mesmo estando dentro de um corpo.

Posso?

Podes, e isso é algo que se te tornará cada vez mais claro à medida que esta conversa for prosseguindo. Por agora, tem simplesmente a noção de que é isto que não sabes — é disto que não te recordas — e é por isso que não consegues imaginar a tua decisão de estares num corpo se não fores obrigado a isso.

E tu *não* «tens de estar». Só escolhes estar na fisicalidade se isso servir os teus propósitos — e neste momento serve-os, caso contrário não estarias aqui. Isto é algo que todos os Seres Altamente Evoluídos sabem, e tu não.

O problema está em que não sabes qual é o teu propósito (a grande maioria dos seres humanos não se lembra dele), pelo que te parece que estás na forma física contra a tua vontade.

Isso, por seu lado, afeta toda a tua experiência enquanto ser humano. Achas que não só estás dentro do teu corpo contra a tua vontade, mas também que as coisas que observas e com que te confrontas enquanto estás contido nele estão a acontecer contra a tua vontade. Isso exerce um enorme efeito sobre a forma como te tratas e sobre a forma como afetas os outros.

Ajudar os seres humanos a mudar a forma como estão consigo próprios e uns com os outros — mudando assim o futuro da vida na Terra — é a razão pela qual vos foi endereçado o Terceiro Convite.

Quando tiverem despertado saberão, por fim, qual é o vosso propósito — qual é a vossa razão para estarem vivos, qual é a razão de toda a vida. Então poderão decidir expressar e experienciar isso mesmo. E isso ajudará a encorajar outros à vossa volta a trabalharem sobre si próprios da mesma forma.

Se não conseguisses compreender tudo isto, não estaríamos sequer a ter esta conversa. Nem os que a acompanham a acompanhariam.

Já disseste isso antes.

Já disse isso antes.

Aqueles que se comprometeram com o seu despertar integral, e se comprometeram a ajudar a fazer o mesmo aos seus companheiros de viagem no planeta, já se autoidentificaram.

Eles sabem, tal como tu sabes e disseste, que a humanidade se encontra, de facto, a Uma Decisão de Distância de mudar para sempre o seu futuro para melhor, através de um processo em que todas as pessoas evoluem para o nível seguinte, aceitando e demonstrando Quem Realmente São.

E é isso, então, que estão a fazer os Seres Altamente Evoluídos? Ao ajudarem-nos a realizar esse despertar, e ao assumirem uma forma física para o fazerem, estão a expressar e a experienciar Quem Realmente São? É isso que vou retirar de tudo isto?

Sim. Essa é precisamente a razão por que os seres a que me refiro decidem assumir uma forma física.

Uma diferença entre a vossa espécie e a deles é que eles se deslocam para trás e para a frente entre estados físicos e metafísicos, sempre que querem, enquanto a maioria de vocês imagina que o faz de uma forma que nada tem a ver com a vossa vontade.

É por isso que vos permiti compreender tudo isto. Mudar essa ideia de que se deslocam entre o estado físico e o metafísico contra a vossa própria vontade vai constituir uma grande parte da vossa transformação pessoal.

Vocês descrevem atualmente o vosso movimento entre o estado físico e o metafísico com o termo «morte», e estão convencidos de que essa é a pior coisa que vos pode acontecer. Mas esse evento nada mais é do que um passo no vosso processo evolutivo permanente.

Nós, na verdade, *tememos* o processo através do qual continuamos a evoluir. Tememos profundamente a desencarnação — aquilo a que chamamos «morte» — e procuramos, por isso mesmo, evitá-la a todo o custo.

Literalmente, a todo o custo — incluindo abandonarem a vossa consciência, abandonarem aquilo que «sabem ser assim», abandonarem a vossa mais profunda consciência interior.

Assim, não conseguem reconhecer que já estão despertos. Abandonam o vosso eu para se «salvarem».

Esta é a ironia do comportamento de todas as espécies sencientes muito jovens. É a ironia suprema da vossa experiência humana atual.

E, no entanto, começam agora a compreender. Começam a despertar, e estão prontos para aceitar o convite para despertar os outros. Mas só conseguem despertar os outros se souberem *aquilo* para que estão a despertar.

Esse é o propósito deste desvio. Tem em vista fazer-vos saber que estão a despertar para a consciência de que estão deliberadamente dentro do vosso corpo, e não em resultado de uma mera atribulação da qual estão ansiosos por escapar, mas sim como uma forma de experienciar e demonstrar aquilo que só a vida física na Terra vos pode oferecer a maior oportunidade de expressar.

Bom, deixa-me explicar por que é que toda esta experiência aqui na Terra parece de facto muitas vezes um conjunto de atribulações.

Se estou a compreender bem tudo isto, esses SAE de que falas deslocam-se instantaneamente entre os estados físico e metafísico. Encarnam e desencarnam onde, quando e como desejam. Nós, os seres humanos, pelo contrário, parecemos ter de passar por um certo período de tempo no estado físico — para alguns poderá ser muito curto, talvez mesmo de apenas um

momento, enquanto para outros poderá levar muitos anos — mas o tempo passa.

Mais do que isso, sempre que os seres humanos se deslocam do estado metafísico de volta ao físico, têm de «recomeçar a vida». Temos de encarnar sob a forma de bebês, e aprender de novo os fundamentos de estar contido num corpo.

Não te ouço dizer que o mesmo é necessário para Seres Altamente Evoluídos de Outra Dimensão. Estás a dizer que eles podem mudar de uma forma de expressão para outra espontaneamente, e deslocar-se do estado «não físico» para o estado «físico» enquanto seres totalmente desenvolvidos, e não enquanto seres que se encontram no início de um ciclo físico de vida.

Percebi tudo isto bem? A ser assim, claro que estaríamos perante uma grande vantagem. Estamos em enorme desvantagem por termos de «recomeçar» sempre que queremos «fiscalizar», e estarmos sujeitos a todas as dificuldades e todos os desafios de anos e anos de vida quotidiana.

Na verdade, não estão em desvantagem nenhuma. Estão a fazer exatamente aquilo que querem fazer.

Seria benéfico para vocês compreenderem que estão a fiscalizar-se por uma razão diferente da dos SAE. Estão a fiscalizar-se porque querem a experiência de crescerem do embrião para a infância, daí para a adolescência, depois ao estado adulto e à velhice. E querem-no mais do que uma vez.

Regressaram ao Domínio do Físico vezes e vezes seguidas para acederem à totalidade desta experiência, pois procuram compreendê-la toda, integral e completamente, para assim criarem e experienciarem aquilo que são, de todos os ângulos, através de todas as lentes, em todas as circunstâncias e situações.

Ao deslocarem-se através deste processo de autocriação, têm sido tudo ao longo das vossas vidas. A vítima e o vilão, o forte e o fraco, o oprimido e o opressor, o alegado «certo» e o alegado «errado», o alegado «bom» e o alegado «mau».

Pensava que não existia «certo» e «errado». Pensava que nenhum de nós era «bom» ou «mau» aos olhos de Deus.

E tens razão. Esses são rótulos que vocês atribuíram a certos comportamentos, e não rótulos aplicados por Deus. Deus ama-vos, adora-vos, acarinha-vos ao longo de todos os vossos processos de «tornar-se», de «crescer», de autorrealização.

Eu desejo que vocês decidam quem querem ser e como desejam experienciá-lo — de modo a que possam conhecer Quem realmente São não por

isso vos ter sido dito, atribuído ou ordenado, mas antes por terem criado o vosso Eu dessa forma, depois de vos serem dadas todas as opções, oferecidas todas as escolhas, apresentadas todas as possibilidades.

Agora foram-vos dados a conhecer o poder e a glória de ser Divino — através da *liberdade* e da *vontade* de ser Divino. Isto é a Divindade expressa, e não simplesmente concedida. Isto é a Santidade experienciada — e esse foi o meu propósito ao criar a Própria Vida.

Assim, vocês foram o aqui e o agora da Divindade, o alto e o baixo, o esquerdo e o direito, o pequeno e o grande, o rápido e o lento, o baixo e o fundo, o claro e o escuro e, sim, o jovem e o velho da Divindade.

Estão a usar a fisicalidade para conhecer e experienciar tudo — toda e qualquer expressão concebível — produzindo um Campo Contextual no interior do qual podem escolher quem e como desejam ser.

Este Campo Contextual constitui a maior bênção da vossa vida nesta dimensão, pois, na ausência d'Aquele Que não São, aquele que São não é. Não existe.

Ou seja, não é experienciável.

Na ausência do escuro, a luz não existe. Na ausência do pequeno, o grande não existe. Na ausência do rápido, o lento não existe. E, na ausência daquilo a que chamam «mau», aquilo a que chamam «bom» não existe.

Por isso, não julgues e não condenes, mas sê uma luz no escuro, de modo a que possas anunciar e declarar, exprimir e concretizar, conhecer e experienciar Quem Realmente És — e para que todos os outros cujas vidas tocares possam saber igualmente quem eles realmente são, pelo poder do teu exemplo.

Não foi isto que fizeram todos os mestres?

Disseste-me essas palavras muitas vezes. Mas, neste presente contexto, fazem ainda mais sentido para mim, soam ainda mais verdadeiras. Mas por que não será isto igualmente verdade para Seres Altamente Evoluídos?

Como vimos, os SAE não encarnam por esta razão. Já experienciaram totalmente a fisicalidade. Fizeram-no até à completude. Por isso, não necessitam de «recomeçar» a cada encarnação, exceto se isso lhes for útil numa fisicalização particular.

O que significa isso?

Se um Ser Altamente Evoluído entra na forma física na sua dimensão, isso ocorre porque esse SAE deseja recriar e re-experienciar algo que não pode ser criado nem experienciado no estado metafísico. «Recomeçar» a partir de um estado inicial de encarnação raramente é necessário.

Se um Ser Altamente Evoluído entra na forma física sem ser na sua dimensão, isso deve-se ao facto de o SAE desejar providenciar assistência a seres sencientes do Domínio do Físico na compreensão, na expressão e na experiência integral deles próprios tal como realmente são. Os SAE poderão então decidir «recomeçar» num ciclo de vida enquanto se fisicalizam.

Mas por que quereriam alguma vez os SAE providenciar assistência a seres sencientes numa dimensão que não é a deles?

De modo a poderem continuar a expressar e concretizar, conhecer e experienciar quem eles realmente são, no nível seguinte — e no seguinte, e no seguinte, e no seguinte. Os SAE decidem experienciar e expressar-se a si próprios não como Os Que Procuram, mas como A Resposta.

Todo o universo, todo o cosmos, em cada uma das suas dimensões, está cheio de seres sencientes, cada um dos quais imbuído exatamente do mesmo desejo — o desejo de expressar e experienciar a sua Verdadeira Natureza e a sua Verdadeira Identidade.

Isto implica um processo em que, em primeiro lugar, se percorre e conhece todos os aspetos do ser-se físico. De seguida, percorre-se e conhece-se todos os aspetos do ser-se metafísico. De seguida, integra-se ambos.

E aqui reside o grande segredo em cuja partilha os Seres Altamente Evoluídos concentram as suas energias: a integração completa pode ocorrer a qualquer momento. O processo pode ser condensado. Uma civilização inteira pode começar a viver como espécie desperta sempre que o desejar.

CAPÍTULO 11

O AMOR É A ÚNICA ENERGIA OU ESSÊNCIA EXISTENTE NO COSMOS

Muito bem! Está na hora de saber como fazê-lo!

Sinto-me grato por me ter sido dada a oportunidade de aceder a um sítio no qual a minha mente pode pelo menos sentir-se mais esclarecida relativamente à forma como tudo isto poderia ter acontecido, mas agora estou pronto a seguir em frente.

Se estamos a ser convidados a despertar a espécie, desejo saber: despertar *para quê*? Qual é a Forma de Ser para a qual podemos convidar todos a despertarem?

Devemos simplesmente aceitar e adotar os princípios e práticas, noções e comportamentos de uma civilização totalmente diferente que vive numa dimensão diferente? Não poderemos conseguir vida melhor enquanto indivíduos, e um amanhã melhor enquanto coletivo global, utilizando os valores mais elevados da humanidade?

Certamente que podem. Mas pode ser útil e benéfico para vocês pensar em termos de diferentes energias, e não de diferentes civilizações. Toda esta questão de saber o que faz a vida funcionar de uma forma maravilhosa, jubilosa e bem arquitetada não é uma questão de «costumes locais», mas sim de uma verdade universal relativa à energia fundamental da vida.

Só existe uma única energia, ou essência, no cosmos, e ela é aquilo a que vocês têm chamado, em linguagem humana, Amor.

As ideias que os Seres Altamente Evoluídos procuraram colocar diante da humanidade são muito simplesmente pensamentos sobre como viver e amar de tal forma que se gere o maior benefício possível para a vossa espécie, concedendo a cada indivíduo a oportunidade de progredir mais depressa na sua evolução pessoal. Os SAE afirmam que o seu modo de vida é o «certo» para os seres humanos. Eles oferecem-vos simplesmente a oportunidade de decidirem vocês mesmos. Esta é a sua forma de vos ajudar, ainda que vocês possam procurar a ajuda de outros para despertar.

Poderá, por isso, ser útil olharem estas ideias, para tentarem perceber se ou onde podem encontrar um contraste com comportamentos humanos, e

decidirem se optam por experimentar algumas formas novas de serem humanos.

Concordo. E sei de antemão que haverá contrastes... Por isso, diz-me qual é a maior diferença. Isto é, vamos diretos ao assunto.

A diferença mais marcante e significativa é que os Seres Altamente Evoluídos são total e absolutamente desprovidos de violência de qualquer tipo.

Não se entregam à violência física, não projetam violência verbal, não alimentam sequer momentaneamente violência nos seus pensamentos.

Não chamam à violência «autodefesa», não lhe chamam «entretenimento», e seguramente não lhe chamam «desporto».

Pura e simplesmente não conseguem justificar ou apoiar que se inflija dor física ou emocional — nem sequer o mínimo desconforto — a qualquer outra entidade.

Haverá uma fórmula pela qual tenham sido capazes de conseguir isso? O que sabem eles que nós não saibamos e seja capaz de lhes abrir caminho para serem assim?

Toda a violência desapareceu da sua cultura porque toda a raiva desapareceu da sua realidade.

E isso porque...?

Isso porque vivem no conhecimento de que não têm nada a perder em serem bons, amáveis, carinhosos, compassivos e altruístas, nem em darem, aceitarem e amarem incondicionalmente em cada instante de cada momento de cada circunstância de cada situação.

Têm a perfeita noção de que não podem perder a vida por razão alguma ou sob nenhuma forma, nem podem perder absolutamente nada de valor para eles, pois nada mais tem valor para eles a não ser a própria vida, a não ser a sua própria existência — que, como sabem, é aquilo que lhes providencia a oportunidade de desfrutarem da única experiência que desejam.

Que é...?

A experiência da sua Divindade.

Significa isso que esses seres não podem ser mortos? Nem sequer por uma circunstância exterior que nada tenha a ver com violência mútua? Por exemplo, um buraco negro (só para inventar aqui qualquer coisa) que engula o lar da civilização?

Não há nenhuma circunstância exterior no seio do universo físico capaz de os levar a equacionar a mudança da sua forma manifestada no sentido de perderem a vida ou porem fim à sua existência.

Ou seja, deslocarem-se do estado físico para o estado não físico não é, para eles, o fim de coisa alguma.

Nem mais. Eles sabem que sempre existirão e nunca deixarão de ser, o que quer que aconteça às suas formas fisicamente manifestadas.

Isso inclui a possibilidade de um «buraco negro» engolir qualquer planeta à superfície do qual eles possam estar a encarnar.

Quando não se receia perder a própria vida, nunca, não se tem razão alguma para se tornar violento? Então e perder algo, ou não conseguir algo que se deseje?

Já te foi dito pelos mestres do teu planeta que a expectativa de o desejo que sentes ter de ser saciado é a causa de todo o sofrimento. E o sofrimento é a causa de toda a violência. Se eliminares o sofrimento, a violência extingue-se, evapora-se, dissolve-se, desaparece.

Se se estiver completamente desperto, se se for um Ser Altamente Evoluído, escapa-se a todos os desejos?

Escapa-se à incapacitação provocada pelos desejos. Escapa-se à ruína de se deixar reger pelos próprios desejos. Se souberem que a vossa vida nunca terá fim, saberão que têm uma eternidade para criar tudo aquilo que desejaram experienciar — ou para o re-criar, caso já tenham feito a experiência e o queiram experienciar de novo.

Há um ditado no cosmos que diz: a Vida Eterna traz Paz Eterna.

Se, pelo contrário, imaginarem que só dispõem de um tempo *limitado* para experienciar algo que desejam, irão prescindir da vossa paz para o adquirir, ou para o conservar se e quando o adquirirem.

Essa é a história da humanidade em cinquenta palavras ou menos, não há dúvida. Quer dizer que, para os SAE de Outra Dimensão, a vida é sentida como uma realidade eterna.

É *de facto* uma realidade eterna. A vida é uma experiência eterna para todos os seres sencientes, mas alguns seres sencientes que pensam em si próprios e se exprimem a si próprios essencialmente como um corpo físico experienciam a sua eternalidade como uma realidade sentida. Experienciam a sua fisicalidade como a sua realidade sentida, e imaginam que, quando a sua fisicalidade termina, a sua existência chegou ao fim. Na melhor das hipóteses,

consideram a ideia de vida eterna apenas como um conceito, uma teoria, uma doutrina ou uma crença; algo que «poderia ser», mas sobre o qual não têm grandes certezas.

Mas, como as entidades totalmente despertas que tenho mencionado existem e têm o seu ser em Outra Dimensão, têm a certeza de que a vida é eterna.

Claro que têm, porque para elas é fácil! Estão a *experienciá-la*, e não apenas a pensar nela, a rezar sobre ela, ou a alimentar esperanças sobre ela. E têm-na experienciado desde... bem, desde *sempre*.

Tal como tu. A diferença está em que os SAE sabem-no, e tu não. Eles recordam-no.

Temos a possibilidade de o recordar? Como podemos todos nós recordá-lo?

O que achas que estás a fazer aqui?

CAPÍTULO 12

ELIMINAR A VIOLÊNCIA DA ESPÉCIE HUMANA

A não-violência é um contraste assinalável entre os Seres Altamente Evoluídos e os seres humanos, e percebo que a sua consciência da vida como uma experiência eterna pode certamente criar um contexto no seio do qual a violência seja considerada desnecessária. Haverá, porém, um meio mais «prático» de reduzir, ou mesmo eliminar, a violência da experiência humana?

Tentamos há vários milênios convencer os membros da nossa espécie de que a sua vida é eterna. Mas, não obstante ter sido aceite por muitos, essa ideia não parece ter reduzido a violência de forma significativa.

Existe realmente uma forma prática de eliminar a violência. Basta a humanidade afastar-se da sua profunda crença atual na Separação.

Ah, sim, isso eu percebo imediatamente. E não tenho, para isso, de ser ajudado por Seres Altamente Evoluídos de outro domínio. Basta-me olhar à minha volta.

Observo que, atualmente, a maioria das pessoas que acredita em Deus — e que constituem, de longe, a grande maioria dos habitantes deste nosso planeta — continua a acreditar numa Teologia da Separação. A sua forma de olhar para Deus é a de que os seres humanos estão «aqui» e Deus está «ali».

Isso não teria importância caso começasse e terminasse aí, mas o problema de uma Teologia da Separação é que produz uma Cosmologia da Separação — isto é, uma forma de olhar para toda a Vida que afirma que tudo está separado de tudo o resto.

Isso não seria tão negativo se constituísse um mero ponto de vista, mas o problema é que uma Cosmologia da Separação gera uma Psicologia da Separação — isto é, um ponto de vista psicológico que afirma que eu estou «aqui» e todas as outras pessoas estão «ali».

Poderíamos até viver com isso se o problema fosse apenas esse; mas uma Psicologia da Separação produz uma Sociologia da Separação — isto é, uma forma de conviver com os outros que encoraja todos os membros da sociedade humana a agirem como entidades separadas que servem os seus próprios interesses separados.

Entramos agora em território verdadeiramente perigoso, pois uma Sociologia da Separação produz inevitavelmente uma Patologia da Separação — comportamentos patológicos de autodestruição, praticados tanto individual como coletivamente, e produção de sofrimento, conflito, violência e morte pelas

nossas próprias mãos — bem à vista por todo o nosso planeta ao longo de toda a história humana.

A mim parece-me que só quando a nossa Teologia da Separação for substituída por uma Teologia da Unidade é que a nossa patologia será curada. Uma Teologia da Unidade reconheceria que fomos *diferenciados* de Deus, mas não *separados* de Deus, do mesmo modo que os dedos da nossa mão são diferenciados, mas não estão separados uns dos outros — antes se encontram ligados entre si pela própria mão, e por esta ao resto do corpo; ainda que sejamos diferenciados, não fomos separados, estamos ligados uns aos outros por sermos partes do corpo de Deus.

Muito bem explicado, não podias ser mais claro.

Bom, vem tudo de ti, está claro. E agora estamos de novo a ser encorajados — como fomos anteriormente em cada uma das anteriores Conversas com Deus — a compreender que toda a Vida é Uma Única Coisa.

Sim. É isso que os Seres Altamente Evoluídos da Outra Dimensão não só compreendem como experienciam.

Não só sabem que a vida é eterna, como sabem que não existe separação no universo — de nada em relação a nada. Esta consciência constitui um pilar da sua forma de vida; constitui as fundações da sua civilização.

Para nós, portanto, esse é o primeiro passo que será tomado quando nos transformarmos numa espécie desperta. E ainda não demos sequer esse primeiro passo, ao fim destes anos todos — destes *milénios* todos — no nosso planeta.

É o passo mais importante que podem dar agora. Não se desencorajem com aquilo que não fizeram, mas encorajem-se com o que farão.

Espero certamente que nos encorajemos, sim, pois tenho a noção de que adotarmos esta ideia enquanto realidade funcional seria o princípio do fim do estado atual de coisas no nosso planeta. Seria o início de uma nova criação, de um novo amanhã. Tornar-se-ia a Nova História Cultural da Humanidade.

Quero sair por aí a dizer a toda a gente: *a unidade não é uma característica da vida. A vida é que é uma característica da unidade.*

Essa seria uma mensagem muito poderosa a partilhar. E enunciaste-a de uma forma poderosa.

Sim. Isto é o que ainda não compreendemos acerca da nossa existência na Terra, e a sua compreensão mudaria tudo.

A vida constitui a expressão da própria unidade. Deus é a expressão da Própria Vida. Deus e Vida são um só. Somos parte da Vida. Não subsistimos e

não podemos subsistir fora dela. Somos, por isso, parte de Deus. É um círculo. E não pode ser quebrado.

A tua compreensão disto é idêntica à dos Seres Altamente Evoluídos de Outra Dimensão. E não és o único na Terra com ideias claras acerca disto.

Agora basta que todos aqueles que têm ideias igualmente claras se autoidentifiquem, para de seguida se empenharem em juntar-se a um empreendimento global de despertar da espécie.

Mas sem o fazermos de forma tão grandiosa que comprometa o nosso propósito, pois nesse caso ninguém nos daria ouvidos.

É bom voltares muitas vezes a essa questão. Comprometeria de facto o vosso propósito se se colocassem à parte como «Aqueles Que Sabem» e decidissem que a vossa tarefa era dizer aos outros aquilo que eles não sabem.

A vossa missão seria dizer aos outros aquilo que sabem — podendo simplesmente não saber que sabem.

Esta é uma suave partilha, um suave despertar, e não um sobressalto que faça com que todos queiram simplesmente voltar a adormecer.

Muito bem, vejo, portanto, que esta mudança específica não é senão mais uma articulação da Única Decisão que mencionei antes. Poderia induzir rapidamente uma nova forma de vida na Terra. Isso é algo que me entusiasma. As possibilidades que nascem daqui entusiasmam-me.

Ainda estou a tentar, porém, aperceber-me de mais do que apenas uma ou duas formas de a nossa experiência quotidiana mudar, em termos práticos, se nos deslocássemos na vida quotidiana para a forma de vida que esses Seres Altamente Evoluídos nos têm encorajado a adotar.

Posso dar-te uma lista delas.

Por favor, dá-ma.

CAPÍTULO 13

DISTINÇÃO ENTRE UMA ESPÉCIE DESPERTA E A NOSSA ESPÉCIE NÃO DESPERTA

És capaz de querer memorizar isto. Ou, pelo menos, afixá-lo num sítio em que o vejas frequentemente.

1. Uma espécie desperta vê a Unidade de Toda a Vida e dedica a sua vida a consegui-la. Os seres humanos que se encontram num estado não desperto negam-na ou ignoram-na frequentemente.
2. Uma espécie desperta diz sempre a verdade. Os seres humanos num estado não desperto mentem frequentemente, tanto a si próprios como aos outros.
3. Uma espécie desperta, quando diz uma coisa, faz o que diz. Os seres humanos num estado não desperto dizem frequentemente uma coisa e fazem outra.
4. Uma espécie desperta, depois de ver e reconhecer como as coisas são, faz sempre aquilo que funciona melhor. Os seres humanos num estado não desperto fazem frequentemente o oposto.
5. Uma espécie desperta não adota um princípio na sua civilização relacionado com o conceito a que os seres humanos se referem como «justiça» e «castigo».
6. Uma espécie desperta não aceita na sua civilização um princípio que tenha a ver com o conceito que os seres humanos designam por «insuficiência».
7. Uma espécie desperta não aceita na sua civilização um princípio relacionado com o conceito que os seres humanos designam por «propriedade/posse».
8. Uma espécie desperta partilha sempre tudo com todos. Os seres humanos num estado não desperto raramente o fazem, partilhando com os outros apenas em circunstâncias limitadas.

9. Uma espécie desperta cria um equilíbrio entre tecnologia e cosmologia; entre máquinas e natureza. Os seres humanos num estado não desperto raramente o fazem.
10. Uma espécie desperta nunca, em circunstância alguma, porá fim à expressão física atual de outro ser senciente a não ser que esse outro ser lho peça diretamente. Os seres humanos em estado não desperto matam frequentemente outros seres humanos sem que estes lhes peçam para o fazer.
11. Uma espécie não desperta nunca faria nada que tivesse o potencial de ferir ou causar dano ao ambiente físico que sustenta os membros da espécie quando estão fisicalizados. Os seres humanos em estado não desperto fazem-no frequentemente.
12. Uma espécie desperta nunca se envenena a si própria. Os seres humanos em estado não desperto fazem-no frequentemente.
13. Uma espécie desperta nunca compete. Os seres humanos em estado não desperto competem frequentemente uns com os outros.
14. Uma espécie não desperta não tem dúvidas de que não necessita de nada. Os seres humanos em estado não desperto criam frequentemente uma experiência baseada na necessidade.
15. Uma espécie desperta experiencia e expressa amor incondicional por todos. Os seres humanos em estado não desperto não conseguem frequentemente imaginar sequer uma Divindade que o faça, e muito menos fazê-lo eles próprios.
16. Uma espécie desperta aprendeu a dominar o poder da metafísica. Os seres humanos em estado não desperto, no essencial, ignoram esse poder.

Existem mais diferenças, evidentemente, mas estas são algumas das características principais de uma espécie desperta, e as principais diferenças entre uma tal espécie e a humanidade no seu atual estado não desperto.

Bolas, parte de mim sente que essa lista é um libelo acusatório contra toda a nossa espécie, contra todo o nosso modo de vida.

Será «libelo acusatório» uma criança de três anos observar que os adultos compreendem coisas que ela não compreende?

Celebra aquilo que sabes que sabes! Celebra o facto de veres com clareza a diferença entre os teus comportamentos e os comportamentos que possas decidir serem mais benéficos.

Celebra o crescimento que representa saber tudo isso, tal como celebras os primeiros passos de cada criança.

Obrigado por me lembrares. Insistes sempre nesse ponto. Nós somos realmente uma espécie muito jovem. Talvez devêssemos realçar esse ponto em termos específicos, de modo a tornar-se bem real na mente de todos.

Muita gente gosta de pensar nos seres humanos como Seres Altamente Evoluídos. Na verdade, a humanidade acabou de emergir da sua infância neste planeta. No seu livro *New World New Mind*, Robert Ornstein e Paul Ehrlich deram a isto a devida perspetiva num parágrafo desconcertante:

«Suponha que a história da Terra era assinalada num calendário de um ano, em que a meia-noite de 1 de Janeiro representasse a origem da Terra e a meia-noite de 31 de Dezembro o presente. Nesse caso, cada dia do «ano» da Terra representaria 12 milhões de anos de história real. Nessa escala, a primeira forma de vida que ocorreu, uma simples bactéria, apareceria algures em Fevereiro. Já as formas de vida mais complexas apareceriam muito tempo depois; os primeiros peixes, por volta de 20 de Novembro. Os dinossauros fariam a sua aparição por volta de 10 de Dezembro e desapareceriam no dia de Natal. O primeiro dos nossos antepassados reconhecidamente humanos só entraria em cena na *tarde de 31 de Dezembro*. O *Homo Sapiens* — a nossa espécie — apareceria por volta das 23:45... e tudo aquilo que ocorreu na história de que há registo teria lugar no último minuto do ano.»

Essa é uma bela maneira de colocar as coisas em perspetiva. Além de criar um contexto dentro do qual pode agora ser compreendido por que razão, nas sociedades humanas, a maioria das pessoas nega grande parte daquilo que vê. Chegam a negar os seus próprios sentimentos e podem mesmo acabar por negar a sua própria verdade.

Mas aquilo que agora aqui foi dito, repetidamente, sobre quão no início do nosso desenvolvimento nos encontramos enquanto espécie dá-me uma grande esperança, tal como eu disse antes. Vejo tempos verdadeiramente maravilhosos à nossa frente — tanto individualmente como para toda a humanidade — à medida que vamos amadurecendo e crescendo rumo ao nosso potencial.

Essa é a grande oportunidade que vos espera. Está mesmo no horizonte.

Sim, este é O Momento Perfeito para Progredir! Mas será que temos de esperar — acho que já conheço a resposta, mas vou fazer a pergunta na mesma —, será que temos de esperar até que toda a raça humana, ou a maioria da nossa espécie, desperte, para que qualquer um de nós possa fazer a experiência de viver como um Ser Altamente Evoluído? É que pode faltar ainda muito, muito tempo até a maioria dos seres humanos chegar a esse ponto.

Tens razão, já conheces a resposta à pergunta que fizeste. Não só não têm de esperar, como não devem esperar.

A História observa agora atentamente para perceber quem na Terra decidirá autosseleccionar-se como comprometido na modelação destes comportamentos e, através das suas palavras e ações, juntar-se a um movimento global para despertar a sua espécie.

Quem sobre a Terra celebrará completamente a sua Verdadeira Natureza, e quem cocriará jubilosamente os dias maravilhosos que o esperam quando o fizer?

CAPÍTULO 14

AQUILO A QUE CHAMAS NÍVEL ELEMENTAR É A CONSCIÊNCIA

Estou rendido. Compreendo agora o quanto esta informação sobre Seres Altamente Evoluídos nos pode ser útil quando trabalharmos para nos despertarmos a nós próprios ao mesmo tempo que tentamos despertar a nossa espécie.

Sinto que quero partir por aí a partilhar muitos destes princípios — os quais, como realçaste, não são nada «do outro mundo», mas simplesmente noções superiores sobre a forma como amamos. Quero começar por treinar-me a vivê-los, para de seguida os partilhar com os outros.

E adorava se começasses por fazer um pequeno comentário sobre alguns dos pontos dessa lista, de modo a eu poder saber «com que se parecem» em termos reais, quando procurar vivê-los e partilhá-los na vida real.

Tenho o maior prazer nisso. Começemos pelo topo da lista.

N.º 1. Uma espécie desperta vê a Unidade de Toda a Vida e dedica a sua vida a consegui-la. Os seres humanos que se encontram num estado não desperto negam-na ou ignoram-na frequentemente.

Os Seres Altamente Evoluídos nunca questionam o facto de que todas as coisas são Uma Única Coisa; sabem, com um saber de experiência feito, que existe apenas Uma Coisa, e que todas as coisas fazem parte da Única Coisa que existe.

Visto existirem noutra dimensão, conseguem, na verdade, percecioná-lo visualmente, e não apenas conceptualmente. Conseguem visionar a estrutura submolecular de todas as coisas.

Observam que existe apenas uma energia no Universo — uma Fonte ou Força — e que esta Fonte ou Força simplesmente mistura os elementos fundacionais de que é constituída, acrescentando alguns e subtraindo outros, para de seguida alterar a frequência de vibração desses diversos elementos combinados, com vista a gerar expressões diferenciadas da Essência Essencial.

Eu chamei a essas diversas expressões «Singularizações da Singularidade».

O que é um excelente nome para elas, visto que é exatamente o que são. Todas as coisas que existem são criadas através desta alquimia, que produz o «Caldo Universal».

Os elementos são atraídos uns pelos outros através da tomada consciente de decisões de cada elemento, impactados como são pela energia combinada da Essência Essencial que compreende aquilo a que chamaremos a alma.

Espera um minuto. A «Consciência» existe ao nível elementar???

Claro que sim. Aquilo a que tu chamas o nível elementar é a consciência. É a Consciência em Ação.

Todas e cada uma das células do teu corpo agem com inteligência. Não podes nem fazer um corte no teu dedo mindinho sem gerar uma corrida celular ao sítio da ferida, para curar o dano sofrido. *Pensas que as células do teu corpo não sabem o que estão a fazer — e porquê?*

E digo-te mais: cada elemento do universo está imbuído dessa inteligência fundacional.

Oh, meu Deus.

Precisamente.

Podem falar uns com os outros? Ok, «falar» é uma palavra estranha para usar aqui. O que eu pergunto é se as células do corpo podem comunicar elemento com elemento.

Claro que podem. O que achas que é o «pensamento»?

Os «pensamentos» são as células a comunicar umas com as outras?

É exatamente isso que são. Sabes como funcionam as células do cérebro?

Sei, mas quando falamos do cérebro falamos de neurónios, peptídios, somas e dendrites, e essa coisa toda. Mas as células do nosso corpo não são como as células do cérebro.

Ai não? Quem to disse?

Deixa-me repetir: cada grama de vida está imbuído de vida fundacional. Vou dizer-te outra vez: cada célula, cada partícula, cada elemento submolecular do universo.

Nesse caso, tem de haver uma forma de levar as células do meu corpo a fazerem o que quer que lhes comunique que quero que façam! Como, por exemplo, curar-me de uma doença.

Tens razão, se estás a sugerir que a energia dos teus pensamentos influencia as células do teu corpo.

Lembro-me de ter tomado conhecimento da obra de Émile Coué, um psicólogo e farmacêutico francês que inventou, no início do século XX, um processo de psicoterapia baseado na autossugestão otimística e consciente. Numa experiência que realizou, convidou pessoas doentes a repetir vinte vezes por dia — e em especial de manhã e antes de se deitarem — um mantra simples: *Tous les jours, à tous points de vue, je vais de mieux en mieux*. Ou, em português: *todos os dias, sob todos os pontos de vista, vou ficando cada vez melhor*.

E que resultados obteve?

Uma percentagem assinalável dos seus pacientes registou melhoras!

Claro.

Mas, então, será possível fazer com que a maioria das células do corpo escolha a mesma coisa durante a maior parte do tempo?

Ah! Essa é exatamente a mesma questão que colocam a vocês mesmos atualmente, relativamente ao resto dos habitantes do planeta.

É verdade! É *exatamente* a mesma questão.

E a resposta é: sim, é possível, através do alinhamento.

A opção por agir conjuntamente, em uníssono e em harmonia, com todos os seres humanos é tomada por elementos da vida quando existe alinhamento de propósitos com o sector ou área em que esses elementos existem.

As células do vosso corpo agirão em uníssono e em harmonia umas com as outras sempre que existir alinhamento com a alma na direção que a vossa vida tomar a cada momento, ao nível celular, com base na agenda da alma nesse femtossegundo.

OK, tive de ir ver essa palavra ao dicionário. Um «femtossegundo» é um quadrilionésimo, isto é, um milionésimo de bilionésimo de segundo.

Exatamente. E a tua alma é a Fonte da Energia da Essência Essencial que reside em ti.

A alma é «Deus em nós».

É-o, de facto. Não apenas em pensamentos, não apenas em palavras, mas em atos. A alma é a expressão, agora individualizada, do «ser» que é Deus. É Deus a «ser» manifestado.

No nosso caso, na Terra, a alma é Deus a ser um Ser Humano, e um Ser Humano é uma alma a ser Deus!

Exatamente! Precisamente! Absolutamente! Positivamente!
Manifestamente!

Não o podias ter dito de forma mais perfeita.

Uau, isto está a entrar mais profundamente pela metafísica do que eu pensava, mas tenho de perguntar: estás a dizer-me que qualquer partícula submolecular, de qualquer expressão de vida do universo, tem de ser *convencida de algo* para que o faça? Estás a dizer que a mais minúscula partícula de energia possui a consciência necessária para tomar *decisões* avaliando *opções* que decorrem de *alternativas* que lhe são colocadas?

Caramba, isso é demais. Esquece o resto dos habitantes do planeta — como é que eu consigo sequer que as várias partes de *mim* se ponham de acordo em fazer a mesma coisa?!

Essa é que é a questão, não é?...

Essa é a maior questão de todos os tempos.

Mas é, na verdade, mais fácil do que pensas.

O senhor Coué diz que é, na verdade, tão fácil *como* eu penso!

E esse é o maior segredo da vida. Quando compreenderes isso, já transitaste para um espaço de mestria.

OK, diz-me então como é que isso funciona, metafisicamente falando. Já me falaram milhares de vezes no poder dos nossos pensamentos, mas como é que isso funciona, o que é que faz isso funcionar, do ponto de vista metafísico?

Tu disseste-me, e eu sei, que tens uma mente insaciável, mas queres mesmo penetrar na alquimia do universo?

CAPÍTULO 15

METAFÍSICA 101: CURSO BREVE DE REALIDADE ÚLTIMA

Eu não tinha propriamente planeado esta conversa; limito-me a observar que está a ir para onde está a ir. Não quero adiar demasiado tempo mais o resto da nossa exploração aprofundada daquela lista que nos deste, mas isto é demasiado fascinante para lhe passar ao lado. Podemos analisá-lo um pouco mais?

Muito bem. Obviamente, isto era matéria para um livro inteiro, mas eis aqui o Metafísica 101: Curso Breve de Realidade Última.

Tal como observámos há pouco, nesta conversa, todos os elementos da vida estão imbuídos daquilo a que poderíamos chamar, na vossa linguagem, «inteligência» — ou Consciência da sua Função Inerente.

Esta Consciência preenche cada elemento até à sua máxima capacidade. Dito de outra forma, cada elemento está plenamente imbuído de Inteligência Divina, de uma ponta à outra. Na verdade, não seria incorreto afirmar que o elemento propriamente dito É esta inteligência, sob a forma de partícula.

Quer dizer que cada elemento da vida, até a mais pequena, minúscula, partícula submolecular, é uma parte da Mente de Deus.

Com o teu sentido poético, não me surpreende que coloques a questão assim... e não tenho motivos para te contrariar.

Ora bem, os Elementos da Essência Essencial são atraídos uns pelos outros através de um aspeto ou característica que se poderia designar, em termos humanos, por «função comum».

Isto é, estão todos a *tentar fazer algo*. E esse algo é a mesma coisa. Estão todos em ação, em movimento perpétuo, em vibração contínua — mas não sem um propósito.

Esse propósito é simplesmente SER. Apercebem-se de que a vida é movimento. Se o movimento alguma vez se extinguísse, aquilo a que chamamos vida não existiria.

Vida = Movimento = Vida.

Sim.

Ora bem, quanto àquilo que cada elemento quer ser, *isso não importa*. O elemento individual não tem uma preferência na matéria. Quer simplesmente existir. O seu desejo é «ser».

Aquilo a que é chamado «alinhamento», então — bem como a ação subsequente, junta ou unificada, a que te referes — é criado pela influência vibracional de qualquer força maior do que um elemento individual.

É assim em *toda a Natureza*. Quanto maior a força, mais atração ela exerce sobre cada elemento mais pequeno situado no interior da sua Área de Impacto. Assim, todo e qualquer elemento situado no interior de qualquer Área de Impacto se alinhará com a força maior que o atrai.

Nunca ninguém me explicou isso dessa maneira. Por que é que isto não pode ser explicado desta forma tão simples a todas as crianças?

Mas pode mesmo. E nas civilizações de Seres Altamente Evoluídos, é-o de facto. Esta consciência é partilhada por todas as entidades emergentes, a cada uma das quais é explicada a Unidade da Vida e o Círculo da Vida.

Assim, se vocês, enquanto seres criativos, desejarem que todos os elementos da vida, até à mais ínfima partícula, se desloquem em determinada direção específica, têm de criar alinhamento utilizando a força da energia combinada focada de determinada forma.

E o pensamento é essa força.

Então o que cria esse foco? Como fazemos com que a energia — isto é, o pensamento — seja focado de determinada forma?

Desejo.

O desejo existe na alma: É a alma definida numa só palavra. A alma é a expressão local do desejo de Deus — que é o de Se Experienciar a Si Próprio.

O desejo é o criador da intencionalidade. A intencionalidade é a criadora do pensamento. O pensamento é o criador da ação. A ação é a criadora do resultado.

Nem todo o pensamento, porém, é criado pela intencionalidade que emerge do desejo da alma. O pensamento pode igualmente, num certo sentido, ter «mente própria». Isto é, um impulso de energia que produz um pensamento pode emergir dos desejos do corpo.

Isto gera um tipo de ação diferente, o qual pode gerar um resultado totalmente distinto do que a alma tinha em mente. A alma colocou o seu

resultado desejado na tua mente, mas o teu corpo fez-te sair da tua mente por momentos.

É isto que acontece quando pensas que és um corpo, por oposição a quando sabes que és uma alma.

A maioria de nós espera somente que *tenhamos* uma alma, ou *acredita* que temos uma alma, mas sem uma certeza absoluta. Mas *temos* a certeza de que temos um corpo — pelo que é assim que a maioria de nós pensa em si próprio.

Mais uma vez, estás a juntar as partes de uma forma belíssima. Essa é que é a forma de ajustar as peças do *puzzle*.

Ora, todos os Elementos da Essência Essencial — desde a alma individual a cada unidade individual de energia do corpo (e do Universo) estão imbuídos de Desejo, que constitui uma forma ou expressão particular de energia, diretamente proporcional ao seu tamanho.

Os elementos mais pequenos têm o Desejo mais pequeno. Os elementos maiores, que são criados quando os elementos mais pequenos são atraídos para eles, coalescendo e assim produzindo-os, têm maior Desejo.

Verifica-se que a quantidade de Desejo que existe no seio de determinado elemento de vida existe na proporção direta do tamanho desse elemento. Pensa no Desejo como a vela de ignição do motor da Vida.

Então, se aquilo a que chamamos «Deus» é tudo aquilo que é, isso transforma o Desejo de Deus no maior Desejo de todos.

Correto. Mais uma vez, muito perspicaz. E o Desejo de Deus é que todo e cada um dos seres sencientes — isto é, todos os elementos de vida suficientemente grandes e sofisticados, ou suficientemente complexos para refletir a autoconsciência — possuam a capacidade de criar a sua própria realidade, utilizando o Livre Arbítrio e a Escolha Consciente.

Esta é uma forma alquimística de dizer que os Elementos Fundacionais da Vida — as minúsculas partículas individuais da Essência Essencial — não têm qualquer preferência no que toca à forma como a combinação de elementos se alinha.

A tua alma, que é uma coleção de tais partículas, tem de facto uma intencionalidade. A tua alma é a presença local da Intenção Divina, que é a de expressar a Divindade a cada momento *tal como cada ser senciente a define*.

Este ser dispõe da liberdade de criar o que quer que decida, o que representa a Santidade na sua demonstração mais grandiosa. Ou, dito de outra forma ainda: todos vocês dispõem de Livre Arbítrio.

Nota que te tenho dito, desde a nossa primeira conversa, que, relativamente à forma como a vossa vida é vivida, Deus não tem preferência na matéria. O meu Desejo é que a vossa preferência seja capacitada.

Assim, aquilo que «importa» — isto é, aquilo que vocês fazem transformar-se de pura energia em matéria sólida — depende de vocês, tanto individual como coletivamente. Ao fazerem esta escolha, podem ouvir o vosso corpo, a vossa mente, ou a vossa alma. E é este o *Metafísica 101: Um Breve Curso em Realidade Última*.

CAPÍTULO 16

ENQUANTO PROCURAMOS ACORDAR DE UM LONGO SONO

Bolas, tudo isto tem tantas implicações, e eu podia ficar a falar contigo eternamente, mas gostava de analisar melhor alguns dos outros itens dessa lista, de modo a sabermos do que é que estamos a falar enquanto procuramos acordar de um longo sono...

... e também da tua experiência mais recente de estares desperto, mas não o saberes, ou não agires em conformidade...

... sim, e também sobre como esperamos depois humildemente despertar os outros. Vamos passar ao Item n.º 2, pode ser?

Sim. O Item n.º 2 afirma:

Nº 2. Uma espécie desperta diz sempre a verdade. Os seres humanos num estado não desperto mentem frequentemente, tanto a si próprios como aos outros.

Por exemplo, terias a maior dificuldade em convencer um Ser Altamente Evoluído de que o fluxo constante de sons e imagens que colocas perante os teus filhos de tenra idade não tem absolutamente efeito algum nas suas ideias sobre a vida, e, portanto, também nada que ver com a forma como a vossa próxima geração cria a sua experiência quotidiana.

Tu, por outro lado, não consegues admitir que a violência cada vez maior que se verifica na vossa sociedade é criada, pelo menos parcialmente, pelo derrame contínuo de tais imagens, pois, se o admitisses, terias de fazer algo a esse respeito. E tu achas que nada podes fazer, pelo que é melhor ignorá-lo.

Sim, já falámos várias vezes sobre como programas de televisão, filmes, jogos de computador e sítios na Internet, ou mesmo *brinquedos* de criança representam — e encorajam mesmo os nossos filhos a utilizar sob a forma de «brincadeira» — concretizações de violência, violência, sempre *violência*.

E, no entanto, vocês imaginam-se — ou, pior do que isso, permitem-se ser — impotentes para fazer o que quer que seja relativamente a tudo isso.

Alguns de nós fazem o mesmo com o tabaco. Ou com uma dieta constante de alimentos pouco saudáveis. Ou com a falta de exercício. Ou com os valores societários que empurram a nossa experiência humana para o conflito constante.

A questão de olhar de frente os comportamentos danosos para o próprio e nada fazer acerca deles constitui a marca de seres sencientes que não se preocupam o suficiente consigo próprios, ou não compreendem o suficiente acerca de si próprios, para fazerem o suficiente por si próprios, para porem fim aos danos que causam a si próprios.

Podemos esperar que uma criança de quatro anos aja assim, mas não os seus pais de quarenta e tal anos. Temos, por isso, de crescer pelo menos um pouco e ver a verdade, para depois *afirmar* a verdade acerca daquilo que vemos.

Isso seria um bom começo, sim.

E os Seres Altamente Evoluídos nunca se escondem da verdade, vêem-na sempre e nunca deixam de afirmá-la.

Sim, uma espécie desperta é incapaz de mentir, dada a sua intencionalidade combinada. Os seus membros aprenderam que enganarem-se a si próprios ou aos outros é totalmente improdutivo, desviando-os, em lugar de os aproximar, dos seus desejos e intenções partilhadas.

Seria virtualmente impossível em caso algum a um Ser Altamente Evoluído comunicar uma inverdade, pois a sua vibração individual alterar-se-ia de tal forma que se tornaria manifesto que aquilo que a entidade estava a comunicar não estava em sintonia com aquilo que sabe e compreende.

Como quando coramos — alguns de nós, pelo menos — se tentamos mentir.

É *muito* parecido com isso, sim, só que a um nível mais elevado. Toda a entidade abanaria e vibraria perante uma tal variação de velocidade, fazendo com que a verdade lhe fosse, literalmente, arrancada. Não haveria, portanto, logo para começar, nenhum interesse em mentir.

Repara que, quando os seres humanos se mantêm fiéis a desejos e vontades partilhados entre si, não mentem uns aos outros. A mentira é o anúncio de que queremos algo que não a pessoa a que estamos a mentir. Isto poderá parecer-te óbvio, mas o que será menos evidente será a forma de o eliminar.

O fim da mentira virá com o fim da separação. Quando a vossa cultura e a vossa civilização decidirem que existe apenas um de vós, sob uma multiplicidade de formas e, portanto, apenas um desejo, haverá a partir daí apenas uma intenção.

E esse desejo será?...

Atingir a completude na expressão, a cada momento, daquilo que toda a entidade viva deseja.

E que é?

Mais uma vez, tal como mencionei antes: a experiência de si próprio como a única coisa que realmente existe, a Divindade. Ou, para utilizar a palavra da vossa linguagem que foi anteriormente mencionada: Amor. A energia a que chamam «amor».

A unidade do universo constitui a expressão por parte de Deus do Amor divino por toda a vida, sob todas as suas formas.

CAPÍTULO 17

O QUE FUNIONA E O QUE NÃO FUNCIONA, EIS A QUESTÃO

Adorava ouvir o teu comentário ao Item nº 3.

N.º 3: Uma espécie desperta, quando diz uma coisa, faz o que diz. Os seres humanos num estado não desperto dizem frequentemente uma coisa e fazem outra.

Os seres humanos também nem sempre dizem aquilo que pensam. No caso dos Seres Altamente Evoluídos, não comunicar aquilo que está presente nos seus pensamentos — aquilo que é diferente, já agora, da mentira pura e simples — seria considerado um comportamento sem benefícios.

De que serve ter um pensamento, se não o expressarmos? E o facto de Seres Altamente Evoluídos não darem seguimento àquilo que dizem uns aos outros, ou a si próprios, que farão, seria considerado igualmente desprovido de benefícios.

E se o pensamento que tenho na ideia não for muito agradável?

Por que haverias de reter um pensamento pelo facto de ele não ser muito simpático? Pára com isso. Por vezes haverá um pensamento que não te sai da ideia, mas não tens de o reter aí.

E se não conseguir evitá-lo?

Como? Imaginas que *não podes evitar aquilo a que te estás a agarrar*? Não admira que a tua espécie esteja a passar por tantos problemas!

Sim, eu sei. E eu *mudei muito* relativamente à minha forma de pensar. Ainda assim, porém, nem todos os pensamentos que me passam pela cabeça são dignos de partilha com os outros.

Então não os partilhes. Partilha apenas os pensamentos a que te sentes mais apegado.

Por falar nisso, sabes, não sabes, que todo o pensamento a que te sentes apegado é uma oração?

Estou a sentir a pressão.

Na verdade, no caso dos Seres Altamente Evoluídos, não há nenhuma. A única coisa que fazem é mudar imediatamente a mente caso experienciem a passagem por ela de um pensamento que não desejam manifestar.

Se tiverem uma fugaz ideia negativa qualquer, *nem pensam nisso duas vezes*.

Ao fim de algum tempo a proceder assim, treinaram a mente para nunca considerarem mais do que um nanossegundo quaisquer pensamentos que não desejem ver começar a ganhar forma na sua realidade. Simplesmente não se lhes apegam. Deixam-nos partir imediatamente, e passam para um novo pensamento, mais positivo.

Poderíamos chamar a isto Movimento do Novo Pensamento, e vocês poderiam formar grupos que se entregassem a esta mesma prática.

Sim, já me tinhas dito.

E di-lo-ei de novo, não duvides, se isso for útil aqui e agora.

Mantém, portanto, os novos pensamentos em movimento na tua mente caso um pensamento passageiro não seja positivo. Então, quando o pensamento que tens na ideia for positivo, sim, claro, fica à vontade para o partilhar com qualquer um a quem diga respeito, ou que possa ter razões para estar interessado nele.

Quanto a dizer uma coisa e fazer o que se diz, deixa que a tua palavra seja o teu vínculo. E se achas que não será provável, ou que não serás capaz de fazer aquilo que estás agora a pensar em dizer... não o digas.

Se, pelo contrário, querias mesmo dizê-lo, quando disseste o que farias, mas descobrires mais tarde que isso não te é possível porque aconteceu algo que afetou a situação, dirige-te a todos aqueles a quem o disseste, e esclarece as coisas. Conta-lhes a verdade. De uma forma humilde e delicada, explica-lhes por que razão não poderás fazer aquilo que disseste.

Conta a verdade a todos acerca de tudo. É assim que vivem os Seres Altamente Evoluídos.

Estou a ver que estes primeiros itens estão até certo ponto relacionados uns com os outros. Por exemplo o Item nº 4 entronca aqui diretamente.

Sim. O Item nº 4 diz o seguinte:

Nº 4: Uma espécie desperta, depois de ver e reconhecer como as coisas são, faz sempre aquilo que funciona melhor. Os seres humanos num estado não desperto fazem frequentemente o oposto.

Este item é bastante parecido com os itens nº 2 e nº 3, apenas tem uma perspetiva diferente.

Podes dar-me exemplos de como o nº 4 está relacionado com a vida quotidiana na Terra, de modo a eu poder entender melhor o impacto que isto exerce sobre nós?

Com certeza que sim. E como estes primeiros itens estão inter-relacionados, já avançaste alguma coisa nesse sentido, mas vamos juntar tudo.

Se o teu objetivo é viver uma vida de paz, alegria e amor, a violência *não funciona*. Isso já foi demonstrado.

Se o teu objetivo é viver uma vida de boa saúde e grande longevidade, consumir diariamente carne morta, fumar continuamente carcinogénicos conhecidos e beber litros e litros de líquidos que danificam o cérebro e o sistema nervoso, como o álcool, de forma continuada, *não funciona*. Isso já foi demonstrado.

Se o teu objetivo é criar filhos livres de violência e raiva, colocá-los à frente de representações duras de violência e raiva ao longo dos anos em que são mais impressionáveis *não funciona*. Isso já foi demonstrado.

Se o teu objetivo é cuidar da Terra e gerir sabiamente os seus recursos, agires como se esses recursos fossem ilimitados *não funciona*. Isso já foi demonstrado.

Se o teu objetivo é descobrir e cultivar uma relação com uma Divindade amorosa de tal modo que a religião possa fazer diferença nas questões humanas, então ensinar um deus de severidade e punição *não funciona*. Isso já foi demonstrado.

Queres mais exemplos?

Não, já percebi.

Gosto da forma como todos esses aspetos se ligam entre si. Quero eu dizer que uma coisa conduz naturalmente à outra. Seria muito mais fácil aos seres humanos pararem de dizer uma coisa e fazer outra, contrariando as suas primeiras tendências. Nomeadamente a sua tendência para verem tudo e todos como coisas distintas, em lugar de unificadas. Depois, a sua tendência para não verem aquilo que se lhes depara, mas antes o ignorarem. E, finalmente, a sua tendência para não contarem a verdade a todos acerca de tudo.

Deixariam então cair a sua tendência, descrita no Item nº 3, de dizer uma coisa e fazer outra, e poderiam avançar para a implementação daquilo «que funciona», depois de terem visto e contado toda a verdade acerca do que existe.

Eu não diria melhor. Magnífico resumo. Estás realmente a juntar as peças.

Graças à clareza com que a questão está a ser articulada nesta conversa, sim. Por isso, não preciso propriamente de que me expliques melhor o Item nº 4. Já percebi que os SAE de Outra Dimensão veem e dizem aquilo que «é» e, pelo facto de não esconderem nada e não se esconderem *de* nada, fazem apenas aquilo que é mais eficiente no sentido de avançarem para a sua agenda unificada e idêntica.

Os seres humanos farão o mesmo quando a espécie estiver totalmente desperta. Esse despertar pode constituir um dos degraus para lá chegar.

Fico tão feliz por ouvir isso! Dá-me esperança — partindo do princípio de que esse despertar vai realmente ter lugar.

Podes estar entre aqueles que ajudarão a fazê-lo acontecer. É nisso que consiste o Terceiro Convite. E agora a humanidade dispõe das ferramentas com as quais poderá criar esse despertar. E de Vontade.

Agora, vocês têm comunicação quase instantânea a nível mundial, e uma porção continuamente crescente da população total que opta por se empenhar no processo.

Tal como disseste antes, estão apenas a Uma Decisão de Distância.

CAPÍTULO 18

INTEGRAÇÃO TOTAL

Muito bem, avancemos então para os Itens nº 5, nº 6 e nº 7. Todos eles estão relacionados com partes da história cultural humana profundamente enraizadas nas nossas sociedades, em toda a Terra.

OK. Vamos recapitulá-los.

O Item n.º 5 diz:

Nº5: Uma espécie desperta não adota um princípio na sua civilização relacionado com o conceito a que os seres humanos se referem como «justiça» e «castigo».

O Item n.º 6 diz:

Nº6: Uma espécie desperta não aceita na sua civilização um princípio que tenha a ver com o conceito que os seres humanos designam por «insuficiência».

O Item n.º 7 diz:

Nº7: Uma espécie desperta não aceita na sua civilização um princípio relacionado com o conceito que os seres humanos designam por «propriedade/posse».

Estas são afirmações de tirar o fôlego. Como consegue qualquer coletivo — ainda que seja um grupo de Seres Altamente Evoluídos de Outra Dimensão — viver sem algum tipo de código de conduta que lhe regule o comportamento? E como é que os membros de um tal coletivo vivem sem alguma vez experienciarem que não há «o suficiente», especialmente se nunca têm nada a que possam chamar seu?

Comecemos por considerar a segunda parte desta questão. Existe sempre «o suficiente» do que quer que achemos que necessitamos para sobreviver quando sabemos que não podemos *não sobreviver*.

Por outras palavras, quando a sobrevivência não está em questão, a ideia de suficiência ou insuficiência deixa de ter qualquer significado relevante. A questão mais importante na experiência de qualquer um, portanto, não é se sobreviverá, mas como.

A existência eterna garantida resulta numa partilha completa e total de tudo aquilo que existe com todos aqueles que existem, e a conservação mútua de qualquer elemento ou item de que possa não haver reservas ilimitadas em determinado contexto, situação ou circunstância no Domínio do Físico.

Resulta daqui que tal insuficiência não ocorrerá, uma vez que o que quer que no ambiente físico possa não existir em quantidades infinitas é ou facilmente dispensável, ou substituído pela criação de um substituto igualmente útil e benéfico.

É bom haver sítios no universo em que nunca nada de essencial se esgota, mas aqui na Terra não temos tanta sorte.

Na verdade, têm, sim. Não existe nenhum elemento essencial para vocês que se possa esgotar no vosso planeta.

A sério? E então algo tão simples como a água? Como eu mencionei antes, mesmo hoje em dia, uma grande percentagem de seres humanos não tem acesso a água potável.

Esse não é um problema de falta de água, mas de falta de vontade. O que não existe é um número suficiente de pessoas da vossa espécie que se preocupe em manter a água potável disponível para aqueles que não têm acesso imediato a ela. Caso houvesse, a falta de água não constituiria um problema.

Claro que tens razão. O World Resources Institute informa no seu sítio da *web* que «munidos da informação correta, os países que se confrontam com situações de tensão extrema relativamente aos seus recursos hídricos podem implementar estratégias de gestão e conservação capazes de lhes garantir as reservas de água».

Infelizmente, um país situado na base da escala económica poderá não dispor dessa capacidade. Caberia, portanto, aos países mais ricos do mundo fazê-lo acontecer.

Sim, é uma simples questão de partilha civilizacional. Garanto-te que não precisa de haver um único sítio na Terra onde as pessoas não possam ter acesso a água limpa e pura — bem como a tudo o mais que seja necessário para «fazer a vida funcionar» — desde que os habitantes da Terra simplesmente se preocupem suficientemente uns com os outros.

Tem de se recordar, porém, tal como mencionaste anteriormente, que estamos a falar de uma espécie que permite que mais de 650 das suas próprias crianças morram de fome a cada hora que passa.

Sim, não há dúvida de que somos uma espécie primitiva. As nossas ações — ou a falta delas — demonstram-no bem.

Primitivos ou não, os habitantes da Terra não deveriam morrer por falta de comida, convenhamos. Num planeta em que se deixa nos pratos dos restaurantes de Paris a Los Angeles, passando por Tóquio, mais do que o suficiente para alimentar uma pequena aldeia em algumas zonas do mundo ao longo de uma semana, nenhuma criança precisa de morrer de fome.

Eu sei. O Departamento de Agricultura dos EUA estima que o desperdício alimentar, só nos Estados Unidos, seja de cerca de 30 a 40 por cento da produção alimentar. Foram desperdiçados cerca de 120.000 milhões de quilos de alimentos em supermercados, restaurantes e residências no ano de 2010, de acordo com as estatísticas oficiais.

Estamos a falar aqui de situações que nunca, mas nunca, ocorreriam na civilização dos Seres Altamente Evoluídos.

E essa é a resposta à tua questão sobre como seria possível algo como «não haver o suficiente» *nunca* ser experienciada por seres de Outras Dimensões. Há sempre «o suficiente» para uma espécie que partilha.

Quanto a interrogarmo-nos sobre como os SAE podem coexistir sem um «código de conduta que lhes regule o comportamento», é óbvio que o grau com que determinada espécie vive em estado desperto se reflete no grau com que essa mesma espécie se autorregula.

O «código de conduta» dos Seres Altamente Evoluídos de Outra Dimensão é de uma simplicidade elegante: não tenhas um pensamento relativamente a alguém, não pronuncies uma palavra relativamente a alguém, e não faças algo relativamente a alguém que não gostarias que fosse pensado, pronunciado, ou feito em relação a ti.

Hmmm... cá vamos nós. Parece que alguém na Terra já disse isso há muito tempo.

Na verdade, todas as religiões do vosso planeta ensinam uma ou outra versão daquilo a que vocês chamam a Regra de Ouro. A diferença entre as culturas humanas e as civilizações de Seres Altamente Evoluídos é que os SAE aplicam de facto a lei da reciprocidade na sua vida, em vez de simplesmente falarem dela.

Sim, mas o que acontece nessas civilizações se ou quando alguém faz algo a alguém que não gostaria que lhe fizessem? O que acontece quando alguém comete — já sei que me vais dizer que não existe esta palavra na língua deles, mas vou dizê-la aqui — um «crime»?

Tens razão, não há «crime e castigo» na cultura dos Seres Altamente Evoluídos de Outra Dimensão.

Ninguém comete um «crime» pois todos compreendem que são Todos Um, e que uma ofensa contra outra entidade é uma ofensa contra o Eu.

Não há, portanto, necessidade daquilo que vocês designam por «justiça». O conceito de «justiça» pode ser mais profundamente compreendido como aquilo a que vocês chamariam «ação correta».

Na sociedade humana existe crime, evidentemente. E a justiça nem sempre é executada quando um crime é cometido. Mas a maioria dos membros da nossa sociedade pode pelo menos dizer para consigo que possui o conforto de saber que haverá justiça na outra vida. Julgamento e castigo eterno!

Vais ter de te decidir. Queres um Deus que ama incondicionalmente, ou um Deus que julga, condena e pune?

Eu sei, eu sei. É tudo muito confuso. Somos todos muito... complexos. Não queremos os teus juízos, mas no fundo queremos. Não queremos os teus castigos, mas sentimo-nos perdidos sem eles. E quando tu dizes, como tens feito de forma consistente em todas as nossas conversas, «nunca vos castigarei», não conseguimos acreditar nisso — e alguns de nós quase ficam mesmo furiosos. É que, se não vais julgar-nos e punir-nos, por que é que temos de continuar a percorrer o caminho reto e estreito? E, se não há «justiça» no céu, quem reverterá a injustiça na Terra?

Por que estás a contar com o céu para corrigir aquilo a que chamas «injustiça»? A chuva que refresca e limpa não cai do céu?

Cai.

Pois eu digo-te isto: a chuva tanto cai sobre o justo como sobre o injusto.

Então e o que é feito de «A vingança é minha, diz o Senhor»?

Eu nunca disse tal coisa. Um de vocês é que inventou essa, e os outros acreditaram.

«Justiça» não é algo que vocês experienciem depois de agirem de uma certa forma, mas por causa de agirem de uma certa forma. Justiça é um ato, não a punição por um ato.

Uma espécie desperta compreende isso.

Eu percebo que o problema da nossa sociedade reside no fato de buscarmos «justiça» depois de uma «injustiça» ter ocorrido, em vez de «fazermos justiça» em todos os casos, através das escolhas e ações de todos os seres humanos, logo para começar.

Acertaste em cheio! A justiça é uma ação, não uma reação.

Quando todos, na nossa sociedade, agem de forma justa, como faz qualquer entidade de uma espécie desperta, deixamos de ter necessidade de julgar e punir nas construções da nossa civilização.

Exatamente.

Mas será isso alguma vez possível? Chegará um dia em que todos agirão de forma justa?

Chegará, sim, quando todos despertarem.

E *despertarão todos*?

Vocês estão a decidir isso agora mesmo.

Já tivemos partes desta conversa numa das nossas anteriores, exatamente com as mesmas palavras. Partes daquilo que acabámos de dizer são uma transcrição integral de conversas que tivemos antes. Fico contente por as termos repetido aqui, como se fossem trechos que memorizámos de uma peça maravilhosa ou de um poema favorito.

Associo-me à tua satisfação.

Este presente colóquio está realmente a dar-me uma oportunidade de sintetizar grande parte daquilo que me disseste anteriormente, juntando-o num todo coerente.

Era essa precisamente a intenção. Parte do Terceiro Convite tem a ver com integração total.

CAPÍTULO 19

TRANSMUTAR O CONCEITO DE POSSE PARA O CONCEITO DE ADMINISTRAÇÃO

Bom, isso arruma os conceitos de insuficiência, justiça e castigo mencionados nos itens nº 5 e nº 6. Então e em relação ao Item nº 7... «posse»? Será que não devemos possuir nada?

Podem fazer aquilo que quiserem, mas nas civilizações dos Seres Altamente Evoluídos não existe aquilo a que se chama posse, ou propriedade.

Qual é o problema de termos algo a que possamos chamar nosso? Olha que esta! Será que tudo o que estamos a fazer neste planeta está errado?

Isso de Certo e Errado não existe. Só existe O Que Funciona e O Que Não Funciona, considerando...

... eu sei, eu sei... «... considerando aquilo que estamos a tentar fazer».

Sim. Estou sempre a repeti-lo porque tu estás sempre a repeti-lo para ti próprio. Vais sempre parar a conceitos humanos que não fazem sentido numa espécie desperta — conceitos como «certo» e «errado».

Mas o que há de tão «não funcional» em termos algo a que possamos chamar nosso? Parece funcionar lindamente para a maioria das pessoas.

Queres tu dizer para a maioria das pessoas que possui a maioria das coisas.

Até mesmo a maioria das pessoas que não possui a maioria das coisas *quer* possuir mais.

Claro que quer, pois muitas das pessoas que de facto possuem a maior parte das coisas as guardam essencialmente para si próprias. O sistema económico que puseram de pé garante virtualmente isso mesmo. Existem exceções, é claro, mas são exceções, e não a regra.

Seguramente que o compreendes.

Disseste tu mesmo, quando começámos a conversar, que 85 das pessoas mais ricas do mundo possuem mais bens do que 3,5 mil milhões — ou seja, metade da população do planeta.

Sim, é claro que compreendo isso. Mas quero, por vezes, falar neste diálogo com a voz do «homem comum» de James Thurber. A maioria das pessoas —

pondo de parte todas essas desigualdades — não quereria abdicar da ideia de alguma vez poder possuir algo, de alguma vez poder chamar «sua» a *alguma coisa*.

Como é que os membros de uma espécie desperta o fazem?

Compreendendo que, visto que são todos Um, todas as coisas que existem, pertencem a todos os que existem.

Mas como funcionaria isso em termos práticos? Ninguém no nosso mundo pode lavrar a terra, deitar as sementes, fazer a colheita e receber o rendimento de todas as quintas do planeta.

Não podemos todos entrar na propriedade de outra pessoa como se fosse nossa e simplesmente ficar por aí. Para começar, não haveria um sítio suficientemente grande. E, ainda que o houvesse, não poderia haver privacidade. Teríamos de partilhar tudo, incluindo maridos, mulheres, filhos e bens de todo o tipo?

Como pode isso funcionar?

Na civilização de uma espécie desperta, a ideia de «posse» é substituída pelo conceito de «administração».

As entidades põem-se de acordo sobre quem administra o quê, quem se junta com quem, quem cria as crianças, e quem executa quais funções no mundo físico.

Ninguém «fica» com nada nem com ninguém que esteja a ser cuidado por outra pessoa através de um acordo de administração ou parceria.

Aqueles que criam crianças não imaginam que «possuem» essas crianças, e aqueles que se juntam a outros não imaginam que «possuem» os seus parceiros. Aqueles que aceitam administrar outra coisa física — quer se trate de terra, quer de outro qualquer bem físico em particular — não imaginam que «possuem» esse bem.

Estão simplesmente a amar e cuidar dessas outras entidades e desses outros bens.

Ninguém imagina, por exemplo que, pelo facto de administrar um determinado pedaço do planeta no qual encarnou, «possui» os minerais, a água e o que quer que seja mais nesse pedaço, até ao centro do planeta.

Nem ninguém imagina tão-pouco que «possui» o ar, ou o céu, *sobre* determinado pedaço até ao alto dos céus.

Não há por isso discussões sobre «quão alto» ou «quão profundo », ou sobre quem possui os «direitos» ao que quer que esteja lá para cima ou lá para baixo.

Tais discussões pareceriam inúteis e totalmente desadequadas entre seres que compreendem que são todos Um, e sabem que nenhuma entidade individual ou grupo de entidades pode alguma vez «possuir» um pedaço de um planeta — muito menos o que existe acima e abaixo desse pedaço.

Há discussões constantes entre governos e indivíduos acerca de «direitos aéreos», «direitos aquáticos» e «direitos minerais» no nosso planeta.

Pois há. Então, onde começa e acaba a «posse»?

Mas se as pessoas não possuíssem nada, como poderiam lucrar com alguma coisa? E, se não pudessem ter lucros, como poderiam ganhar a vida?

Os Seres Altamente Evoluídos redefiniram o conceito que tu captaste na tua palavra, «lucro». Não consideram que lucram quando recolhem benefícios à custa de outros. Não consideram aceitável ganhar quando outros perdem. E, muito em especial, não consideram os seus ganhos honrados se o facto de ganharem *fizer* outros perderem. Na sua civilização ninguém beneficia se não beneficiarem todos.

Parece muito difícil à maioria dos seres humanos aderir a uma tal noção. O que nos leva ao Item nº 8 da lista.

O Item N.º 8 diz:

Nº8: Uma espécie desperta partilha sempre tudo com todos. Os seres humanos num estado não desperto raramente o fazem, partilhando com os outros apenas em circunstâncias limitadas.

Para muitos, neste planeta, este enunciado parece simplesmente pouco prático e impossível de concretizar.

Disparate. Vocês fazem-no funcionar constantemente. Estão a experimentá-lo agora mesmo, da vossa forma limitada. Nas vossas famílias, por exemplo.

Nunca admitiriam caminhar rua fora no meio de uma chuvada segurando um guarda-chuva apenas sobre a própria cabeça, dizendo ao vosso companheiro ou aos vossos filhos: «Pena não terem também guarda-chuva, mas é a vida».

Nunca pensariam em comer uma tarte de maçã sozinhos sem a partilharem com o companheiro ou os filhos, dizendo: «Pena não haver que chegue para nós todos, mas a mim de certeza que me vai saber muito bem».

Usei exemplos banais, mas compreendes perfeitamente o conceito de recusar lucrar ou beneficiar quando és o único a lucrar ou a retirar benefícios, quando é a tua própria família ou entes queridos que sofrem por não partilhares.

A única diferença entre ti e os Seres Altamente Evoluídos é que os SAE consideram toda a gente família e entes queridos. A solução para tantos dos problemas da Terra é óbvia.

Então, por que não aderimos a essa solução? O que nos impede, enquanto sociedade, de ver o que há de óbvio nisso, e partilhá-lo com todos?

A razão de não se comportarem assim na Terra é o facto de não pensarem que existe o suficiente para todos, o que vos leva a tentarem assegurar-se de que ficam com a vossa parte. É a ideia de escassez que sufoca a ideia de partilha total e completa.

Mas há que chegue para todos! Dispondo de comida, água, energia e quase tudo aquilo de que precisamos para nos mantermos vivos, o que temos é um problema de distribuição, não um problema de insuficiência.

Isso é em grande medida verdade. Podes partilhar de forma livre e generosa todos os dotes, talentos, competências, conhecimento e abundância que a vida te ofereceu, e veres a vida fazer voltar para ti tudo aquilo de que precisas para permaneceres vivo.

Surpreender-te-ás com o conhecimento — e alterarás o teu sistema de valores por causa desse conhecimento — de que precisas, na verdade, de muito menos do que julgavas para permaneceres intacto, em determinada forma de corpo, e de que não precisas de absolutamente nada para te maneres vivo enquanto alma, considerando que maneres-te vivo é algo que farás, e que não consegues *não* fazer. Trata-se apenas de saber que forma a tua existência assumirá.

Essa é, evidentemente, a questão a que respondes com cada escolha, decisão e ação que empreendes em toda a tua vida: que forma assumirá a minha existência?

Aquilo de que o teu planeta poderia beneficiar desde já era de mais alguns seres humanos dispostos a demonstrar e encontrar um modelo para uma nova forma que a humanidade possa assumir, com base na sua crença na Suficiência e na Partilha, desta forma ajudando a despertar a espécie. Esses modelos terão de se autosseleccionar, porém, pois ninguém os vai nomear ou consagrar.

Daí o Terceiro Convite.

Mas, tal como eu disse antes, como poderíamos ganhar a vida caso todos partilhassem tudo com todos, e toda e qualquer definição de «lucro» tivesse de incluir benefícios para todos?

A experiência de viver não é algo que devemos ter de «ganhar». A vida é um dom, providenciado a todos, e não algo de que tenhamos de ser merecedores em cada dia da nossa existência.

Qualquer civilização poderia facilmente conceber um sistema que permitisse à sociedade preencher as necessidades individuais e de grupo sem que os membros dessa sociedade tivessem de vender a alma e abandonar os seus sonhos para sobreviverem.

Apoiado. Tem de haver uma forma de criar um sistema social no qual todos contribuam com mais ou menos a mesma energia e todos beneficiem mais ou menos igualmente, sem que uns tenham de viver uma existência de escassez e sem que ninguém tenha de prescindir de qualquer esperança de fazer algo que realmente lhe dê gosto nesta vida, de modo a manter-se vivo. Até que toda a nossa sociedade mude, não vai ser fácil criar isso, suponho.

Na verdade, toda a tua sociedade mudará quando a maioria das pessoas perceber como isso é realmente fácil para aqueles de vocês que escolherem liderar o processo. Disse antes que o objetivo da autosselecção para ajudar a despertar a espécie não era declarares-te líder, mas sim assumires-te como alguém que foi conduzido, por um profundo conhecimento interior, a outra forma de ser um ser humano.

Nunca te esqueças de que um «líder» não é alguém que diz: «Segue-me». Um líder é alguém que diz: «Eu vou primeiro».

Não podes mudar do dia para a noite a forma como as tuas sociedades terrenas funcionam, mas podes demonstrar e modelar individualmente as qualidades fundacionais de uma espécie desperta, imediatamente — indo à frente.

CAPÍTULO 20

EQUILÍBRIO ENTRE COSMOLOGIA E TECNOLOGIA

Esta conversa tem sido muito útil, e sabes que mais? Depois de rever os itens n^{os} 9-16 da nossa lista, parece-me que compreendo bastante bem a maioria dos restantes.

Podes então resumi-los rapidamente para mim. Ora vejamos. Aqui estão eles novamente:

9. Uma espécie desperta cria um equilíbrio entre tecnologia e cosmologia; entre máquinas e natureza. Os seres humanos num estado não desperto raramente o fazem.
10. Uma espécie desperta nunca, em circunstância alguma, porá fim à expressão física atual de outro ser senciente a não ser que esse outro ser lho peça diretamente. Os seres humanos em estado não desperto matam frequentemente outros seres humanos sem que estes lhes peçam para o fazer.
11. Uma espécie não desperta nunca faria nada que tivesse o potencial de ferir ou causar dano ao ambiente físico que sustenta os membros da espécie quando estão fisicalizados. Os seres humanos em estado não desperto fazem-no frequentemente.
12. Uma espécie desperta nunca se envenena a si própria. Os seres humanos em estado não desperto fazem-no frequentemente.
13. Uma espécie desperta nunca compete. Os seres humanos em estado não desperto competem frequentemente uns com os outros.
14. Uma espécie não desperta não tem dúvidas de que não necessita de nada. Os seres humanos em estado não desperto criam frequentemente uma experiência baseada na necessidade.
15. Uma espécie desperta experiencia e expressa amor incondicional por todos. Os seres humanos em estado não desperto não conseguem frequentemente imaginar sequer uma Divindade que o faça, e muito menos fazê-lo eles próprios.

16. Uma espécie desperta aprendeu a dominar o poder da metafísica. Os seres humanos em estado não desperto, no essencial, ignoram esse poder.

Não tenho dúvidas de que, se quisermos adotar os comportamentos de uma espécie desperta, teremos de adaptar a nossa cosmologia (isto é, as nossas filosofias, crenças e noções acerca do mundo e as nossas decisões sobre quem somos) à nossa tecnologia [o nosso armamento, as alterações genéticas que induzimos nas culturas, a nossa clonagem de mamíferos e, em breve, também de seres humanos), as nossas técnicas clínicas de prolongamento da vida, além de tudo o resto]. Se não o fizermos, teremos de lidar com dilemas de natureza ética, moral e espiritual que as nossas velhas crenças não nos deixaram preparados para resolver.

Não tenho dúvidas de que, se fôssemos despertos, cessaríamos de causar danos constantes ao nosso ambiente... deixaríamos de nos envenenar com as coisas que comemos, bebemos, fumamos, respiramos, injetamos, escutam e vemos... e poríamos fim às nossas constantes, e muitas vezes implacáveis, competições por tudo e mais alguma coisa — dinheiro, poder, fama, amor, atenção, sexo — *tudo*.

Não tenho dúvidas de que, quando vivermos como uma espécie desperta, transformaremos aquilo que imaginámos serem as nossas necessidades em preferências, e verdadeiramente (e finalmente) amaremos a todos incondicionalmente, ao mesmo tempo que acolheremos e aceitaremos um Deus que faz o mesmo connosco.

Tu compreendes, de facto. Não há necessidade, portanto, de eu aprofundar nada disso.

Os únicos dois itens finais que sinto a necessidade de analisar mais detalhadamente são os nº 10 e o nº 16.

O Item nº 10 afirma que os membros de uma espécie desperta nunca, em circunstância alguma, poriam fim à expressão física atual de outro ser senciente a não ser que esse outro ser lho pedisse diretamente. A cada minuto, os seres humanos matam outros seres humanos em todo o planeta.

Esta última parte não pode ser negada, mas, se quisermos ser justos, grande parte das mortes na Terra têm sido infligidas em autodefesa.

Qualquer ataque é considerado defesa nas culturas primitivas. No entanto, mesmo ao abrigo daquilo que vocês designam por «defesa», um SAE nunca poria fim à expressão física de outro ser senciente sem que este lhe tivesse pedido para o fazer.

Não temos o direito de nos defendermos? Uau. Essa expectativa é tão elevada que ninguém, neste planeta, poderia comprar a ideia. Até as nossas religiões e leis nos dizem que a autodefesa pode justificar o ato de matar. Estás

a dizer-me que não temos o direito de nos protegermos se, para isso, tivermos de matar alguém?

Tu «tens o direito» de fazer o que quer que desejes. Aquilo que és convidado a recordar é que qualquer ato é um ato de autodefinição. Se quiserem definir-se a vocês mesmos como uma espécie que mata os seus membros para que alguns desses membros vivam, podes fazê-lo, e ninguém vos impedirá.

Mas virá o dia em que decidirão parar, quanto mais não seja por perceberem que, no vosso frenesim de proteger a vossa espécie, quase a destruíram.

Mas significa isso que, quando despertarmos, deixaremos que qualquer um nos faça o que lhe apetecer, sem que nos defendamos?

Quando a vossa espécie despertar, não criará cenários nos quais os seus membros tenham de se defender uns dos outros.

Quando despertarem, deporão as vossas armas — todos, ao mesmo tempo —, e eliminarão para sempre as formas e os meios de se destruírem uns aos outros. Chegarão ao fim as vossas competições por tudo e mais alguma coisa, e encontrarão formas de partilhar tudo o que há a partilhar, incluindo os recursos deste mundo e todos os deslumbrantes milagres da ciência, da tecnologia e da medicina que obtiveram até hoje.

Para uma espécie desperta, esta parecerá uma atitude manifestamente óbvia e inquestionavelmente adequada.

Não terão razões para se defenderem a si próprios, pois nunca mais ninguém terá razão alguma para vos atacar — fisicamente, emocionalmente, financeiramente, ou de qualquer outra forma.

Então e se fôssemos atacados por um qualquer indivíduo renegado que ainda não tivesse despertado? Sabes, aquela pessoa que é uma-em-mil ou uma-num-milhão, mentalmente instável?

Deitarias simplesmente o teu corpo e abandonarias pacificamente o Domínio do Físico, sabendo que a tua «morte» não seria um fim para tudo — exceto para a continuação da violência.

Exatamente como Obi Wan Kenobi fez quando foi ameaçado face a face por Darth Vader, num daqueles filmes da *Guerra das Estrelas*.

Sim, exatamente assim. O vosso imaginário de ficção científica mais do que uma vez colocou perante a humanidade ideias maravilhosamente iluminadas. Essa personagem desse filme fez isso, é claro, porque sabia que não podia

morrer; que o «vilão» não lhe podia fazer absolutamente nada que pusesse fim à sua existência.

Mas, e se fôssemos todos atacados, todos ao mesmo tempo, por entidades que não a nossa própria espécie? Foste tu que disseste anteriormente que existem seres avançados de outros planetas no Domínio do Físico que são violentos. Não nos deve preocupar que eles possam um dia descer à Terra e destruir-nos?

Não. Os seres sencientes de outras galáxias não serão autorizados a destruir a vossa civilização. Os Seres Altamente Evoluídos que existem em Outra Dimensão garantiriam que isso fosse impossível.

Porquê? Por que o fariam?

Porque serve o seu propósito expressar e experimentar a sua Verdadeira Identidade fazendo-o. Têm compreensões e objetivos diferentes dos de seres que se experienciam a si próprios fundamentalmente enquanto entidades físicas que vivem numa dimensão física.

E, no entanto, permitem que toda uma civilização destrua a vida tal como a tem conhecido no seu próprio planeta. Estão a permitir-nos fazê-lo agora mesmo.

Esse é um ato proveniente da escolha consciente de uma civilização, da sua Vontade Coletiva, e não um ato que viole a Vontade Consciente Coletiva de outra civilização de outro planeta.

Até na Terra se pode estabelecer esta diferença. É a diferença que existe entre alguém decidir pôr fim à sua própria vida de livre vontade, ou, pelo contrário, alguém decidir pôr termo à vida de outra pessoa, contra a vontade desta.

Numa escala galáctica, o primeiro caso seria compassivamente permitido pelos SAE, enquanto o segundo seria impedido.

Disseste-me uma vez que ninguém morre num momento ou sob uma forma que não seja da sua própria escolha.

Absolutamente correto.

Eu disse isso na nossa última conversa — um diálogo que tu transformaste no livro intitulado *Regresso A Deus Numa Vida Que Não Tem Fim*.

Percebo que esta é uma das mais difíceis e desafiadoras revelações que te fiz, mas nem por isso menos verdadeira.

É impossível resolver os mistérios da vida no âmbito das limitações da mente humana e dos dados incompletos de que dispõe uma espécie que só recentemente emergiu.

O que posso assegurar-te é que, ao nível da alma, os eventos a que te referes são experienciados como estando alinhados com a agenda espiritual da própria alma.

E, no entanto, os indivíduos são constantemente assassinados — mortos contra a sua vontade — na Terra e — conclui-se do que pareces estar a dizer — também noutros planetas onde as entidades também são violentas.

A Vontade Superconsciente individual não pode ser, e não será violada a esse respeito. Assim, quando optam por fazer aquilo que designam por «morrer» — o que vocês fazem num nível Superconsciente (isto é, ao nível da alma), e não num nível consciente (isto é, o nível da Mente) —, deslocam-se voluntariamente do físico para o metafísico. Quando não optam por fazer isso, não fazem essa deslocação.

CAPÍTULO 21

O DOMÍNIO DO PODER DA METAFÍSICA

Acho que isso merece e exige mais explicações e uma análise mais aprofundada. Mas gostaria de passar agora para o Item nº 16 e voltar aqui depois, uma vez que parece haver algo realmente importante para refletirmos neste último item da lista, e os dois podem estar de alguma maneira relacionados. O Item nº 16 diz-nos que uma espécie desperta aprendeu a dominar o poder da metafísica. Já os seres humanos em estado não desperto, fundamentalmente, ignoram-na.

A que estamos a referir-nos aqui?

Aquilo que este item afirma é que o âmbito e a extensão da sabedoria universal e do poder metafísico criativo não são, no essencial, aproveitados pela humanidade.

Volto a pedir-te, agora como antes: podes dar-me um exemplo?

Posso. Tu mesmo disseste há pouco que um homem de nome Émile Coué provou a eficácia da autossugestão no início do século XX.

Bem, pelo menos, provou-a para a *sua* satisfação.

Não acreditas nos resultados dele?

Sim, acredito. Mas poderá haver quem não acredite.

A questão aqui é, uma vez que tu mesmo dizes que acreditas no processo: será que o utilizas? Alguma vez o utilizaste enquanto ferramenta para lidar com as tuas próprias feridas físicas?

Bem, habitualmente, não.

Espera. Tenho de ser verdadeiro relativamente a esta questão.

Isso seria boa ideia.

Nunca o utilizei. Acredito que o poder energético da mente pode afetar a assinatura energética das células do interior do corpo — já falámos acerca desta possibilidade concreta —, mas nunca utilizei o método de Coué para tratar nenhum dos meus problemas físicos.

Caso encerrado.

Suponho que a sociedade humana não está pronta, em grande escala, para lidar com a metafísica, com aquilo a que alguns chamaram alquimia, e para

aplicar rigorosamente aquilo que tantos designaram por poder do pensamento positivo.

Alguns indivíduos fizeram-no, e alguns grupos espirituais — numa percentagem relativamente pequena da totalidade da humanidade — fizeram-no, mas estou a perceber aquilo que estás a dizer. Enquanto civilização, não chegámos nem perto de dominar o poder da metafísica.

Não, a raça humana ainda não o fez. Está, no entanto, a ganhar cada vez mais consciência disso, e a deslocar-se, passo a passo, nessa direção.

Sim. Houve um filme, e um livro, há uns anos, chamado *O Segredo*, que falava de todo o poder que temos dentro de nós para criarmos a nossa própria realidade. E, como ilustração disso mesmo, o filme mostrava um homem a encontrar o carro dos seus sonhos à porta de casa, uma mulher a aperceber-se de que tinha um colar de diamantes ao pescoço, e mesmo um rapaz de nove anos todo contente com a bicicleta nova que acabara de ver junto à porta das traseiras.

Mas eu percebo que estes são apenas os nossos primeiros passos de bebé. Não pude deixar de me interrogar: se o «segredo» era assim tão poderoso, por que não estava a ser usado para criar, digamos, a paz mundial?

Essa ideia não era sequer mencionada no filme enquanto aplicação possível — deixando-nos perceber, no essencial, em que posição os membros da nossa espécie colocavam a paz mundial relativamente a carros novos, colares de diamantes ou bicicletas novinhas em folha. Ou, pelo menos foi aí que os produtores do filme presumiram que a colocámos.

Vocês poderiam, é claro, criar a paz mundial usando metafísica básica.

Sim, o meu excelente amigo John Hagelin viajou por todo o globo a defender essa ideia. Físico quântico de renome, perito em ciência e políticas públicas, pedagogo e autor, o Dr. Hagelin oferece-nos este texto publicado *online*:

«A maioria das pessoas não tem ideia da profundidade com que a sua consciência está ligada ao destino coletivo do planeta — ou de como pode utilizar uma poderosa tecnologia de consciência, cientificamente provada, para as ajudar a criar a paz mundial na Terra, virtualmente da noite para o dia.

«Mais de cinquenta projetos de demonstração e vinte e três estudos publicados em revistas científicas de referência mostram que esta nova abordagem à paz mundial baseada na consciência neutraliza as tensões étnicas, políticas e religiosas presentes na sociedade, as quais geram crime, violência, terrorismo e guerra.

«A abordagem foi testada ao nível local, estadual, nacional e internacional, tendo funcionado sempre, e daí resultaram quebras significativas nas tendências sociais negativas, a par de melhorias nas tendências positivas.

«Grandes grupos de peritos em criação de paz, praticando juntos estas tecnologias de consciência, mergulham bem no fundo de si próprios até aos níveis mais fundamentais da mente e da matéria, a que os físicos chamam campo unificado.

«A partir desse nível de vida criam uma vaga de fundo de harmonia e coerência capaz de alterar permanentemente a sociedade para melhor, tal como é confirmado pelos resultados das Investigações. E esta abordagem baseada na consciência é holística, fácil de implementar, não invasiva e económica.»

(Ver <https://www.permanentpeace.org/> para mais informação.)

A questão que se coloca é então: o que seria preciso para utilizarmos esta... será que lhe posso chamar «tecnologia espiritual? »

O que achas?

Nada mais do que um despertar. Até mesmo um começo de tomada de consciência destas coisas podia pô-las a funcionar a uma escala maior. Fiquei muito impressionado com um dos vídeos que o John Hagelin fez acerca de tudo isto, o qual termina com a seguinte citação:

«Há muito mais provas de que a meditação em grupo pode minar a guerra, como um simples interruptor, do que há provas de que a aspirina reduz a dor de cabeça.»

Ora aí tens. Conta tudo o que sabes. E faz com que todos contem tudo aquilo que sabem. A metafísica funciona. É a peça fundamental do universo. E os Seres Altamente Evoluídos sabem disso.

CAPÍTULO 22

A VONTADE SUPERCONSCIENTE INDIVIDUAL E COLETIVA

Ok, obrigado. Com isso termina a visão geral sobre a lista, que eu achei muito instrutiva. Embora ache, tal como disse, que a nossa análise sobre o Item nº 10, incluindo algumas das observações aí contidas sobre a morte, merece algum aprofundamento.

De novo o Item nº 10:

Nº10: Uma espécie desperta nunca, em circunstância alguma, poria fim à expressão física atual de outro ser senciente a não ser que esse outro ser lho pedisse diretamente. Os seres humanos em estado não desperto matam frequentemente outros seres humanos sem que estes lhes peçam para o fazer.

Este não é um tema que eu sinta que devemos tratar com ligeireza. E compreendo agora que, se fizermos melhor uso do poder da metafísica para lidar com as doenças e outros acontecimentos, isso poderá ter alguma relação com a minha morte. Mas estavas a dizer-me que, se eu for assassinado, ou morto num acidente por um condutor temerário, ou morrer de qualquer outra forma, morri porque decidi morrer?

Que alma decidiria morrer?

A resposta é tão variada como o número de almas do universo. Mas posso assegurar-te que cada morte serve o propósito de cada alma nesse momento, caso contrário não ocorreria.

Então e aqueles de nós que são deixados para trás, fazendo luto pela sua perda? Esses levaram isso em linha de conta?

Seguramente que sim. Levaram tudo em linha de conta. E dão o seu melhor para mitigar a vossa dor pela perda, ajudando-vos a compreender, e a *experienciar*, que não morreram verdadeiramente, mas simplesmente celebraram o seu Dia da Continuação.

O que queres dizer com «experienciar»? Podemos experienciar que eles ainda estão vivos?

Muitas pessoas já sabem aquilo que eu quero dizer, se algum próximo já celebrou o seu Dia da Continuação. Muitos indícios revelam que aqueles que

«faleceram» encontraram maneiras de deixar bem claro aos seus entes queridos sobreviventes o facto de que «ainda estão vivos».

Bolas, este diálogo está a ficar cada vez mais «do outro mundo».

Na verdade, está a ficar cada vez mais «deste mundo». Desloca-se cada vez mais para aquilo que já sabes, bem dentro de ti, mas que simplesmente poderás ainda não ter aceiteado totalmente, de forma completamente aberta, dada a atual História Cultural da vossa espécie tão jovem.

Juntando então todos estes elementos, suponho que não *importaria* que alienígenas de outros planetas nos atacassem. Se não decidíssemos «morrer», não morreríamos e não *poderíamos* morrer.

Não, vocês criariam uma maneira e um meio de isso não ser possível. Tal como, por exemplo, algo ou alguém intervir.

Ah, *estou* a ver. A intervenção de SAE, por exemplo.

Por exemplo. E essa assinatura energética daquilo que a alma escolhe, que se poderia designar por Vontade Superconsciente, trabalha também para ti individualmente.

Se, enquanto indivíduo, não decidiste, ao nível Superconsciente, abandonar a tua forma física, não a abandonarás, mesmo nas circunstâncias mais ameaçadoras ou capazes de te pôr a vida em risco. Podes, como se costuma dizer, «escapar por pouco» ou ter uma «recuperação milagrosa», mas não morrerás.

A Vontade Superconsciente Coletiva — isto é, a vontade manifesta de todos no Coletivo — é a grande e única influência que afeta a encarnação ou a desencarnação do Coletivo, e a Vontade Superconsciente Individual é a grande e única influência que afeta a encarnação ou desencarnação dos Indivíduos. É assim que funciona a energia da Vida.

É Vontade Superconsciente Coletiva manifesta não decidir que o Coletivo seja aniquilado em *massa*, nem destruído enquanto civilização.

Detesto contrariar-te, mas grupos inteiros de pessoas têm morrido neste planeta, e isso já aconteceu mais do que uma vez. Estás a querer dizer-me que é *perfeitamente normal* isso ter acontecido, visto que todos queriam morrer?

Não estou a dizer que é «normal ter acontecido» como aconteceu, ou quando aconteceu. A opção de experienciar qualquer evento como «normal» ou «anormal» é uma opção que se coloca a qualquer pessoa que é afetada de alguma forma por qualquer evento. Nunca direi a ninguém que a sua escolha

está «certa» ou «errada». A sua escolha é a sua escolha. E não me compete a mim julgar.

Tu, na verdade, não julgas nada, pois não?

Não. Eu sei que, em termos humanos, pode haver muitas coisas que, compreensivelmente, seriam definidas pelos seres humanos como «anormais» — e chamar-lhes qualquer outra coisa poderia mesmo ser considerado pouco saudável e cruel no contexto do comportamento humano normal e adequado. É através deste dispositivo que vocês estabelecem os valores fundamentais da vossa civilização — ainda que nem todos vivam de acordo com eles.

Mas não faço essas afirmações ou avaliações, pois fazê-lo implicaria privar-vos da liberdade de criarem a vossa própria realidade.

O que digo aqui é que nenhuma experiência feita por um ser humano daquilo que a vossa espécie designa por «morte» pode ocorrer na violação da Vontade Superconsciente individual dessa pessoa. E nenhuma experiência de uma civilização daquilo que a vossa espécie designa por destruição total pode ocorrer na violação da Vontade Superconsciente Coletiva dessa civilização.

Tens dito isso repetidamente. Mas — mais uma vez, sem querer contrariarte... —, não achas que dizer tal coisa autoriza, num certo sentido, aqueles que se dispõem a realizar morticínios — individualmente, ou, Deus nos livre, em massa — a servir os seus objetivos tortuosos?

Não, transmite conforto àqueles que veriam os outros como tendo sido vitimizados numa tal situação. Permite àqueles que foram deixados para trás encontrar a paz da cura, sabendo que o seu ente querido está a celebrar o seu Dia da Continuação — e o fez com total consciência da escolha que fez, e mesmo com total compreensão e compaixão por aqueles que colaboraram na sua partida.

Pode igualmente, na verdade, deter alguém que possa não sentir culpa por planejar um tal morticínio, ganhando depois consciência desta informação, pois pode privar o potencial perpetrador da satisfação de fazer aquilo que, do seu ponto de vista, é nocivo para outra pessoa, eliminando grande parte do que poderia ter sido a sua motivação.

Nunca me lembraria disso.

E há isto ainda: pessoas que avançariam de qualquer forma para matar outros, individualmente ou em grupo, não procuram nem precisam de permissão de algo ou de alguém que não de si próprias para o fazerem. Terão

justificado as suas ações com base em algo inteiramente diferente de tudo o que se disse aqui.

Sim, mas aquilo que leram aqui poderia ajudá-los a sentirem-se bem com isso.

Já se sentem bem com isso, caso contrário não o teriam feito.

Sabes uma coisa? Estou a começar a compreender até que ponto aquilo que aqui foi dito poderá não se encaixar na compreensão global de muitas pessoas. É que aquilo que aqui foi exposto não cairá bem junto da maioria.

Enquanto alguém experienciar a realidade como um cenário de tipo vítima/vilão, não, não cairá bem. Mas não há no mundo vítimas e vilões. Nem em lado algum do Universo. Há tão-só seres sencientes que evoluem física e metafisicamente, e se ajudam mutuamente a evoluir.

É como te disse anteriormente: não te enviei senão anjos.

Se sentisses que encurtarias significativamente o processo evolutivo de toda uma espécie — isto é, de milhares de milhões de pessoas — permitindo ao teu Eu sair do teu corpo físico em determinado momento, de determinada forma, fá-lo-ias?

Não penses na tua resposta ao nível da mente. Pensa nela ao nível da alma.

Quando penso nessa questão ao nível da alma, apercebo-me de que a minha existência não pode ser ameaçada nem a minha vida terminada. Por isso, alterar simplesmente a forma da minha existência do domínio físico para o metafísico — especialmente sabendo que posso mudá-la de novo sempre que quiser —, sabendo que milhares de milhões avançariam por causa disso no seu processo evolutivo, torna essa decisão muito fácil.

Eu vê-la-ia como algo parecido com aquilo a que tu chamaste, anteriormente, um «Momento Edifício em Chamas», quando corres para salvar o bebé e a tua própria sobrevivência física não faz sequer parte do teu processo de pensamento; não faz parte da equação. Eu faria qualquer escolha que trouxesse o maior benefício ao maior número possível dos meus companheiros seres sencientes.

Claro que o farias, porque isso corresponde a Quem És.

Quero dizer-te de novo que o Amor é quem todos vocês são. É por causa disso que perdoarias de facto à pessoa ou ao grupo que parecesse ser a causa da tua morte, pois compreenderias que, ao nível consciente, eles não saberiam sequer o que estavam a fazer.

De seguida, quando te deslocasses para a consciência total no Domínio do Puro Ser (se não acontecer antes), abandonarias qualquer necessidade de lhes perdoar, porque o perdão seria substituído pela compreensão. Compreenderias completamente de que forma um ser senciente poderia fazer, ou faria, tal coisa.

Disseste-me no passado que a compreensão substitui o perdão na mente do mestre.

E assim é.

Todas essas coisas seriam experimentáveis por ti precisamente *porque* és feito da energia a que chamas Amor, personificada e aumentada nas escolhas de livre vontade e nas decisões que tomas, nas noções a que aderes, e nas expressões do Eu que integras na criação permanente e simultânea no seio da Realidade Última.

Não tens de esperar até te encontrares no Domínio do Puro Ser. Podes aderir a todo o momento a esta consciência. A evolução mais não é, afinal, do que a expansão continuada da tua consciência.

CAPÍTULO 23

OS QUATRO NÍVEIS DA CONSCIÊNCIA

No livro *When Everything Changes, Change Everything*, mencionava-se o «Domínio do Puro Ser». É a isso que tens vindo a referir-te aqui?

É, de facto.

Sim, lembro-me agora. Do Domínio do Puro Ser dizia-se constituir um dos três aspetos do Reino de Deus. Os outros dois eram o Domínio do Espiritual e o Domínio do Físico.

Não te disse já que no meu reino há muitas moradas?

Já, sim. Disseste-o de forma explícita. E dizes agora que até a Terra faz parte do Reino do Céu?

Não «só» a Terra, mas todo o Domínio do Físico faz parte do reino.

Como fiz notar anteriormente, os Seres Altamente Evoluídos conseguem deslocar-se facilmente e sem esforço entre estarem encarnados ou desencarnados na sua dimensão, e passam de facto tempo no Domínio do Físico, que se situa na vossa dimensão, quando isso serve os seus propósitos.

Tal como realçámos antes, vocês fazem o mesmo, deslocando-se, igualmente sem qualquer esforço, entre domínios. Mas quando passam mais do que um breve tempo num estado metafísico, designam os vossos movimentos por «vidas».

Nós, seres humanos, conseguimos deslocar-nos para o estado metafísico quando não estamos entre vidas?

Podem, e fazem-no. Fazem-no em determinadas formas daquilo que designam por «sonhos». Fazem-no quando passam por aquilo que designaram por experiências «fora-do-corpo». Fazem-no naquilo que já descrevemos aqui como «encontros de quase-morte». Conhecem-se alguns de vós que o fazem durante a meditação. E alguns de vós a quem têm chamado mestres — tanto no presente como ao longo das Eras — encarnaram, desencarnaram e voltaram a encarnar durante aquilo que definem como uma vida individual.

Assim, durante determinada viagem ao longo de determinada «vida», podem experienciar, e fazem-no de facto, o facto de serem metafísicos. Mas esta não é para vocês uma experiência habitual ou diária.

É por isso que estás sempre a utilizar essa combinação específica de palavras — «seres que vivem essencialmente no Domínio Físico» — para descrever os seres humanos.

E outras entidades, que vocês designaram por «seres do espaço exterior», que existem noutros planetas no Domínio do Físico.

Obrigado. Compreendo agora claramente a utilização que fazes da expressão. Uma última coisa, então, neste longo fio de raciocínio. Utilizaste outra expressão interessante — «Vontade Superconsciente» — várias vezes ao longo deste diálogo. Podes explicar essa utilização?

Posso. Tal como partilhei pormenorizadamente na conversa que se transformou no teu livro *Amizade Com Deus*, todos os seres sencientes experienciam a consciência a quatro níveis: o Subconsciente, o Consciente, o Superconsciente e o Supraconsciente.

As energias da criação são emitidas por todas as entidades a partir de um destes quatro níveis.

Considerando que a vossa espécie é muito jovem, muitos seres humanos agem sem terem total consciência de como se comportam e do que fazem. Produzem as suas criações (e, portanto, a sua experiência) a partir de um nível específico de consciência, a partir do qual observam a vida e tomam decisões, mas podem não o fazer com total consciência, ou absoluta intencionalidade relativamente ao nível a partir do qual operam.

Ajudava-me muito se me desses um exemplo disto, pois perdi-me nessa última parte.

- Muito bem, então aqui vão alguns exemplos clássicos. Um que já mencionei é o de uma pessoa que cura uma ferida. Essa pessoa está a criar a partir do nível Subconsciente — enviando, por exemplo, glóbulos brancos para a localização de um pequeno corte na pele — e essa pessoa, na maior parte dos casos, veio deste nível de consciência sem sequer pensar nisso. Pode ou não ter consciência total daquilo que está a fazer e de como está a criar.
- Uma pessoa que corre para o aeroporto está a criar a partir do nível Consciente, e, na maior parte das vezes, essa pessoa veio deste nível de consciência porque está a pensar nisso. Este tipo de pessoas

possui em geral total consciência daquilo que está a fazer e de como está a criar.

- Uma pessoa que empurra alguém para fora do trajeto de um autocarro, com isso arriscando a própria vida, está a criar a partir do nível Superconsciente, e essa pessoa vem deste nível de consciência depois de pensar sobre isso — mas reunindo os dados tão depressa que parece que não pensou nisso. Este tipo de pessoas tem sempre consciência total daquilo que está a fazer e de como está a criar.
- Uma pessoa que opta por se despertar a si própria e à sua espécie transformando-se numa demonstração e num modelo da sua Verdadeira Identidade está a criar a partir do nível Supraconsciente, e essa pessoa vem desse nível de consciência intencionalmente, com consciência total daquilo que está a fazer e de como está a criar.

Os seres sencientes demonstram absoluta, completa e total consciência de Quem São e de Como a Vida Funciona quando escolhem, de forma deliberada e intencional, *antes do tempo*, determinado Estado de Consciência a partir do qual expressam e experienciam qualquer pensamento, palavra ou ação.

Os seres sencientes demonstram um nível inferior de Consciência quando expressam e experienciam um pensamento, palavra ou ação a partir de um Estado de Consciência que não selecionaram de forma deliberada e intencional.

Muitos seres sencientes vacilam entre níveis de consciência, com isso alterando de forma significativa a qualidade e a eficácia dos seus pensamentos, palavras e ações ao longo dos diversos momentos da sua vida.

Os mestres são seres que não vacilam entre níveis de Consciência, antes selecionam consistentemente, de forma deliberada e intenção clara, o Estado de Consciência a partir do qual desejam que emergjam os seus pensamentos, palavras e ações.

Não podias ser mais claro. Compreendo perfeitamente.

Excelente.

Aquilo que eu não compreendo é como se atinge um nível de mestria; como posso pôr fim à vacilação interminável da minha consciência.

Foi por isso que vieste ter comigo.

Podes mostrar-me como?

Posso e tenho vindo a mostrar. Podes é não ter prestado suficiente atenção. Mas agora estás a fazê-lo. Estás a despertar para o facto de que já estás desperto. Isso não é pouca coisa. Isso constitui o princípio do princípio, por assim dizer.

Agora observa a tua consciência expandir-se nos dias que se seguem. Sentirás esta expansão ao mesmo tempo que continuas a experienciar e recordar este diálogo.

Compreendo agora por que razão os Seres Altamente Evoluídos de Outra Dimensão não deixam que sejamos destruídos por qualquer ataque perpetrado por outros seres no Domínio do Físico. Os SAE agem sempre em conformidade com a Vontade Superconsciente Coletiva das civilizações cujos membros se experienciam a si próprios como seres primariamente físicos.

Corretíssimo. Agora compreendes.

E por isso, na Terra, estamos protegidos da violência das espécies interestelares.

Estão a salvo de todas menos uma.

Meu Deus, qual é?

Os terrestres. Vocês não estão a salvo de vocês mesmos.

CAPÍTULO 24

QUEM SÃO OS SERES ALTAMENTE EVOLUÍDOS E COMO NOS AJUDAM?

Essa foi engraçada. Essa foi muito engraçada.

Não estava a tentar ser engraçado. Estava a ser rigoroso.

Mas não será da Vontade Superconsciente Coletiva da Humanidade não ser destruída?

É, sim.

Nesse caso, como pode a Humanidade ser uma ameaça para si própria?

A Humanidade não pode ser, e não será, ameaçada enquanto Coletivo. Sempre existirá, pois é da Vontade Coletiva Superconsciente da Humanidade que assim seja. A questão não está em saber se o Coletivo designado por «Humanidade» existirá, mas antes como existirá. Qual será a qualidade de vida dos seres humanos?

Vocês estão a decidir isso agora — agora mesmo — no vosso planeta. Muito dependerá do número de seres humanos que despertem.

Aqueles de vocês que se autoidentificam como tendo aceitado o Terceiro Convite podem desempenhar, e desempenharão, um papel de primeiro plano no resultado produzido no vosso planeta.

Tudo aquilo que disseste abre imensas vias de discussão. Não sei exatamente como prosseguir a partir daqui — e não quero desviar-me demasiado do fio condutor deste diálogo. Quero que ele seja *relevante*.

Não podes «desviar-te demasiado» ou ser «irrelevante», o que quer que seja que perguntes. Todas as questões são a mesma questão, apenas olhada de diferentes ângulos.

A questão é...

VIDA:

*O que há de verdadeiro nela,
e como podemos viver essa verdade.*

OK, então vou prosseguir na mesma linha. Porque isto tem a ver comigo, com a forma como estou a viver a minha vida humana — e tem a ver com todos nós que demos por nós a acompanhar esta conversa, e podemos optar por autosseleccionar aquilo que poderá ser feito para ajudar a despertar a espécie.

Ótimo.

Tu descreveste a forma como os Seres Altamente Evoluídos de Outra Dimensão se deslocam do domínio físico para o metafísico, e de volta ao primeiro, à sua vontade. De seguida disseste que nós fazemos o mesmo.

Correto.

Pois bem, não há muitos seres humanos que experienciem o mesmo. Nascemos — ou, para usar a tua expressão, «encarnamos» — quando nascemos. Não experienciamos qualquer controlo relativamente a isso. E morremos quando morremos. Também sobre isso não temos nenhum controlo.

Isso já estará *incorreto*.

OK, é verdade que algumas pessoas morrem às suas próprias mãos, pelo que exerceram de facto controlo sobre quando morriam, mas certamente não tiveram controlo sobre quando nasceram.

Continuarás a imaginar que tudo isso é verdade acerca daquilo a que chamam o vosso «nascimento» e a vossa «morte» enquanto pensarem em vocês mesmos como um corpo.

Na verdade, já me disseste antes que eu não sou um corpo. Disseste que eu tenho um corpo, mas Quem Sou não é um corpo.

Fico feliz por te lembrares disso. É a informação mais importante que algum dia poderás receber acerca do teu Eu, e que algum dia poderás partilhar com outra pessoa.

Cada entidade da Outra Dimensão pensa em si própria como uma emanção da Essência Essencial. Ou, utilizando a palavra que temos vindo a empregar ao longo deste diálogo, que te será mais confortável: uma alma.

E vê assim que não estás a «desviar-te» quando exploras este ponto. Na verdade, ele é fundamental para a discussão mais ampla de como seria para os seres humanos modelarem a sua vida com base nas vidas dos Seres Altamente Evoluídos.

Serve-te, portanto, daquilo que estamos a analisar agora para criar um contexto mais amplo para aquilo que já foi aqui partilhado acerca das possibilidades do futuro da humanidade.

Perfeito. Muito bem. Consigo ver a ligação. Tu queres que eu compreenda que é por causa de eles se conhecerem a si próprios e saberem que são aquilo que designamos por «almas» que os Seres Altamente Evoluídos de Outra Dimensão experienciam poderem encarnar à sua vontade, experienciam nunca morrerem, que o seu propósito e único desejo é expressar e experienciar a Divindade, que de nada precisam, que nada possuem, que nada do que administram deixarão de partilhar, que nada deixarão de fazer em favor daqueles que amam — e que não há ninguém que não amem.

Que síntese magnífica. Embrulhaste tudo lindamente. Que bom para ti.

E que bom para todos aqueles que se autosselecionam como colaboradores na escolha de fazer o que quer que possam fazer para se ajudarem a si próprios e ajudarem os outros no processo de despertar.

Sim.

Sei que quanto mais compreendo que sou uma alma com corpo, e não um corpo com uma alma, mais consigo viver a vida que todos os seres sencientes são convidados a viver, simplesmente conhecendo e aceitando a sua verdadeira identidade.

Ora, é ótimo explorar uma lista de diferenças entre espécie desperta que aceita totalmente a sua Verdadeira Identidade e os seres humanos, mas percebo que poderá ser difícil às pessoas aceitar qualquer parte do que aqui é discutido (e ISTO é importante, a propósito, se eu e outros vamos despertar a espécie) caso não nos seja proporcionada mais informação acerca destes SAE, como temos vindo a designá-los; quem eles são e como nos ajudam.

Tu disseste que eles assumem por vezes a forma física fora da sua própria dimensão, de modo a ajudarem a espécie ao longo do Domínio do Físico.

Correto.

Então, se e quando os Seres Altamente Evoluídos assumem uma forma física quando não se encontram na sua dimensão, de que modo evitam serem notados?

Por vezes são notados — e querem sê-lo. Podem assumir uma forma que seja normal para eles na sua própria dimensão, mas nada normal no ambiente que estão a visitar, *permitindo-se* assim serem notados. Fá-lo-ão caso a sua intenção seja permitir aos que vivem fora da sua dimensão saber que eles:

- a) existem;
- b) estão presentes e;
- c) não querem fazer mal a ninguém, e só vieram ajudar.

Se um Ser Altamente Evoluído sente que ser visto na sua forma física chocará ou provocará atitudes defensivas desnecessárias, com isso funcionando

contra a sua própria razão de se deslocarem do domínio metafísico para o físico num local fora da sua dimensão (que é ajudar e não assustar), assumirão a forma dos seres que pretendem ajudar, e fá-lo-ão de tal forma que se misturem noutra civilização sem tornarem a sua presença perturbadora, desestabilizadora, desconcertante ou alarmante, sob qualquer forma.

Como é que um SAE concretiza isso?

Encarnando o mais cedo possível no ciclo de vida dos seres que procura ajudar, deslocando-se através da mesma passagem no desenvolvimento de todas as entidades dessa civilização.

Ah, estou a perceber! Dessa forma, um SAE não irá simplesmente «aparecer» algures, tendo de dar explicações a todos os nativos dessa civilização.

Exatamente. Ao assumir a forma de um recém-nascido ou de um nativo recém-emergente do planeta anfitrião, são criados um historial e um registo completos da presença do SAE no seio da — população local. Desse modo, não se dá nenhuma perturbação devido à sua chegada ao ambiente de determinada civilização.

Existe igualmente uma segunda, mas não menos importante, razão para emergir numa civilização no início do ciclo de vida de todas as entidades nativas dessa civilização. Assegura-se ao SAE que compreenda a história e os hábitos locais, e as respetivas crenças e os comportamentos de forma total e *experencial*.

No que diz respeito a todos os elementos desse ambiente anfitrião, o SAE é simplesmente «mais um do grupo». Não se «destaca» por quaisquer diferenças físicas; não «assusta os habitantes locais».

Correto.

Muito bem, eis então a Grande Questão: estás a dizer que um membro desta espécie desperta, se procurar ajudar-nos, pode assumir a forma humana?

Pode, de facto. Os Seres Altamente Evoluídos têm capacidade para isso.

Já o fizeram? Diz-mo diretamente: já o *fizeram*?

Sim. Em raras ocasiões, já.

É então *verdade* que existem — para me servir de uma expressão corrente — «alienígenas entre nós». Não apenas alienígenas no universo, mas alienígenas entre *nós*.

Não no sentido que eu sei que lhe estás a dar, não.

Não debes ficar com a impressão de que milhares, centenas, ou mesmo dezenas de seres sencientes de outra dimensão caminham pelas vossas ruas e se sentam ao vosso lado nos restaurantes, ou estão na mesma fila do supermercado. Nesse sentido, não há, e não houve, alienígenas «entre vocês».

Então, o que estás a dizer?

Estou a dizer que houve algumas, raras, ocasiões ao longo da história em que um Ser Altamente Evoluído assumiu forma humana como meio de transmitir fisicamente — e, mais importante, modelar visivelmente — uma mensagem particular que poderia perder-se no turbilhão das questões humanas, caso não tivesse sido colocada perante a vossa espécie para que a considerassem da forma mais direta possível.

Isso pode acontecer, na vossa escala temporal, uma vez em mil anos ou mais. Tem constituído uma ocorrência rara e isolada.

O método de longe mais habitual de dar assistência à civilização da Terra (ou de qualquer outro planeta) é o envio delicado de energia curativa e de apoio, sob a forma de conforto, novas ideias e conceitos que a Humanidade possa considerar para adotar na sua vida. Isso é feito através de um processo que poderíamos designar por inspiração.

Nenhum ser ou entidade entra energeticamente na mente de alguém de uma forma pessoalmente intrusiva — isso iria infringir um código ou linha de orientação informais inerentes ao processo, que não permitem a entidade alguma violar o espaço privado dos pensamentos de um ser senciente. Os SAE limitam-se a colocar ideias no espaço da vida, de modo a que essas ideias ressoem junto dos seres do domínio físico que projetam uma assinatura energética semelhante. É a ressonância energética que conduz até eles essas ideias. Eles dirão então habitualmente «acabei de ter uma ideia». E tiveram de facto. Foi exatamente isso o que aconteceu, e essa é uma forma excelente de o descrever.

Assim, se eles nunca entram energeticamente na mente de um ser humano, *como*, exatamente, é que os SAE se asseguram de que as suas ideias e sugestões são levadas em conta, já não falando em serem escutadas ou aceites?

Simplesmente deixando-as entrar no fluxo daquilo a que o vosso Carl Jung designou por Inconsciente Coletivo. Os seres humanos junto dos quais estas ideias encontram ressonância veem-se então magnetizados pela sua correspondência vibracional.

Tudo, evidentemente, é energia, a vibrar com determinada frequência. Todo o ser senciente do universo se deixa atrair por correspondências energéticas vibracionais. É por esse meio que os seres sencientes se deixam inspirar.

Ora, o maior número de ideias, de longe, chega aos seres humanos a partir das suas próprias observações e capacidade inventiva, de tal modo que os conceitos e ideias dos SAE não representam senão uma pequena percentagem das mesmas. Esses conceitos e ideias encontram-se no fluxo energético, no entanto, e sabe-se que penetraram por vezes na consciência de pessoas que se sentem atraídas por elas. Estes seres humanos, muitas vezes, são os que escolheram ocupações de vida orientadas por ideias.

O resultado disto são ideias de largo alcance, inspiradoras e frequentemente revolucionárias, que surgem habitualmente em livros, filmes, programas de televisão, vídeos, revistas, jornais, redes sociais seletas e outras vias utilizadas pelas massas.

Vejo isso acontecer com grande regularidade. Não sei exatamente quais as ideias que vêm de onde, mas vi certamente muitos filmes, livros, artigos *online* e outras mensagens que tratam de uma forma melhor de os seres humanos interagirem, proporcionando à nossa espécie elementos de uma narrativa cultural maravilhosamente alterada, e apresentando novos e ousados cenários para melhorar o nosso futuro coletivo.

Agora deixaste-me a pensar. Esta experiência que eu estou a ter agora faz parte desse processo? Será que todas as minhas conversas com Deus foram na realidade conversas com Seres Altamente Evoluídos?

Não. Esta conversa não está a ser alimentada pelos Seres Altamente Evoluídos aos quais me tenho referido, se é isso que queres saber. Ela faz parte do processo mais lato através do qual a Divindade é expressa através do cosmos.

Todos os seres sencientes do universo têm a capacidade de comunicar diretamente com o Divino. Não é necessário, nem nunca foi, passar por qualquer intermediário, seja ele um Ser Altamente Evoluído, ou seja quem for.

Todos os seres humanos têm constantemente conversas comigo. Simplesmente não o «anunciam», ou chamam-lhe outra coisa qualquer, em geral por medo de serem ridicularizados ou marginalizados.

Os Seres Altamente Evoluídos estão simplesmente mais conscientes da sua ligação eterna à Fonte Original, nunca negariam que são expressões dela, experienciam uma comunicação constante com a Essência Essencial a que vocês

chamam Deus, e descobrem simultaneamente alegria e realização pessoal na transmissão daquilo que compreenderam e experienciaram em resultado da sua ligação eterna e contínua unidade comigo.

E foi assim que um Ser Altamente Evoluído veio à Terra, em determinadas ocasiões, ao longo dos milénios.

Sim, quando fazê-lo proporcionava a melhor oportunidade de transmitir uma mensagem que traria grandes benefícios ao progresso da vossa espécie, fazendo que fosse transmitida e modelada de tal forma que ninguém lhe passasse ao lado.

A mensagem não tem de ser aceite, nota bem. Nada se exige, nem ninguém é pressionado por um Ser Altamente Evoluído. Mas transmitir e encontrar um modelo para a mensagem de uma forma que não possa ser ignorada é sempre um objetivo de um SAE.

CAPÍTULO 25

NASCIMENTO DE UM SER ALTAMENTE EVOLUÍDO

Gostaria muito de compreender tudo isto ainda melhor. Podes pensar que tenho uma sede insaciável de pormenores, mas a verdade é que me custa aceitar aquilo que não consigo abranger na minha mente.

Por favor, não te preocupes. Convidei-te em conversas anteriores a pões de parte qualquer necessidade de te explicares, e muito mais de te justificares.

Sim, é verdade, e obrigado por isso.

Assegura-te apenas, devido ao fascínio deste diálogo permanente, de não o fazeres incidir de tal modo nos pormenores técnicos dos Seres Altamente Evoluídos que percas a noção do aspeto mais importante daquilo que és convidado a viver e partilhar — nomeadamente, a forma como todos vocês podem elevar a vossa experiência na Terra até a transformarem na experiência de uma espécie desperta chamada humanidade.

Hás-de querer assegurar-te de que conversemos sobre a forma como podem integrar ideias maravilhosamente elevadas na vossa vida quotidiana, ao mesmo tempo que mudam os vossos próprios comportamentos.

E queremos falar mais de amor. Verdadeiro amor. Amor real. A energia fundacional do universo. E de como podem experienciá-la e expressá-la na sua forma mais pura.

Obrigado, não deixarei de ter isso em mente. Quero realmente fazer de novo com que esta conversa incida em questões de enorme importância e relevância para a minha própria experiência pessoal. E é, de facto, por saber que estas conversas *têm* relevância pessoal para mim que aceitei sem hesitar o Terceiro Convite. Tenho a perfeita noção de que elas me vão fazer mais bem do que a qualquer outra pessoa.

Mas estou, evidentemente, fascinado com aquilo que tens vindo a dizer-me desde que afirmaste que aqueles de nós que escolhem fazê-lo não têm de se preocupar com empreender sozinhos a missão de despertar a espécie — teremos ajuda.

Terão, sem dúvida.

E é essa ajuda que nos vem de Seres Altamente Evoluídos de Outra Dimensão.

Exatamente.

Então, não vou deixar de querer saber tudo o que possa saber acerca disso. Estou a presumir que a forma como tentam ajudar-nos é através da partilha de algumas das ações, escolhas e decisões que os seres humanos podem tomar à medida que nos tornamos mais completamente despertos, pelo que me sinto grato por ter revisto essa lista e analisado algumas das suas implicações para a humanidade.

Mas a minha mente assinala-me que, antes de poder sequer começar a assimilar totalmente esse tipo de informação, é necessário abordar algum ceticismo bem real relativamente à questão de saber se alguns dos chamados Seres Altamente Evoluídos realmente nos visitaram... e, em caso afirmativo, como poderiam ter-se «safado» sem introduzirem o caos no mundo inteiro.

Se conseguisse avançar por aí, aposto que conseguiria afastar suficientemente do caminho a minha mente lógica para analisar de que forma a sociedade humana poderia mudar caso vivêssemos como espécie desperta.

O que precisas de saber, então, acerca disso?

Gostava primeiro de saber se consigo compreender com clareza tudo o que me disseste até aqui.

Faz as perguntas que entenderes.

Obrigado.

Naquelas ocasiões em que um Ser Altamente Evoluído se fisicalizou na Terra — e tu dizes que isso foi muito raro, mas já aconteceu — explicaste-me que ele não «apareceu» subitamente sob a forma de ser humano, andando por aí como uma pessoa totalmente desenvolvida, antes encarnou no princípio do ciclo de vida humano, entendi bem?

É de facto assim.

Tenho então de perguntar... se isso tem a ver com a consciência da mãe e do pai relativamente a este bebé — será assim? Se se trata verdadeiramente de um Ser Altamente Evoluído, não posso imaginar que encarnasse de forma invasiva ou intrusiva.

Corretíssimo. Ambos os seres humanos a quem nascesse essa criança seriam imbuídos de forma delicada e amorosa de uma profunda consciência interior do facto de disporem de uma oportunidade de criarem uma criança com um propósito muito especial, sendo opção sua fazê-lo, ou não.

Mas, sabes que, mesmo depois de dito isso, a ideia de um casal dar à luz um alienígena parece-me muito difícil de aceitar.

O Ser Altamente Evoluído que se transformou no filho de seres humanos não era de forma alguma «alienígena», mais do que tu serás «alienígena»

quando abandonares o teu corpo físico, através do processo a que chamas «morte», para de seguida regressares do domínio metafísico para outra vida no domínio físico, através do processo a que chamas «nascimento».

Um Ser Altamente Evoluído mais não é do que uma entidade totalmente desperta que se deslocou através do mesmo ciclo e está a fazer a mesma coisa, com a única diferença de que um tal ser se deslocou do domínio metafísico para o domínio físico de uma forma interdimensional. Em raras ocasiões, um desses Seres Altamente Evoluídos assumiu a fisicalidade sob a forma chamada «humana».

Estou a ver.

Nem tão-pouco tu serias um «alienígena» sob qualquer outra forma no universo físico que pudesses escolher assumir. Serias «um deles» em qualquer civilização do Domínio do Físico na qual pudesses decidir assumir forma física.

Desculpa? Agora perdi-me.

Podes escolher fisicalizares-te sob qualquer forma que entendas, onde quer que seja no universo. Sabias disto?

Não, não sabia. Provavelmente já me deparei com essa ideia, nalguma leitura que tenha feito ou nalguma história que tenha ouvido, mas não sabia que era verdadeira.

É, sim.

Estás a dizer-me que posso escolher reencarnar noutra sítio que não na Terra?

Dispões dessa opção, sim.

Mas por que haveria de querer fazê-lo?

Como parte da viagem da tua alma, como parte da tua missão para experienciar qualquer aspeto de si própria que sabe ser seu.

Pela mesmíssima razão, a tua alma pode ter saído de outras civilizações para encarnar na Terra.

Estás a dizer-me que eu posso ser um alienígena aqui?

Não. Não serias mais um «alienígena», tendo nascido aqui, do que o seria um Ser Altamente Evoluído que viesse à Terra. Essa é a questão. Terias simplesmente vindo aqui experienciar todos os aspetos da vida que a existência na Terra pode providenciar, enquanto um Ser Altamente Evoluído de Outra Dimensão teria vindo até aqui para te ajudar.

Alguma vez fiz de facto alguma dessas coisas? Sei que estás a afirmar que é possível uma alma fazê-lo, mas a minha alma, em particular, alguma vez encarnou noutra local qualquer do cosmos?

Deixa-me fazer-te uma pergunta. Nunca te aconteceu, ao contemplar o céu noturno, sentires que estavas a olhar na direção do teu lar?

Sim, por acaso já. É uma questão interessante, essa que colocaste, e tenho de admitir que já por vezes senti *saudades de casa*, e sentia a minha atenção ser atraída como que por um ímã relativamente a uma determinada zona.

Achas que sentirias isso relativamente a um sítio onde nunca tivesses estado?

Meu Deus, esta conversa está a levar-me para todo o tipo de sítios inesperados.

Se queres limitar-te ao esperado, provavelmente não devias estar a ter uma conversa com Deus.

Não, provavelmente não.

Estás, portanto, a explicar-me que as almas têm uma escolha, entre diversas vidas, sobre onde se hão-de fisicalizar.

Toda a experiência de todas as almas tem a ver com escolhas. Sempre e para sempre. Escolha, escolha, escolha.

Liberdade de escolha. A escolha dos Seres Divinos, serem Divinos.

Bolas... isto é tão... não sabia... incrível... é a palavra que me vem à mente. Estou a lutar para não dizer «impossível de acreditar».

Por que estás tão espantado? Será que não está escrito: «Vós sois deuses...?».

Sim, sim. Mas quem é que acredita nisso? Quem é que leva isso à letra?

De que serviria a mensagem se a deitasses fora?

Eu ouço o que tu dizes. Mas há tanta coisa em tantas escrituras sagradas, e nem tudo o que lá vem é verdade. Sejamos justos. Tem havido algumas interpretações erradas, alguns equívocos na interpretação do original... digamos... das suas «revelações». Temos, portanto, de seleccionar e escolher, e nem sempre é fácil saber o que devemos aceitar e em que devemos acreditar profundamente.

Sim, é por essa razão que, muito de vez em quando, um Ser Altamente Evoluído de Outra Dimensão encarna sob a forma humana para transmitir e *modelar*, em termos humanos, as maiores verdades, possibilitando à vossa espécie emergente compreender tudo.

Quando um Ser Altamente Evoluído ganha forma humana, assimila, acolhe e encarna todos os aspetos do ser-se humano, até às mais diminutas características celulares. Não é, portanto, alienígena, mas sim inteiramente humano, embora com características de pensamento e temperamento, consciência e compreensão que os seus conhecimentos e experiência lhe dão.

E, portanto, essa alma poderia realmente ser designada um *ser humano* altamente evoluído.

É exatamente isso. Os SAE, tal como tu, são almas — manifestando a Divindade sob a forma física. São almas que decidiram deslocar-se do domínio metafísico para o domínio físico na vossa dimensão, de modo a poderem ter a experiência da sua Divindade ajudando outras almas a recordar as suas.

Esta é uma maravilhosa clarificação, uma perfeita exegese.

CAPÍTULO 26

VESTÍGIOS DA ATUAÇÃO DE SERES ALTAMENTE EVOLUÍDOS

E, assim, um Ser Altamente Evoluído vive os anos de desenvolvimento tal como qualquer outro membro da nossa espécie, para depois começar a fazer o seu trabalho de ajudar a espécie a despertar quando atingir o estado adulto.

Por vezes até mesmo antes.

Ajuda começar-se ainda em criança?

Por vezes, sim.

Como é que o SAE não se destaca?

Na verdade, destaca-se, sim. Designa-se quase sempre por «pessoa de destaque». E pode ter surpreendido os outros com aquilo que parecia conhecer e com aquilo que disse. Mas o único objetivo do SAE era deixar informação de tal forma que articulasse ideais mais elevados e os colocasse à consideração de uma cultura ainda em processo de desenvolvimento.

Como é que um Ser Altamente Evoluído fazia isso? Como «deixava» essa informação? Explica-me como fomos ajudados quando um SAE veio à Terra.

Os SAE falaram às pessoas — por vezes aos anciãos, mais tarde na sua vida, aos seus pares — e ofereceram coisas que foram escutadas e têm sido recordadas, em alguns casos ao longo de séculos,

Modelaram igualmente, através do seu comportamento, a forma como uma espécie desperta podia viver. Esta foi a sua mais importante contribuição para a cultura, o seu principal meio de transmissão da mensagem.

Alguns Seres Altamente Evoluídos deixaram escritos, acrescentando, sob diversas formas, ideias à cultura, desde novelas a poesia, passando por obras dramáticas, nas quais depositaram grandes verdades.

Tais como? Estou pronto a começar a ouvir explicar como funciona uma espécie desperta. Aguardo exemplos.

Eis alguns: eliminar o conceito de alguma vez se sentir ofendido — e muito menos procurar vingança. Oferecer apenas bênçãos a quem nos magoa. Prescindir de qualquer tipo de defesa.

Bem, essas são... como dizer... ideias bem «avançadas». Qualquer ser humano que dissesse tais coisas seria provavelmente excluído por se destacar do comum das pessoas, e não seria levado muito a sério.

Não tenhas tanta certeza disso. Esse tipo de ideias tem sido inserido na vossa cultura e *não* tem sido excluído, mas, antes pelo contrário, tem-lhe sido feita justiça.

Foi o homem chamado Buda que disse aos seus monges que, ainda que os salteadores de estrada os atacassem e roubassem, «quem de vós alimentar no seu coração má vontade para com eles não estará à altura dos meus ensinamentos. Os monges, mesmo numa tal situação, têm de se treinar no seguinte: 'Nem deixareis que as vossas mentes sejam afetadas por isto, nem dareis curso a palavras malévolas. Permaneceremos cheios de preocupação e piedade, com o amor em mente, e não cederemos ao ódio.

«Pelo contrário, viveremos projetando pensamentos de amor universal para com essas mesmas pessoas, fazendo delas, bem como de todo o mundo, objeto dos nossos pensamentos de amor universal — pensamentos que se tornaram grandes, exaltados e sem medida. Viveremos a irradiar tais pensamentos desprovidos de hostilidade e má vontade.' É desta forma, monges, que vos treinareis».

E não foi um homem chamado Jesus que disse: «Amem os vossos inimigos, abençoem quem vos amaldiçoa, façam o bem a quem vos odeia, e rezem por aqueles que desdenhosamente se servem de vós e vos perseguem»? E não disse ele também «se alguém te bater na face direita, oferece-lhe a esquerda»?

Estás a dizer que Buda e Jesus eram Seres Altamente Evoluídos de Outra Dimensão?

Estou a dizer que estas ideias não foram amplamente aceites ou praticadas na cultura da época.

Nem tão-pouco hoje.

Nem tão-pouco hoje. Os que as disseram estavam inspirados.

Mas, então, eram SAE ou não?

Não terá qualquer utilidade, aqui, identificar todo e qualquer indivíduo no decurso da História da Humanidade que tenha recebido a sua inspiração de uma entidade nascida como um Ser Altamente Evoluído encarnado no vosso planeta — ou que, de facto o fosse.

Pergunto porque, dada a informação contida neste diálogo, poder-se-á pensar que sugeres que os grandes mestres, filósofos e mensageiros do nosso passado — desde Lao Tsé a Sócrates, de Buda a Jesus... de Hildegard de Bingen a Julian de Norwich, duzentos anos mais tarde... e outros modelos e mestres, tanto antes como depois destes homens e mulheres — fossem Seres Altamente Evoluídos de Outra Dimensão. É isso que estás a sugerir?

Vês como isto já se transformou numa distração relativamente à mensagem deles? É quase como se as maravilhas e a glória do seu modelo, a perspicácia e a sabedoria da sua mensagem devessem de alguma forma ser considerados de forma diferente pelo facto de terem sido inspiradas por um Ser Altamente Evoluído, ou por eles próprios poderem ter sido um tal ser, vindo de Outra Dimensão e nascido no seio da humanidade para ajudar a espécie.

Por que havia, porém, a origem de qualquer mensagem ou modelo ter mais importância do que o respetivo conteúdo?

O efeito do facto de os SAE terem providenciado ajuda e inspiração no vosso processo evolutivo não pretendia fazer-vos questionar o vosso passado, mas tão-só inspirar-vos a criar um futuro glorioso.

A verdade é a verdade, seja qual for a sua fonte.

Deixando, então, a questão do nosso passado distante, deixa-me perguntar-te o seguinte: esses seres estão atualmente encarnados no nosso planeta?

Mais uma vez, não teria qualquer utilidade ir por aí.

Se te respondesse que sim, quererias conhecer imediatamente a identidade desses seres. Se, por outro lado, te respondesse «não, nesta época da vossa História, não», pedir-me-ias que identificasse qual foi a mais recente época do vosso passado em que isso ocorreu.

Em qualquer dos casos, identificar alguém entre vós, passado ou presente, como sendo um membro de uma espécie desperta de Outra Dimensão poderia, na mente de alguns, invalidar algumas mensagens muito importantes que os seres humanos, pelo menos em parte, acolheram — ou, pelo contrário, poderia ampliar desproporcionadamente qualquer palavra que pronunciassem ou escrevessem, transformando-as na próxima moda em que acreditar, em vez de em ti próprio.

Essa bateu forte.

Era essa a intenção. De nada serviria que os Seres Altamente Evoluídos procurassem ajudar a humanidade se mais não fizessem do que pôr a humanidade a procurar a ajuda *deles*.

A ideia é que os seres humanos adquiram a consciência de quem são, e não substituí-la pela consciência de quem a outra pessoa é.

Sim, as nossas religiões já o fizeram. Não precisamos de repetir o processo.

Não, não precisam.

O propósito total da missão pela qual os SAE procuram ajudar a humanidade não é substituir a magnificência da humanidade pela sua própria, mas sim aumentar a magnificência da humanidade com uma palavra ou uma ideia bem escolhidas, aqui e ali, providenciadas à vossa espécie para sua consideração.

Por isso foi dito (e apresento aqui uma versão mitigada): «Se vires o Buda a caminhar pela rua, foge dele».

Nunca percebi esse dito.

Se ele tiver a aparência de um Buda, caminhar como um Buda, falar como um Buda e agir como um Buda, não pode ser um Buda, mas sim um intrujão, em busca da tua atenção e adulação. É que um verdadeiro Buda não quereria nada de ti, e muito menos o reconhecimento da sua grandeza — só quereria a tua própria realização pessoal.

Uau, já percebi. E esta constitui uma segunda e maravilhosa resposta à minha questão de há pouco acerca de mim próprio e de outros, capazes de se autosseleccionarem e ajudarem a despertar a espécie, sentindo-se tentados a exibirem-se de forma grandiosa.

Ainda que o ego nos tentasse a fazê-lo, uma compreensão mais profunda deixaria ficar bem claro que isso derrotaria todo o propósito da aceitação do terceiro convite.

Sem dúvida. E, pela mesma razão, identificar qualquer SAE que tenha visitado a Terra no passado ou no presente destruiria todo o propósito dessa rara visita.

Já percebi. Não te pressionarei pedindo mais informações, nesse caso — embora, tenho de o dizer, tu definitivamente tenhas espicaçado a minha curiosidade.

Muito mais benéfico para ti será satisfazeres a tua curiosidade sobre quando é que toda a população da Terra decidirá viver como uma espécie

verdadeiramente desperta. Em relação a isso é que os SAE gostariam de te ver ficar curioso.

CAPÍTULO 27

COMPREENDENDO UM POUCO DA METAFÍSICA BÁSICA

Será que posso compreender, em «termos leigos», a metafísica de tudo o que temos vindo a discutir?

Claro que sim. A questão está em saber se tens a paciência e o interesse necessários para isso.

É algo que te pode ser útil para ampliares a tua compreensão de ti mesmo, do teu universo multidimensional, e mesmo de Deus, mas de momento poderá parecer-te um pouco como uma aula de pós-graduação.

Vai em frente. Sou todo ouvidos.

Considera simplesmente isto: a vida, por toda a parte, é composta de mais espaço do que matéria.

(Isto é facilmente observável, seja com o microscópio, seja com um telescópio. Não é de surpreender, portanto, que o universo e um grão de areia sejam exatamente iguais, dependendo do grau de ampliação da areia. O macrocosmos e o microcosmos, no essencial, são idênticos.)

Ora, quando a pura energia — a expressão primordial da Vida que designaremos por Essência Essencial — coagula, transforma-se naquilo a que se chamaria, em termos humanos, «matéria».

Pelo facto de estas coagulações vibrarem ou vacilarem a uma velocidade suficiente, as partículas movem-se constantemente.

Não só vibram e rodam no mesmo lugar como se deslocam pelo espaço, impulsionadas pela energia da sua rotação — de forma algo semelhante a um pião que se desloca em cima de uma mesa enquanto roda.

Essas partículas, em número infindável, conseguem mover-se tão depressa (em termos relativos) que parecem não estar aqui nem ali, mas sim em todo o lado ao mesmo tempo, criando assim a ilusão de solidez — ou, dito de outra forma, de «físico».

Conseguimos ver as pás de uma ventoinha ou os raios de uma jante de bicicleta produzir exatamente a mesma ilusão. A ilusão de solidez.

Já percebi. Estás, portanto, a dizer que simplesmente reduzindo a frequência vibratória, ou velocidade, da sua Essência Essencial, os SAE de Outra Dimensão des-solidificam, isto é, «desencarnam».

Isso mesmo. A única coisa que fazem é diminuir drasticamente a rotação das suas partículas de energia, assim expandindo o tempo necessário para que essas partículas se desloquem de um ponto para o outro no seu padrão vibratório.

Vemos subitamente o espaço entre as partículas, do mesmo modo que veríamos o espaço entre os raios de uma jante de bicicleta caso se diminuísse a intensidade da rotação.

(A propósito, se olharmos o universo, ou qualquer uma das suas galáxias, a uma distância suficientemente grande, a única coisa que veremos será uma Grande Roda.)

Ora, se o espaço entre os raios de uma bicicleta fosse suficientemente gigantesco (como te pareceria se fosses do tamanho de um micróbio e a tua perspetiva fosse, portanto, míope), a única coisa que verias durante muito tempo — até à passagem do raio seguinte da jante da bicicleta — seria espaço vazio. Com efeito, enquanto esperamos e observamos o raio seguinte, a solidez parece ter desaparecido. O que não sabes é que *nunca* lá esteve, *logo para começar*. Tratava-se simplesmente da velocidade com que os raios se moviam no teu campo de visão a criarem a *ilusão* de solidez.

Quando um Ser Altamente Evoluído se des-fisicaliza, o tempo entre os ciclos de energia do SAE é tão longo — em termos relativos — que o espaço entre as suas vacilações é (também em termos relativos) vastíssimo — e aquilo que antes aparecia aos outros como uma forma física sólida deixa de ter essa aparência. A entidade parece ter «des-aparecido», pois não pode ser vista na sua integralidade senão a partir de uma enorme distância (para nós, incomensurável).

A fórmula é simples:

Tempo + Espaço = Aparência.

Se pudéssemos afastar-nos da totalidade do universo e do *universo* de universos — veríamos o Corpo de Deus.

Quer dizer que sempre são verdadeiras as conjeturas atuais dos físicos? Sempre existe mais do que um universo?

Sim. O cosmos é um multiverso, e não um universo.

Nesse caso, para usar uma expressão conhecida, *não conhecemos nem metade dele*.

Para sermos mais rigorosos — e talvez cunharmos uma nova expressão — não conhecemos sequer um centésimo. Mas os Seres Altamente Evoluídos de Outra Dimensão compreendem perfeitamente a metafísica da existência, e têm, portanto, bem claro na sua mente que nem existem nem cessam de existir simplesmente devido à frequência da sua vibração energética. Parecem simplesmente ser ou não ser «físicos».

«Ser ou não ser, eis a questão.»

Precisamente.

Os SAE sabem que existem sempre e para sempre enquanto individualizações vibratórias da Essência Essencial, e que a única coisa que fazem é regular as flutuações da sua energia, alterando as suas vacilações de modo a serem ou não serem visíveis ou não visíveis, aquilo a que chamaríamos «físico» ou «não-físico», conforme o que mais lhes sirva os propósitos.

Tão simples. Eles nunca realmente «encarnam» ou «desencarnam», eles simplesmente *são sempre*. Eles são sempre *ambos*. E preenchem mais, ou menos, — num certo sentido, expandindo-se ou contraindo-se a si próprios — através da mera alteração da velocidade da sua vibração energética.

E tu, Deus, és tão imenso, devido à tua vibração energética, que não podes de todo ser visto! Isso não significa que não estejas aí, significa simplesmente que és tão *expandido* que o espaço entre as tuas partículas de energia te torna invisível.

Brilhante. Percebeste! Uma explicação metafísica de «Deus»!

Tu e tudo são as partículas de energia de Deus. E o espaço imenso entre as gigantescas partículas rotativas do cosmos é espelhado no espaço imenso, em termos relativos, entre as partículas pelas quais *tu* és constituído.

Compreendes — não é? — que se olhares para o teu próprio corpo com uma enorme ampliação, aquilo que verás será exatamente aquilo que vês quando olhas para o céu noturno? Perceberás que tanto tu como o cosmos são 99 por cento espaço.

Achas que esta semelhança é uma coincidência?

Se tirasses o ar de todas as pessoas que há na Terra e deixasses apenas as suas partículas de energia, toda a raça humana caberia num berlinde.

Isso é desconcertante.

E é muito útil compreendê-lo.

A maioria dos seres humanos pensa em si própria como aquilo que veem e experienciam quando as suas partículas de energia se deslocam a grande velocidade.

Pensam que são um corpo, em vez de uma alma que cria um corpo através de uma simples manipulação metafísica.

Quando as partículas energéticas de uma pessoa se deslocam a grande velocidade, dizemos que essa pessoa «está viva». E quando a sua energia, pelo contrário, se desloca a velocidade reduzida, dizemos que essa pessoa «morreu».

A morte, porém, não existe. Nunca deixamos de ser, mudamos simplesmente de forma. Na verdade, quando «morremos», tornamo-nos simplesmente mais *expansivos*.

Quer dizer que eu nunca me «des-fisicalizo». Eu sou sempre um conglomerado de partículas de energia, e nunca deixo de ser isso mesmo. É isso que queres dizer quando afirmas que a morte não existe! Dizer-se que eu sou «físico» ou «metafísico» tem simplesmente a ver com quão expandido é o tempo que levam as partículas que eu sou a rodarem; ou quão longe se encontram as minhas partículas no Contínuo Espaço/Tempo! E isso, por sua vez, é simplesmente função da velocidade com que rodam e, assim, se movem em redor umas das outras.

Vês? Perguntaste se conseguirias compreender, em termos leigos, tudo isto, e eu respondi que sim — e aqui tens.

Mas o meu corpo continua a existir na fisicalidade quando a alma parte. Pode ser enterrado, cremado, ou receber qualquer outro destino, mas não desaparece simplesmente.

Não, cessa simplesmente de existir na sua forma física atual. Até acabar por se dissipar.

Mas parece-me que está então *mais* «integrado» no planeta. O meu corpo «morto» acaba por se decompor e fazer parte da composição mais ampla da Terra na qual está enterrado. Ou, se foi cremado, muda de forma instantaneamente, transformando-se no pó do qual a Terra e o Cosmos são feitos. Mas não se desintegra.

Correto. O corpo que tens não se desintegra, RE-integra-se. Acaba por tornar-se tão completamente integrado na fisicalidade à sua volta que, ironicamente, parece desaparecer. Na verdade, não des-apareceu de todo, simplesmente assumiu uma nova aparência.

Parece então ficar fundido, ou ser um só, com a matéria da qual tudo é feito.

És pó, e em pó te hás-de tornar.

Exatamente. E as partículas são então agrupadas pela alma que habitava esse corpo, e reunidas com a Mente e o Espírito para se tornarem, uma vez mais, o Eu-de-três-partes. Essa é a Ressurreição do Corpo, sobre a qual muito já foi escrito.

Mas isso não acontece instantaneamente, como ocorre com os Seres Altamente Evoluídos. É esse o meu ponto. Esse processo leva tempo.

Se o analisares no quadro dessa ilusão, sim. Mas, se o olhares de outro ângulo, o ponto de vista da alma, sob a forma metafísica, tudo acontece ao mesmo tempo.

As expressões energéticas a que chamas o teu corpo e a tua mente viajam com a alma — para dizer a verdade, são partes dela — ao longo de toda a eternidade. Aquilo que a tua mente, na sua limitada compreensão, designa por corpo e mente são meros aspetos da energia da alma, vibrando a frequências que fazem com que sejam experienciadas e expressas sob formas particulares.

És um ser de três partes — corpo, mente e espírito — e nunca, nunca és menos que isso, ou qualquer outra coisa. Quando te deslocas do domínio metafísico para o domínio físico, e regressas ao primeiro, simplesmente desintegras e reintegras esses aspetos de Quem És.

Para te ajudar a compreender como é possível tal coisa, pensa naquilo a que vocês chamam «luz branca». Esta é, de facto, uma combinação de luzes de diferentes comprimentos de onda do espectro eletromagnético. Se fizeres passar luz branca por um prisma dispersivo, verás as cores do seu espectro, que são as suas partes constituintes.

Pensa, então, na fisicalidade como sendo o «prisma» da Realidade Última. Quando a alma atravessa o prisma em direção à fisicalidade, decompõe-se nas suas partes constituintes: corpo, mente e espírito. Quando, depois, atravessa o prisma em sentido inverso — ou, como dizem os seres humanos, quando «falecemos» —, a alma torna-se de novo um elemento único.

Esse elemento único és Tu.

CAPÍTULO 28

PENETRANDO UM POUCO NA COSMOLOGIA DA VIDA

Dou por mim a querer insistir em que todas essas coisas — todo esse processo que acabas de me explicar tão bem — requer tempo e espaço para ocorrer. E tu estás sempre a dizer que Tempo e Espaço são coisas que não existem. Estou a tentar conciliar as duas coisas.

Vejo que tu queres mesmo penetrar profundamente na cosmologia da vida.

Desculpa. É como disse antes: parece que não consigo entender — ou aceitar — nada disto, se não compreender e aceitar a sua totalidade.

Não há problema. Tudo bem. Continua a ser cético. Estás a fazê-lo em representação de muitos dos teus irmãos e irmãs. E o que fazes tem a ver com o despertar da espécie. Se já te expliquei grande parte disto anteriormente, há quem possa estar a lidar com isto pela primeira vez. E outros, como tu, poderão ter armazenado no local mais recôndito da sua mente, e esquecido, aquilo que te disse anteriormente.

Abordamos então essa questão, ainda que de forma breve e, se quiseres mais pormenores, poderás voltar aos nossos diálogos anteriores e voltar a lê-los.

Ótimo, porque aquilo que estou agora a compreender é que o processo através do qual seres humanos e mesmo Seres Altamente Evoluídos de Outra Dimensão evoluem, experienciando-se a si próprios a níveis cada vez mais elevados, parece exigir tempo. Por isso, sim, preciso de uma sessão de revisões. Estou convencido de que ela me ajudará, em termos práticos, a viver a minha vida.

Pode ajudar, e ajudará certamente, sim.

Estás, portanto, a dizer que mesmo os Seres Altamente Evoluídos vivem no seio daquilo que descreves como a «ilusão» do tempo?

Vivem, de facto. A diferença está em que eles sabem que se trata de uma ilusão, pelo que se concentram na ilusão de forma intermitente, tal como vimos antes, o que lhes permite utilizá-la para melhor servir os seus propósitos concretos.

Isto está a começar a ultrapassar-me um pouco. Sinto que ultrapassa as minhas capacidades.

Utilizemos um exemplo que te pode levar para uma zona mais confortável.

Pensa num DVD do teu filme preferido. O enredo está todo no disco, não está?

Está.

Mas não vês o filme todo de uma vez. Concentras o laser nos dados um bit de cada vez. De seguida outro, depois outro, depois mais outro — criando a ilusão de que os dados de facto existem sequencialmente, apesar de saberes que não é assim. Sabes que está lá tudo ao mesmo tempo. Está lá tudo, o tempo todo.

Ora bem, se os seres humanos, como crianças que são da comunidade cósmica de seres sencientes, conseguem descobrir como fazê-lo, o que te parece que conseguirão fazer os Seres Altamente Evoluídos com os dados do disco gigante chamado universo?

Já antes me apresentaste esse exemplo, e já não me lembrava dele. Obrigado por mo trazeres de novo à mente. Que grande analogia. Já sinto de novo os pés em terra firme.

Ótimo. Começas, portanto, a compreender a ilusão. Mas a maioria dos seres humanos não sabe que o tempo e o espaço são ilusórios, imaginando, portanto, que são contraídos por eles e têm de obedecer às «leis» do tempo e do espaço.

Na verdade, é como qualquer outra coisa na vida. Quando conhecemos as «regras», podemos desobedecer-lhes. Ou então utilizá-las para produzir qualquer efeito que desejemos.

É exatamente isso o que eu faço numa grande escala, evidentemente. E é isso que faz igualmente qualquer ser que age como Deus.

Sugeres então seriamente que ignoremos as leis do tempo e do espaço? Isso não é um pouco como sugerir a uma pessoa que alimenta ilusões de grandeza que salte de um avião sem paraquedas, convencida de que pode ignorar a lei da gravidade e voar?

Não estou a sugerir que ignores qualquer das leis do universo, tal como as entendes. Sugiro que as uses.

Como as usamos? E como é que uma pessoa normal consegue sequer saber que elas são ilusões? A nós, parecem-nos bem reais.

É assim que devem parecer. É esse todo o seu sentido. Foram criadas para produzir um Campo Contextual no seio do qual vocês possam expressar e

experienciar o vosso Eu ao mais alto nível — e depois ao nível mais alto seguinte, e ao seguinte, e assim sucessivamente ao longo de toda a vossa vida... e todas as vossas *vidas*.

Mas as minhas duas questões permanecem. Como utilizamos essas ilusões e, perdoa-me, como podemos sequer saber que são ilusões? Pessoalmente, adoro a analogia do DVD, mas haverá alguma forma de provar isso?

A melhor maneira de utilizares as ilusões é compreendendo e percebendo que tempo e espaço não são o que parecem, e que podes reagir e responder a eles sob uma diversidade de formas, de modo a produzir uma diversidade de experiências.

Por exemplo, alguma vez reparaste que «o tempo voa quando nos divertimos»? Inversamente, nunca reparaste que três semanas podem parecer três meses quando esperamos por algo especial ou importante?

Já, e também já reparei que nada me torna mais produtivo do que «o último minuto».

Exatamente. Podes fazer mais coisas em quatro horas do que normalmente farias em dois dias, se essas forem as últimas quatro horas de que dispões!

Eis então como compreender isto se pode tornar bastante prático: vocês podem realizar mais em termos de conservação dos recursos da Terra, de proteção do seu ambiente, de melhoria das condições humanas do planeta, e da vossa própria transformação pessoal nos próximos dez dias do que fizeram nos anteriores cem dias, e nos próximos dez anos do que fizeram no último século, se for essa a vossa vontade.

O primeiro passo para tornar isso possível seria aceitar que o Tempo é uma ilusão, e não se deixarem desencorajar nem limitar pelo «pouco tempo» de que parecem dispor — nem se permitirem entregar-se à apatia por causa do «pouco tempo» de que pensam dispor.

Façam com que a avaliação das vossas capacidades e a definição das vossas metas nada tenham a ver com o tempo. Libertem-se desses constrangimentos artificiais. Podem realmente, como diz o velho adágio, começar a fazer agora mesmo aquilo que andaram a adiar para «amanhã».

Quanto à demonstração, em termos da física e não simplesmente de analogias com DVD, esse tempo, tal como o compreendem, é uma ilusão: vocês têm a noção — têm ou não têm? — de que se entrassem a bordo de uma nave espacial e viajassem suficientemente depressa para um local suficientemente

distante da Terra, e se pudessem voltar-se para trás, olhar para a Terra e fitar o vosso irmão, não veriam o que está a acontecer no seu «agora», mas no seu passado, não é verdade?

Então, poderia até ver-me a levantar voo!

Corretíssimo. Se pudesses viajar suficientemente depressa para um local suficientemente distante, poderias voltar-te para trás e espiar o teu próprio passado.

Isso implicaria que eu pudesse existir em dois sítios ao mesmo tempo!

(Hmm — nunca conversaste com o teu «futuro eu»?)

Do mesmo modo, se começasses uma viagem a partir de determinado local no espaço mais profundo, relativamente a um certo «tempo» na Terra, e se pudesses tirar uma fotografia do que estava a acontecer na Terra enquanto te dirigias para ela a grande velocidade, o que verias no mesmo instante em que o teu irmão experienciava o seu «agora» na Terra seria *o futuro do teu irmão*.

Acho que nunca compreendi bem isso. Como posso saber que é verdade?

Estuda o trabalho de Albert Einstein. Pergunta a qualquer físico. Dir-te-á que existe uma ligação direta entre o movimento no espaço e a passagem do tempo.

É nisso que consiste o chamado Contínuo Espaço/Tempo?

É exatamente nisso que consiste o Contínuo Espaço/Tempo, sim. O espaço e o tempo não são duas coisas diferentes, mas sim um elemento unificado do cosmos: dois aspetos de uma Única Realidade.

Nessa Única Realidade, não existe passado, presente e futuro. Existe apenas a forma como olhamos O Seu Todo. Existe apenas o Momento de Ouro do Agora, experienciado a partir de diferentes «sítios» no Contínuo Espaço/Tempo.

Disseste-me anteriormente que tudo o que alguma vez aconteceu, o que está a acontecer agora e o que acontecerá alguma vez está a acontecer agora mesmo. Então, era isto que querias dizer.

Sim.

A nossa experiência do tempo é criada pelo ponto que ocupamos no espaço — é isso que estás a querer dizer-me?

É isso mesmo.

Nesse caso, como podemos alguma vez mudar as coisas? Se tudo já aconteceu, não poderíamos mudar o nosso futuro ainda que o quiséssemos!

Podem mudar o futuro que tu, e todos os que vivem agora, *experienciam*. Não existe apenas um «futuro», mas todos os futuros que possas criar.

Pensa nisso como num jogo de xadrez no computador. Qualquer resultado concebível de qualquer jogada concebível existe já no programa da aplicação. Tu determinas o desenvolvimento do jogo através das jogadas que fazes, mas podes inserir o mesmo disco no computador amanhã e jogar o jogo a partir do zero fazendo jogadas diferentes, às quais o programa responderá de forma totalmente distinta — produzindo um «futuro» totalmente diferente com um resultado totalmente diferente.

No jogo de xadrez no computador, todos os futuros possíveis existem já, e tu decides quais desses resultados experimentarás, com base nas jogadas que fizeres.

Ora aí está mais uma maravilhosa analogia! Até a minha mente limitada consegue agora começar a conceber a realidade de uma nova forma.

Tu e aqueles que viverão depois de ti podem «mudar» o futuro, e mudá-lo-ão de facto (estão meramente a seleccionar o futuro da sua preferência, com base nas jogadas que fizerem), afetando todos os que vivem com eles e depois deles — e assim sucessivamente, ao longo dos tempos.

Quando disse que tudo o que alguma vez aconteceu, esta a acontecer agora, e alguma vez acontecerá, está a acontecer agora mesmo, utilizei «tudo» na mais ampla acepção da palavra. Incluí aí todas as possibilidades, todos os resultados, todos os futuros que possam imaginar — e alguns que não começaram sequer a conseguir imaginar.

Nesse caso, o futuro está assegurado! Sabemos que existe, de uma forma ou de outra, dependendo das «jogadas» que fizermos.

O futuro está assegurado. Mas que «futuro» experimentarão depende de vocês.

Não estamos aqui a falar de «predestinação». Não existe Um Futuro Único no qual não têm outra opção senão entrar. Existe O Futuro que estão a criar e a experienciar, com base nas escolhas e ações que realizarem.

Disseste muitas vezes «Há aqui muito mais do que parece», e não estavas a brincar. Falaste de forma literal.

É verdade. E agora a tua percepção cresceu até conseguires compreender até que ponto eu podia estar a falar literalmente.

Assim, se vos preocupa como será o vosso futuro na Terra, comecem a criar esse «futuro» particular agindo sobre as condições, e mudando-as, «agora».

A vida nunca terminará, pois a Vida não tem «princípio» nem «fim». Mas só experienciarão, no vosso estado atual de consciência, uma vida de cada vez. O que a vossa linha de vida atual vos traz, bem como a todos aqueles que viajam ao vosso lado ao longo do Contínuo Espaço/Tempo, é algo que depende de vocês e deles.

Estás a fazer-me pensar em tudo o que há para pensar sobre a questão, e lembro-me agora de que grande parte disto se encontra na transcrição de *Regresso A Deus*. Fui consultar, e vejo que nos disseste então claramente: «Nada há de misterioso no Universo se soubermos olhá-lo bem, se o olharmos de forma multidimensional. Isso não é fácil para vocês, pois colocaram-se dentro de um corpo, no interior do Espaço e do Tempo, vendo, percecionando e deslocando-se nas direções limitadas de que o corpo é capaz. Mas o vosso corpo não é Quem São, mas algo que possuem».

Sim, e isso não é tudo o que está aqui a ser partilhado e que me ofereceste anteriormente. Mas agora, na conversa que estamos a ter, estás a juntar tudo num único sitio, captando e re-energizando o impulso principal das nossas conversas anteriores.

Tu e outros podem usar este resumo como guia de consulta rápida, um sólido auxiliar de memória, e uma ferramenta poderosa para qualquer pessoa que optou por despertar para o facto de que está desperta, empenhando-se humildemente em ajudar sob qualquer forma que lhe seja possível, o despertar de outros.

CAPÍTULO 29

OS SERES ALTAMENTE AVANÇADOS

Permite-me voltar um pouco atrás para falar daquelas outras entidades avançadas, mas não necessariamente evoluídas, que vivem noutros planetas do cosmos. Disseste que algumas continuaram a ser violentas, violentas tal como a jovem espécie da Terra é violenta, apesar de terem avançado enormemente nas suas tecnologias. Tenho por isso de perguntar uma coisa.

Por que foi permitido a tais seres sencientes chegar tão longe, logo para começar, no desenvolvimento da sua civilização, antes de serem ajudados? Por que não foram contactados por Seres Altamente Evoluídos de Outra Dimensão quando eram tão jovens como são atualmente os Terrestres, de modo a que pudessem ter sarado ou transformado o seu comportamento violento imaturo?

Mas foram, Meu Querido, mas foram.

E não ajudou? Não estou a perceber isto. Se és Deus e se estes SAE — como lhes hei de chamar... estes emissários — constituem uma de muitas formas de Divindade, expressando e experienciando Quem Realmente São ajudando outras formas de vida a evoluir... como pôde um tal esforço não originar uma mudança na consciência dessas entidades em tudo o resto avançadas, de tal modo que a violência fosse simplesmente abandonada?

Qualquer ser do universo — e, por extensão, qualquer civilização — dispõe de livre arbítrio, lembras-te?

A característica fundamental de todas as formas de vida sencientes é a liberdade. A liberdade de criar qualquer realidade que escolham.

Muitas das civilizações que são agora mais velhas não optaram, quando eram tão jovens como é a civilização da Terra, por despertar para a sua Verdadeira Identidade.

Mas eu pensava que Deus não podia falhar. Isto é, que não falhava *em nada*. A ideia de que o fracasso existe é uma das Dez Ilusões dos Seres Humanos. Por isso, como é possível que a tentativa dos SAE de Outra Dimensão não tenha inspirado seres avançados, mas não totalmente evoluídos, que vivem noutros planetas no Domínio do Físico, a despertarem para a sua Divindade no âmbito do seu livre arbítrio?

Nenhum dos seus esforços foi desprovido de benefícios. Inspiraram de facto muitas entidades individuais. Mas a civilização, no seu todo, continuou a

optar por outro caminho. No entanto — para responder à tua questão sobre Deus «falhar» — fica a saber que todos os seres sencientes do universo acabam por escolher livremente unir-se à sua Divindade.

De verdade?

De verdade. A questão não está em saber se farão livremente esta escolha, mas sim se o farão antes ou depois — ou por causa de — terem provocado tantos danos à sua civilização, bem como ao planeta em que em tempos prosperaram para a vida, tal como a tinham conhecido, se ter alterado para sempre.

Sob muitos aspetos, a grande ideia é pôr fim à «vida tal como a conheceram» — mas trocando-a, evidentemente, por uma nova forma de vida mais jubilosa, gerada por uma nova e transformada forma de *ser*.

Não é então uma questão de saber se Seres Altamente Evoluídos que existem em Outra Dimensão despertam essas outras espécies físicas, mas *quando*.

Podes formular assim a questão, sim.

O que é que *isso* significa?

Significa que, no quadro da tua compreensão atual do tempo, podes formular assim a questão.

Ah, sim, acabámos de ver isso. Por isso, em determinado nível, já aconteceu!

E, tal como fizemos notar, nada ocorre em sequência. Tudo acontece em simultâneo. A tua experiência individual desta realidade parece-te sequencial, mas a realidade existe simultaneamente na sua totalidade. A vida é, portanto, aquilo a que se poderia chamar «sequentânea».

Bom, se o «futuro» já aconteceu, então tu, como Deus que és, tens de saber já tudo acerca de *tudo* o que «aconteceu». Por isso, diz-nos simplesmente, agora, qual é o resultado, para acabarem as nossas preocupações, interrogações, tentativas...

Não, isso não vou fazer.

Porquê, por ser um *grande segredo* e tu não poderes deixar o coelho sair da cartola?

Não, porque todos os resultados concebíveis já ocorreram, e aquele que *tu* e aqueles que fazem parte da tua vida vão experienciar é aquele que escolherás — e eu nada farei para impedir essa escolha. Deixar-te-ei sempre uma margem de decisão na matéria.

Isto é a verdadeira Santidade, esta é a experiência mais verdadeira da Divindade. E esta é a experiência que desejo para ti.

Muito bem. Vou aceitar isso, e deixar passar. Por isso, por agora, será que podemos falar no contexto de uma realidade sequencial, a realidade que eu estou a experienciar na minha vida?

Podemos, e estamos a fazê-lo.

Ótimo. Nesse quadro de referência, estou agora a compreender que os Seres Altamente Evoluídos decidiram ajudar os Terrestres a despertar para Quem Realmente São. Compreendo igualmente que temos a opção de despertar antes de causarmos danos irreparáveis à nossa civilização e ao nosso planeta, danos tais que podem fazer com que «a vida tal como a conhecemos» se desagregue e desapareça.

Assumo que, se não despertarmos agora, durante este estágio inicial do nosso desenvolvimento cósmico, poderemos acabar a viver nesta linha de vida, essencialmente, como vivem muitas espécies mais velhas do domínio físico, tornando-nos cada vez mais violentos à medida que nos fomos tornando cada vez mais avançados.

Essas últimas palavras constituem uma boa descrição de como vão as coisas atualmente no teu planeta.

Sim. Nós *estamos* a tornar-nos cada vez mais violentos, à medida que nos tornamos cada vez mais avançados. Essa é a insanidade da questão.

À medida que desenvolvemos as nossas tecnologias e as nossas armas de destruição em massa, podemos tornar-nos tão violentos que nos autoaniquilemos completamente.

Não. Não totalmente. A Vontade Superconsciente da vossa espécie não o permitirá. Nenhuma espécie alguma vez se autoaniquila de forma total e completa. Podem até ter de encontrar maneira de migrar para outra localização habitável do cosmos, apenas com um pequeno número de seres humanos, mas a espécie nunca se autoaniquilará por completo.

Mas é verdade que se aproximaram bastante disso. A civilização humana já se aproximou muito disso.

Referes-te a Lemúria? E Atlântida?

Precisamente.

Sabemos então o que nos espera. Podemos não desaparecer completamente enquanto espécie, mas podemos causar uma imensidade de danos, se essa for a nossa opção.

Correto. Atualmente, não é isso que a maior parte da humanidade está a escolher. Não obstante, muitos seres sencientes fazem coisas que não têm relação alguma com aquilo que escolhem.

Lembras-te da nossa analogia da criança-com-fósforos?

Lembro.

As crianças muito pequenas que acendem fósforos e deitam fogo à sua própria casa não escolheram fazê-lo. Esse pode ser o resultado daquilo que fizeram, mas não é o que escolheram. E a única razão para que a casa tenha ardido é o facto de os bombeiros não terem chegado a tempo.

No vosso caso — isto é, no caso da vossa civilização — os bombeiros já chegaram.

É nisso que consiste o Terceiro Convite. Vocês são os bombeiros; vocês, e outros como vocês na Terra, que vão autoidentificar-se como estando empenhados em ajudar no despertar da espécie.

Se assim for, preciso de te pedir que voltemos agora esta conversa para um olhar algo mais pessoal. Lembras-te de quando disseste que eu devo ter cuidado em não me focar tanto nos aspetos fascinantes daquilo que temos vindo a discutir, de tal modo que perca o foco naquilo que é mais importante para mim retirar de tudo isto a um nível pessoal, ajudando-me na continuação do meu despertar?

Sim.

E mencionaste de facto, nessa altura, a questão da integração completa, que é exatamente aquilo de que me sinto agora chamado a conversar contigo. E parece-me que outros que se autoidentificaram podem ter a mesma questão que eu — ou problema, esperando não estar a ser indelicado com eles ao colocar assim a questão.

Vai em frente. Eu estou aqui.

CAPÍTULO 30

MOMENTO PERFEITO PARA EVOLUIR

Como é que eu, e eles, integramos tudo isto?

Foram-nos dadas aqui excelentes perspetivas sobre como os seres humanos poderiam viver caso fôssemos uma espécie desperta, mas a questão que se coloca agora é: como podemos fazer isso funcionar na vida de todos os dias?

Se eu pertença ao corpo de bombeiros, preciso de mudar os meus próprios comportamentos antes de começar sequer a pensar em produzir algum tipo de mudança no planeta. Gandhi viu bem a questão. Preciso de ser a mudança que desejo ver. Mas não consegui fazer isso a meu contento. Estou a chegar à conclusão de que informação é uma coisa, integração é outra totalmente diferente.

A grande tristeza da minha vida é o facto de não ter conseguido integrar totalmente aquilo que aprendi e compreendi em resultado das nossas conversas. Não consegui transformar tudo isso numa parte consistente da minha vida. Refiro-me às minhas interações diárias, e não apenas aos meus pensamentos diários.

E eis aquilo que eu não quero fazer. Não quero que partilhemos com os outros mensagens que não podem realmente ser vividas e demonstradas. Não estou interessado em metas evolutivas utópicas, pouco práticas, impossíveis de pôr em prática, inatingíveis.

Estas metas são atingíveis, garanto-te. Os seres humanos normais e comuns têm vivido as suas vidas sob as formas que aqui foram descritas.

Isso pode ser assim, e fico contentíssimo por sabê-lo, mas posso dizer-te que, na minha experiência, esse tem constituído um enorme desafio. Ouço-te dizer, por exemplo, que eu sou Amor, e que somos todos Amor; que o Amor é aquilo de que somos feitos, é Quem Nós Somos. Bom, sabes, eu acho que sou uma pessoa amorosa, quero ser uma pessoa amorosa, tento ser uma pessoa amorosa, mas vezes demais digo algo, faço algo, ou sou algo que pura e simplesmente não é muito amoroso.

Ou não amo a Terra, ou não me amo a mim próprio, ou — o mais triste de tudo para mim — ajo de uma forma que não é muito amorosa para outra pessoa.

Quero pôr-me acima disso. Quero ultrapassar isso. Quero ir além disso. Estou a entrar no primeiro terço da minha sétima década nesta Terra e quero

mesmo ver alguns progressos. *Quanto tempo*, oh Deus, quanto tempo durará isto?

Estás a ser muito duro contigo próprio. Muitos que te conhecem diriam que és uma pessoa muito amorosa. E o mesmo se diga de todos os que foram atraídos para esta conversa, ou deram por si a acompanhar este diálogo «por acaso».

Isto aplica-se, de facto, a todos na Terra. São todos, mesmo todos, meus filhos maravilhosos, que crescem e se tornam cada vez mais todos os dias o vosso Verdadeiro Eu Divino.

É como te disse na nossa primeira conversa...

Vocês são bondade, misericórdia, compaixão e compreensão. São paz, alegria e luz. São perdão e paciência, força e coragem, ajuda em tempos de necessidade, conforto em tempos de dor, cura em tempos de ferida, mestre em tempos de confusão.

São a mais profunda sabedoria e a mais elevada verdade; a maior paz e o amor mais grandioso. Vocês são todas estas coisas. E em determinados momentos da vossa vida conheceram-Se como sendo estas coisas. Escolham agora conhecerem-se sempre como sendo todas estas coisas.

Estou a tentar. Estou mesmo a tentar. Estamos todos. Mas parece que não encontrei a fórmula. Parece que não consegui encontrar uma forma de ser consistentemente quem quero ser, quem sei que sou, quando a vida diária se me apresenta. Podes ajudar-me? Sinto-me um bocado à deriva.

Podes começar por permitir que esta mesma conversa tenha benefícios duradouros. Lê frequentemente a transcrição que fizeste dela. Presta atenção à lista de dezasseis formas como se comporta uma espécie desperta. Coloca especial ênfase na tua vida pessoal nos itens 1, 2, 3, 4, 8, 12, 14, 15 e 16.

Obrigado. Vou fazê-lo. Vou fazer exatamente isso. Mas haverá algo mais que me possas dizer, alguma outra ideia que me possas propor?

Sim. Em primeiro lugar, vê a tua vida inteira como um processo, e não como apenas um pequeno período no seio desse todo. Não procures por isso completar a integração de tudo aquilo que aprendeste durante o próximo ano, mês, semana ou dia. Deixa o processo levar todo o tempo que seja preciso.

Isso não é aquilo a que eu chamaria algo especialmente motivador para alguém que é impaciente.

A impaciência pode ser menos benéfica se deixarmos que ela nos impeça de reconhecer até quão longe caminhamos e quão depressa o fizemos, e de nos inspirar-nos acerca dos nossos amanhãs.

Por outras palavras, sermos bons connosco próprios.

Por outras palavras, sim, sermos bons connosco próprios. Repara onde estavas no início da tua vida, onde estavas há apenas alguns anos, e onde estás agora. O teu progresso foi exponencial. Não tens avançado a um ritmo 1-2-3-4, tens avançado, sim, a um ritmo 2-4-8-16-32.

Isto é verdade para todos aqueles que acompanham esta conversa. Representa, na verdade, o porquê e o como de estarem a fazer isso. Não estão a seguir esta troca de palavras «por acaso». Trouxeram-se a si próprios a esta experiência. Todos vocês estão agora a entrar no Momento Perfeito para Progredir.

Tudo se vai tornar mais fácil à medida que forem progredindo e avançando. A parte maior da montanha, a mais difícil de escalar, já ficou para trás de vocês.

Obrigado. Obrigado por nos dizeres isso. Mas será que me podias dar algumas ferramentas práticas, alguns métodos ou abordagens de que eu me pudesse servir para integrar mais completamente tudo aquilo que sei ser verdade? Estou em busca de congruência, em tudo isto. Não quero simplesmente ficar pelas palavras; quero passar aos atos.

E achas que não o fazes.

De vez em quando, talvez. Muito de vez em quando, quando estou num espaço realmente bom. Mas quero fazê-lo todos os dias. Anseio por fazê-lo o tempo todo.

Mas tu estás a fazê-lo o tempo todo, será que não vês? A tua luta faz parte do processo. Faz parte de fazê-lo o tempo todo. Se não estivesses constantemente a passar aos atos, não prestarias nem dez segundos de atenção a tudo isto.

O mundo todo está a passar agora mesmo por uma mudança evolutiva, e tu não és imune a ela. Fazes parte do processo. Fazes até parte daquilo que está a criá-lo. Todos vocês que estão envolvidos agora mesmo autosseleccionaram-se para fazer parte de tudo isto.

Tem, por isso, paciência contigo próprio e tem paciência com o processo. Todos vocês estão a ir exatamente para onde procuram ir, e estão todos a chegar lá, e todos vocês — todos e cada um de vocês — estão delicadamente, generosamente, a levar até lá outros convosco, à medida que eles vão

observando as mudanças que se operam em vocês e se sentem inspirados para criar mudanças em si próprios.

Se eles te vissem exhibir-te imediatamente como O Exemplo Perfeito de Uma Espécie Desperta, poderiam admirar-te, mas nunca se veriam a si próprios aí. Percebes, portanto, que estás a viver as tuas lutas em nome deles? Percebes que o facto de o estares a fazer resulta em benefício para eles?

Não peças, portanto, que as tuas lutas acabem. Pede-lhes, sim, que sejam mais manifestas, e de seguida mais visivelmente superadas, e com sucesso, para desta forma todos vocês despertarem uma espécie que ainda se interroga sobre se tal processo é sequer possível — para verem em vocês que sim, que é perfeitamente possível.

Consegues sempre fazer toda a gente sentir-se melhor.

Bom, se eu não conseguir, quem conseguirá?

Boa. Dizes coisas mesmo engraçadas, sabias?

Já me têm dito que sim.

Mas, a sério, não nos arranjavas umas ferramentas que pudéssemos usar? Uns métodos quaisquer que pudéssemos usar para pelo menos continuarmos a avançar com este processo de evolução pessoal?

Sabes com certeza que não há um «caminho certo» para o cume da montanha.

Sim, sei disso. Já me deixaste isso bem claro várias vezes. Mas de certeza que me podes dar algumas opções, alternativas que possamos ponderar.

Feita a advertência, aqui vão, então, cinco...

Partilha o Teu Processo.

Tal como mencionámos numa parte anterior da nossa conversa, e de novo há momentos, partilha de forma aberta e autêntica, com aqueles cujas vidas tocas, as tuas lutas e os teus progressos no caminho para o despertar total. A opção por isso é simultaneamente revigorante e emancipadora, e liberta de uma forma extraordinária a Vontade dentro de Ti para expressar a Divindade que é tua, e libertar nos outros o seu próprio desejo e a capacidade de fazer o mesmo.

Cria uma Razão.

Os desafios do caminho que escolheste podem, em mais do que uma ocasião, parecer não justificar a confrontação, exceto se lhes atribuíres um

significado maior do que o simples triunfo sobre eles. Deve colocar-se a questão: «Porquê?» Então, terás de lhe dar a tua resposta.

Digo-te o seguinte: o teu caminho não é desprovido de propósito nos céus. É que cada alma que cresça para saber na sua própria experiência aquilo que sempre soube na sua consciência serve não apenas a sua própria agenda, mas igualmente a Vontade Superconsciente do Coletivo, fazendo avançar a evolução de uma espécie mesmo depois de o seu progresso individual ser atingido, pois deixará, na esteira do seu progresso, as escadas e os degraus que permitirão aos que se seguem caminhar mais rapidamente.

Exprime Gratidão.

Esta é a ferramenta mais poderosa que podes receber. A gratidão pode ser uma energia selecionada, e não uma mera resposta autonómica. Quando alguém escolhe ativamente ser grato por tudo o que se lhe apresenta na vida (e, quando digo *tudo*, é mesmo *tudo*), estabelece uma assinatura energética que arrasta consigo e exerce o seu impacto sobre a energia do que quer que esteja a surgir. Isso pode transmogrificar (definido como: «Transformar, especialmente de forma surpreendente ou mágica») a própria apresentação — já não falando na totalidade da vida da pessoa.

Escolhe Um Estado de Ser.

Fá-lo antecipadamente em relação a qualquer outra coisa que saibas que vais pensar, dizer ou fazer. A vida tem muito pouco a ver com o que estás a fazer e muito mais a ver com aquilo que estás a ser enquanto o fazes. O mais surpreendente em tudo isto é que, através da pura intencionalidade, o «estado de ser» é transformado passando de uma reação a uma criação. Não é já algo que emerge de uma experiência, mas algo que se inclui numa experiência.

E uma última ferramenta para a integração...

Deixa-te Ir Com a Alma.

Muitas vezes, respondes ao que quer que está a acontecer na tua vida — quer se trate de uma doença, de uma desilusão, de uma surpresa feliz, do que quer que seja — a partir do centro lógico da tua mente. Analisas os dados que a tua mente contém relativamente à experiência em questão, e essa é a zona a partir da qual emerge a tua reação.

Tens a possibilidade de cultivar a capacidade de responder a partir do centro de sabedoria da tua alma. Aí, os dados relativos à experiência em questão

são ilimitados e expansivos, incluindo considerações e compreensões que a mente pode não ter conseguido conceber.

A alma é o sítio no seio do qual tudo aquilo que sabes está já integrado, aguardando simplesmente a sua expressão exterior. Aguarda, portanto, um momento, sempre que algo te confronta — algo a que chamas «boas notícias», ou, pelo contrário, algo a que chamas «más notícias» — e dá instruções à tua mente para te deixar agir, ignorando-a. Observa então a tua resposta emergir sem pensar, produzindo uma demonstração espontânea da consciência e sabedoria da tua alma.

CAPÍTULO 31

INQUÉRITO MÁGICO

Adoro isto, *adoro* isto. Agora sim, estamos a falar! Agora tenho equipamento suficiente para acabar de escalar aquela montanha! Isto é *excelente*. E sabes que mais? Encontrei até a minha própria versão dessa última ferramenta.

A sério? Sozinho?

Bom, pelo menos pareceu-me que foi sozinho.

Sim, bem, é assim que se espera que aconteça.

Vai em frente.

Hmmm... estás a querer dizer que...

...não, não, segue em frente. Conta-me aquilo que inventaste sozinho.

Suponho que compreendi de forma intuitiva que só havia uma maneira de poder trazer à minha experiência quotidiana a experiência daquilo que já sei ser verdade. Por isso inventei, há alguns anos, aquilo a que chamei *O Inquérito Mágico*. Uso-o para realizar uma avaliação instantânea com o intuito de saber que aquilo que acabei de fazer, estou a fazer, ou me preparo para fazer é... bem, aí vem de novo a tal palavra... *congruente* com o meu desejo mais profundo.

Antes de me sentar a ver um filme, ou entrar num evento social, preparar uma refeição, ter uma conversa com um ente querido, ou fazer seja lá o que for que considero ter importância aqui e agora, pergunto calmamente a mim próprio: *e o que tem isto a ver com a Agenda da minha alma?*

Essa é uma grande questão. Uma questão que pode abrir qualquer um a uma poderosa exploração interior.

Pois bem, no meu caso a resposta tem sido quase sempre imediatamente clara, pois sei que a agenda da alma consiste em expressar e experienciar a Divindade dentro de mim, através de mim, e sob a forma que tenho. Isso estabelece instantaneamente um contexto no seio do qual posso então criar e experienciar o evento em questão — ou, pelo contrário, optar por eliminá-lo completamente da minha atividade, de tudo aquilo que fiz, faço ou farei.

A razão pela qual comecei a chamar a isto O Inquérito Mágico é o facto de ele ser quase como uma magia, captando a minha atenção para exatamente

aquilo que acontece no momento atual, de forma totalmente diferente da de qualquer outro dispositivo que tenha descoberto.

Ou que te tenha sido oferecido.

Ou que me tenha sido oferecido.

Vou deixar isso assentar. Vou simplesmente deixar isso assentar,

Boa ideia. Mais uma boa ideia que te ocorreu.

Estás de novo a ser querido. Estás a sê-lo de *novo*! Gosto disso! Gosto disso em ti. Deixa-me então perguntar-te que boa ideia me poderá ser oferecida relativamente a isto...

Como posso decidir antecipadamente aquilo que vou ser antes de *pensar* algo? Quero dizer, a tua quarta sugestão... aquela de escolher o Estado de Ser antecipadamente, incluindo como vais «ser» quando estás a pensar em algo... isso não será pedir demais? Eu posso decidir o que vou ser antes de *dizer* algo... isso, eu percebo. E posso decidir o que vou ser antes de *fazer* algo... Também percebo isso. Mas aquilo que eu não sei é o que vou pensar até o *pensar*.

Estou a fazer sentido?

Estás, desde que imagines que os teus pensamentos são, na maior parte das vezes, originais. Mas a verdade é que a grande maioria dos teus pensamentos são pensamentos que já tiveste antes. Isso acontece porque a maioria dos acontecimentos da tua vida já aconteceram antes em termos de tipo.

Muitas vezes, quando ocorre um acontecimento de determinado tipo, pensas imediatamente aquilo que pensaste anteriormente acerca de um tal acontecimento. Muito poucos dos teus pensamentos são originais, pois muito poucas das tuas experiências são originais. A tua vida está, na maior parte do tempo, em modo Repetir.

Ora, como sabes que isso acontece, podes decidir *antecipadamente* aquilo que vais pensar da próxima vez que um acontecimento de potenciais consequências concretas e com algum grau de previsibilidade tiver lugar.

O Mestre é aquele que conhece e escolhe a forma como vai ser o seu pensamento — vai ser calmo, vai ser compreensivo, vai ser amoroso e tolerante, vai ser acomodaticio e pacífico? — da próxima vez que um tal acontecimento ocorrer na sua vida.

Já percebi. E parece-me que, a determinado nível, sempre percebi. Se calhar foi por causa disso que inventei uma segunda ferramenta sozinho. Essa é boa. Estarei eu alguma vez «por minha conta»?

Não.

Bom, então aqui vai uma segunda ferramenta, que apareceu através de mim. Chamo-lhe as Quatro Questões Fundamentais da Vida:

1. Quem sou?
2. Onde estou?
3. Por que estou onde estou?
4. O que penso fazer acerca disso?

Descubro que, sempre que formulo estas perguntas relativamente a mim próprio, e lhes respondo de forma nova sempre que são formuladas, deslocome quase imediatamente para um sítio em que estou (odeio usar esta palavra, porque tem sido demasiado utilizada e se tornou quase banal, mas vou dizê-la na mesma) «centrado». Sinto-me centrado no seio do meu Eu e muito menos emaranhado nos minidramas e microdilemas da vida.

Estás «neste mundo», mas não és «deste mundo».

Exatamente.

Essas são duas ótimas ferramentas. Podem realmente ajudar-te a olhar a forma como andas a usar o teu tempo — e aquilo que és enquanto o usas.

E agora tenho ainda mais ferramentas! Todos nós podemos avançar se utilizarmos pelo menos uma ou duas destas ideias.

Podem, de facto. E, está claro, já estão a caminho, mas percebo a utilização que fazes da frase.

Quero recordar-te que todos vocês já estão despertos. Só têm de começar a agir em função disso. E estas ferramentas podem ajudar.

Todo este diálogo pode ajudar. As coisas que nos foram recordadas na conversa contigo podem ser imensamente úteis. Pode haver um enorme poder em conhecer e acolher algumas das ideias que se encontram neste maravilhoso diálogo. Ideias como: «Tu não és o teu corpo.»... «A sobrevivência não é o teu instinto básico, a expressão da Divindade, sim.»... «Vê o outro como tu próprio.»... «A vida é eterna e, como não podes perder a tua vida, nada tens a perder por seres compassivo, carinhoso e solidário em todas as circunstâncias.»... E assim sucessivamente.

Vou presumir... vou concluir... que, caso simplesmente usasse as ferramentas que me foram dadas nesta vida, se conseguisse agir cada vez mais vezes como se já estivesse desperto, poderia sentir-me livre enquanto ainda estou neste corpo. Disseste-me antes que analisarias esta questão comigo. Estarei a chegar à conclusão certa?

Estás. A liberdade não é teres aquilo que queres, é queres aquilo que tens.

Já tinha ouvido essa.

Tudo aquilo de que aqui falámos já ouviste quase tudo antes. Sentir-te-ás feliz e liberto quando simplesmente aplicares na tua vida aquilo que já sabes. E... para fazer mais uma repetição... a forma mais rápida de o aplicar à tua vida é ajudar outra pessoa a aplicá-lo à sua.

Estou a ver o círculo. Estou a ver todo o processo em circunferência. E sinto-me ouvido e ajudado. Obrigado. Sinto-me ouvido e ajudado... e acho que isso é o quanto basta para qualquer um de nós ter vontade de seguir em frente.

Por isso, dito isso... há uma última coisa. E esta é algo que tenho mesmo de te perguntar, pois... desculpa, tenho mesmo de dizer isto... é algo que anda mesmo a afetar-me depois das conversas que temos tido.

E é o quê?

Então e o céu? Então e chegar a casa, junto de *ti*?

Este diálogo parece ter reduzido o «morrer» a nada mais do que um processo de deslocação de um estado de ser (físico) para outro estado de ser (metafísico). Isso pode ser útil, e mesmo fascinante, num certo nível — mas o que é que aconteceu àquela coisa de *chegar a casa, junto de Deus*?

CAPÍTULO 32

EM CASA COM DEUS

Desde que a transcrição de *Regresso A Deus* foi publicada que anseio pelo teu abraço, pois tu abraças-me até ao mais fundo do teu coração. Estava tão desejoso de voltar a Casa, de estar contigo e com todos aqueles que amei, quando fiz aquilo a que chamo «morrer». Estás a dizer-me agora que a «morte» mais não é do que a vida a decorrer — sem cessar —, comigo a alternar entre uma forma de existência e outra ao longo da eternidade?

Percebo como isso pode ser pouco atraente — mas aquilo que aqui foi dito acerca de entidades que encarnam e desencarnam não inclui o «capítulo do meio» da história.

Hmm... não achas que deveria incluir?

Acho, e não ia deixar-te partir daqui sem tratar disso. Mas sei como és impaciente, e estávamos a ir bem fundo nas explorações metafísicas da diferença entre Seres Altamente Evoluídos e seres humanos, particularmente no que diz respeito a fisicalizarem-se ou desfisicalizarem-se sempre que quiserem, e tu querias cobrir isso aprofundadamente, pelo que foi exatamente o que fizemos!

Agora, que tudo isso já foi explicado, podemos regressar à questão do que acontece no momento a que vocês chamam «morte».

Se não tivesses feito a pergunta, teria sido eu a trazê-la à conversa.

Tu esperas que eu faça uma pergunta antes de me dizeres o que achas que seria enormemente benéfico para mim ouvir? Isso é interessante. Então e se eu não fizesse as perguntas certas?!!

Bom, na verdade, eu inspiro as tuas questões. Tenho-o feito desde o início. E tu escutas atentamente as tuas inspirações, e ages com base nelas. Por isso, as probabilidades de não fazeres a pergunta eram bastante escassas.

Pois bem, fico contente por me teres inspirado a pergunta, uma vez que alguns dos que percorrem este diálogo connosco podem não ter lido o *Regresso A Deus*. E mesmo aqueles que o *fizeram* podem estar a interrogar-se — como eu mesmo estava, ainda há momentos — sobre onde é que o nosso maravilhoso, caloroso encontro contigo, a nossa experiência de voltar a casa, se encaixa em tudo isto.

E tenho a noção, evidentemente, de que a tua maravilhosa descrição de tudo o que acontece depois de «morrermos» preencheria um livro inteiro, pelo que não pode ser totalmente repetida aqui. Estou a pensar, por isso, em acrescentar uma adenda ao presente texto e fazer a lista de todos os livros incluídos na nossa série de diálogos, com uma descrição dos temas cobertos em cada um deles.

Ora aí está uma excelente ideia. Pergunto-me de onde terá vindo...

Eu estou a perceber, eu estou a perceber! Estou a ver, agora, que todo este diálogo está a acontecer aqui! Por isso, por favor, dá-nos agora mesmo um resumo de como a nossa experiência de regresso a casa, para junto de ti, se encaixa nas novas revelações que nos fizeste aqui.

Disseste que os seres humanos também mudam de manifestações físicas para metafísicas à sua vontade, exatamente como fazem os Seres Altamente Evoluídos de Outra Dimensão — com a única diferença de que nós lhes chamamos «nascimento » e «morte».

No entanto, pensamos em cada uma dessas «transições» como aquilo que designamos por uma *vida*, e não experienciamos que abandonamos a nossa forma física «à nossa vontade». Experienciamos até que isso acontece *contra* a nossa vontade.

Eu sei. É por isso que este era um ponto fundamental da conversa que transcreveste em *Regresso A Deus*. Repetindo o que aí foi dito, e também aquilo de que falámos em momento anterior desta conversa: ninguém morre num tempo ou de uma forma que não sejam da sua escolha.

Mais uma vez, tenho a noção de que este conceito não é fácil de abarcar, mas morrer num certo tempo ou de uma certa maneira que não seja da vossa escolha seria impossível, considerando Quem e O Que vocês são.

Todas as revelações contidas no trabalho que designei *Conversas Com Deus* se baseiam na premissa única de que somos, todos nós, Individuações da Divindade. Por outras palavras, Deus, manifestado sob a forma de seres humanos.

E não apenas sob a forma de «seres humanos», como agora sabes. Todos os seres sencientes do cosmos são manifestações da Única Coisa Que Existe.

Por outras palavras, Deus.

Por outras palavras, eu. Sim.

E, no entanto, alguns desses seres, segundo tu próprio, são, não obstante, violentos.

Sim, porque a todos os seres sencientes é dado Livre Arbítrio, e nem todos o usam de uma forma pacífica.

Por outro lado, nem todos os seres sencientes que vivem noutros planetas do domínio do físico são violentos. Existem civilizações que não o são.

Se a tua maior inclinação é encontrar e criar paz, gentileza e amor na tua vida, bem como incluí-la nas vidas dos que te rodeiam, estes outros seres sencientes entram em ressonância contigo desde muito longe.

Eles conseguem sentir a minha energia a essa distância?

Claro. A energia que emana do núcleo do teu ser penetra bem fundo no cosmos, estendendo-se até ao infinito. Os vossos próprios cientistas desenvolvem atualmente instrumentos capazes de receber sinais interestelares a partir das profundezas do espaço. Os membros de civilizações avançadas da dimensão física transformaram-se eles próprios em «estações recetoras» desse tipo. E quando identificam determinada fonte dessa energia a que vocês chamam paz, esta ressoa com a forma como se experienciam a si próprios. Estas civilizações refletirão então de volta para vocês de forma amplificada, para vos assinalarem que não estão sozinhos, e estão a ser apoiados na vossa experiência.

Algumas pessoas de quem sou muito próximo alimentam a certeza de que tais civilizações existem, e chamam-lhes «família das estrelas».

Essa é uma descrição adequada. E os membros desta família ficam felizes por saber que Seres Altamente Evoluídos de Outra Dimensão também vos oferecem assistência, muitas vezes de uma forma mais direta que elimina o abismo entre o vosso planeta e outros do domínio físico, considerando que os SAE superaram as limitações artificiais do tempo e do espaço.

Ora bem — para voltar ao tema que temos em mãos — quando aqueles de vós do Domínio do Físico desencarnam, vocês simplesmente re-identificam-se. Disse-te antes que a morte é um mero processo de re-identificação.

Por outras palavras, durante a nossa vida na Terra temos de facto estado a viver um «caso de identidade equivocada».

Exatamente. E, a seguir àquilo que vocês designam por «morte», revivem sob a forma de Quem Realmente São, e regressam de facto àquilo a que chamam «casa» juntando-se de novo, em primeiro lugar, aos vossos entes queridos, e depois ao Todo.

E o que digo é que vocês literalmente se reúnem. Fundem-se em mim, e vivem a experiência — não meramente o conhecimento ou a consciência, mas sim a experiência da nossa Unidade e Unicidade.

Eu descrevi de facto de forma exata a maneira como isto acontece no diálogo que tivemos e que tu transformaste no livro *Regresso A Deus*.

Sim, e este lembrete é muito útil neste momento.

Ótimo. Recordar-te-ás, então, de que é após o Momento de Fusão comigo, após a experiência integral da nossa Unidade, que tu te «desfundes» de mim, ou, se preferires, *emerges*. Nesse momento, num sentido muito real, «nasces de novo» sob a forma da tua alma individual.

Por que te abandonaria? Por que me separaria desta união perfeita com Deus, se é por ela que tenho ansiado o tempo todo? Por favor explica-mo de novo.

Aquilo por que a tua alma anseia é pela expressão da tua Divindade. Uma vez que a conheças integralmente de novo, uma vez que te tenhas re-lembrado — isto é, depois de teres experienciado de novo o teu Eu enquanto membro do Corpo de Deus — serás inundado por uma ânsia natural de *exprimir* isso.

Este é o desejo fundamental de Deus: *evidenciar-me* a Mim Próprio. Não apenas ter consciência de Mim Próprio, mas expressar-me a Mim Próprio.

Faço-o individuando-me a Mim Próprio, de modo a poder evidenciar e expressar cada parte individual de mim.

A parte de Mim Que Tu És terá então a opção de regressar à vida física que acabaste de deixar (poder-se-ia então descrever-te como tendo tido uma «experiência de quase-morte»), ou então de te deslocares para o Domínio do Espiritual, para regressares ao Domínio do Físico noutro momento.

Tudo isto acontece num abrir e fechar de olhos, evidentemente, caso o observes a partir de dentro da ilusão da sequencialidade. Mas, na Realidade Última, acontece tudo em simultâneo.

E aquelas outras formas de vida que temos vindo a analisar decidem ir para essa Outra Dimensão?»?

Exatamente. Esse é o terceiro domínio do Reino do Céu — o Domínio do Puro Ser, tal como o conceptualizaste.

Nós, seres humanos, não dispomos da opção de existir no Domínio do Puro Ser quando emergimos da Unidade contigo?

Dispõem, sim. Podem continuar a experienciar a vossa Vida eterna no Domínio do Espiritual, no Domínio do Físico, ou no Domínio do Puro Ser,

Nesse caso, por que não optaria eu por existir nessa Outra Dimensão? Por que não escolheria eu o Domínio do Puro Ser? Depois de todas as formas

maravilhosas como a descreveste, por que haveria eu de escolher regressar *aqui*?

Por causa do teu desejo de experienciar a completude dessa parte da Viagem da Alma que só pode ser empreendida na vossa dimensão, ou Domínio do Físico.

É por essa razão que considerarás uma bênção estares aqui, aqui exatamente onde estás agora.

E, evidentemente, é mesmo de uma bênção que se trata. E torna-se ainda mais uma bênção quando decides abençoar os outros pelo facto de estares aqui.

Será durante este próximo período na Terra que alguns de vocês autosseleccionarão fazer exatamente isso, de forma perfeitamente intencional. Tudo isso faz parte do despertar da espécie.

Tudo isso faz parte do Terceiro Convite.

CAPÍTULO 33

A ENERGIA NUNCA PODE SER CRIADA NEM DESTRUÍDA

O breve sumário que aqui fizeste da tua pormenorizada conversa anterior comigo acerca da experiência pós-morte torna cada vez mais evidente para mim que um elemento-chave — isto é, um elemento de importância *vital* — do processo de despertar é compreender que a vida não tem fim... nunca, nunca, *nunca*. É que, quando compreendemos isso e o vivemos, tudo muda.

A transcrição completa de *Regresso A Deus* é um texto notável capaz de alterar toda a nossa compreensão da vida, e de trazer um conforto maravilhoso a qualquer pessoa, ou familiar de qualquer pessoa, que se confronte com circunstâncias de fim-de-vida, pelo que espero que todos a leiam.

E embora esta afirmação acerca de a vida nunca terminar tenha agora sido feita vezes e vezes seguidas, não estou absolutamente certo de que se tenha dado a devida ênfase à sua importância real. Este é mais do que um facto metafísico aleatório e interessante. É uma compreensão fundacional de importância crítica.

Sim. Tudo o que vês à tua volta nada mais é do que energia, expressa de diferentes formas. A energia nunca pode ser criada nem destruída. Sempre foi, é agora e sempre será.

Aquilo a que chamas «vida» e «morte» é a Essência Essencial manifestando-se como Tu Próprio, apenas alterando a sua forma.

Ora o movimento da vida — aquilo a que vocês chamam a sua atividade e o seu progresso — é simplesmente um processo de troca de energia. A diferença entre a dimensão em que vives, que é o domínio físico, e a Outra Dimensão é que na tua dimensão a troca de energia constitui por vezes um processo violento, enquanto na Outra Dimensão nunca o é. *Nunca*.

E isso leva-nos de novo àquilo que designaste aqui repetidas vezes como «Outra Dimensão» e aos «Seres Altamente Evoluídos», que supostamente nos ajudam atualmente.

Supostamente, não. Realmente.

OK, realmente. Então como está isso a acontecer? Presumindo que tais seres realmente existem...

...não se trata de uma presunção, mas sim de um facto.

Dado que tais SAE existem, de onde são eles? Qual é essa «Outra Dimensão» de que estás sempre a falar?

Existe uma comunidade de seres totalmente diferente, seres que vivem de uma forma totalmente diferente naquilo que vocês considerariam um universo totalmente diferente.

Deixa-me clarificar aqui uma coisa: estás a falar de uma realidade alternativa — ou daquilo que foi designado como um «universo paralelo»?

Há quem, no teu mundo, tenha usado essas palavras para o descrever, sim.

Será este universo paralelo uma «imagem no espelho» do nosso, simplesmente invertido?

Não. «Paralelo» não significa «idêntico». Significa «a par de».

Aquilo que atualmente se designa aqui por Universo Paralelo existe lado a lado com o universo que vos é familiar, mas não é de forma alguma idêntico, nem sequer aproximado. É por isso que o temos designado nesta conversa por Outra Dimensão.

Uma dimensão metafísica.

Uma dimensão na qual, como vimos antes, as entidades se expressam a si mesmas como metafísicas ou físicas, dependendo do que ...

... eu sei, eu sei... *do que melhor lhes sirva os propósitos*, o que, como nos disseste antes, consiste em «prestar assistência a todos os seres sencientes do Domínio do Físico na compreensão, na expressão, e na experiência total de si próprios como quem realmente são.»

Diz-me o seguinte: por que razão haveriam os SAE de vir à Terra, onde a espécie é tão jovem, e aparentemente tão incapaz de apreender ou indisponível para acolher, mesmo ao fim de *milénios*, a fórmula simples e básica que nos foi aqui proposta para se gerar uma vida maravilhosa?

Por que não ir a outro sítio, para ajudar uma espécie a despertar? Por que não ir a um planeta cujas entidades sejam muito mais avançadas, e possam estar a poucos passos de acolher as noções necessárias para despertar totalmente?

Alguns fazem-no. O vosso planeta não é o único sítio visitado por Seres Altamente Evoluídos de Outra Dimensão.

Ah, ótimo. Pelo menos, então, não têm de se confrontar com fracasso após fracasso de uma das espécies mais jovens do cosmos.

Não existe tal coisa, «fracasso», na experiência dos Seres Altamente Evoluídos. O simples empenho em levar algo a cabo, bem como as ações e

atividades envolvidas nisso, proporcionam todo o sentido de realização ou concretização que um SAE deseje.

É a melhor e mais elevada expressão do Eu pela qual anseia um ser neste nível de consciência. Não é necessário que o resultado dessa expressão assuma uma forma particular para que a experiência da expressão seja validada, justificada ou celebrada.

Que ponto de vista. Que ponto de vista saudável, mesmo saudável.

Nunca fizeste nada pelo puro prazer de fazer? Terá de haver um resultado específico a retirar de tudo aquilo que fazes para que te dê «gozo»?

Não, não, é claro que não. Mas algo tão importante como ajudar a despertar toda uma espécie não se encaixaria, provavelmente, na minha categoria de uma simples, mas agradável forma de passar o tempo. Quero dizer, eu associaria provavelmente algum significado ao resultado.

E, a propósito, isto é mais do que um considerando ocioso para mim. Fizeste-nos um terceiro convite, e eu estou a acolhê-lo e aceitá-lo preocupado em ser, no mínimo, bem-sucedido.

Se te vais dedicar a um empreendimento orientado pelos resultados, vais fazer com que a tarefa te seja bastante difícil, antes mesmo de começares.

Estarás atento a todos os teus atos, sopesarás todas as tuas palavras, preocupar-te-á saber como hás-de conseguir aquilo que esperas experienciar dentro de ti próprio, preparando nervosamente o teu Plano B para o caso de a tua abordagem inicial não gerar o resultado desejado, para de seguida avançares com o projeto de te transformares, completamente alheio ao impacto metafísico de todas essas energias não jubilosas que projetaste no espaço.

Caramba, nunca tinha pensado nisso assim.

Eu sei. E essa é que é a questão. Trouxe-a aqui para te ajudar a mudar a tua forma de pensar.

Vou convidar-te a redefinir aquilo a que chamas «sucesso» no vosso despertar total.

Sou todo ouvidos, sou todo ouvidos.

Sucesso, no despertar total, é saber que já estás desperto, mas simplesmente não o sabes, ou ainda não o aceitaste.

E assim fechamos o ciclo desde aquilo que disseste no início desta conversa.

Sim, pois trata-se de uma das mensagens mais importantes através das quais eu podia simultaneamente começar e terminar toda e qualquer interação significativa contigo.

Despertar não tem a ver com mudares-te a ti próprio, mas sim com mudares a tua forma de pensar sobre ti próprio. Tem a ver com saber quem tu és — como te disse anteriormente — inteiro, completo e perfeito, exatamente como és agora.

A tua transformação pessoal tem a ver com acrescentar àquilo que és agora, e não com subtrair daquilo que és agora.

O sucesso, em qualquer sector da tua vida, não se encontra em produzir aquilo que achas que tens de produzir na tua viagem, mas sim no amor, na alegria, na felicidade e na noção de Verdadeiro Eu que experiencias — e que os outros experienciam na sua vida por causa de ti — ao longo da caminhada. Só isso pode produzir o resto daquilo que tu pensas que é «suposto» produzires.

O que estás a dizer é que o importante é a viagem, não o destino. Essa é uma frase batida. Nada de novo.

Todo este discurso nada mais é do que um lembrete. Um Grande Lembrete.

De tudo aquilo de que ouviste falar antes, conhecestes antes, até mesmo experienciaste antes. O propósito de todas as nossas conversas é, e sempre foi, o mesmo: transformar-te numa pessoa que sabe que já sabe — e simplesmente ainda não o aceitou.

É por isso que tudo aquilo que ouviste de mim, tudo aquilo que leste em qualquer uma das transcrições de qualquer uma das nossas conversas tantas vezes te pareceu algo que já conhecias.

Inclui-se aí a informação sobre Seres Altamente Evoluídos de outro local. Sabes e compreendes que tais seres existem à tua volta desde quando eras pequeno. Nada disto é novo para ti.

Tens razão. E sinto-me totalmente confortável com isso. Também sei que eles não estão aqui para nos fazerem mal. Caso o desejassem, já poderiam tê-lo feito de milhares de formas ao longo de milhares de anos.

Exatamente.

Estás então a dizer-me que eles não se orientam por objetivos. «Sucesso», para eles, não tem a ver com gerar um resultado particular.

Não, não tem. Não no sentido em que estás a pensar. Os Seres Altamente Evoluídos são «orientados pela expressão». Procuram apenas expressar-se e

experienciar Quem Realmente São, e uma forma de o fazerem é oferecendo e providenciando amor e orientação, ajuda e companheirismo a todos os seres sencientes, enquanto estes se deslocam ao longo do seu próprio processo evolutivo.

Vocês estão a fazer a mesma coisa na Terra.

Estamos?

Pensa nisso. Tudo aquilo que estão a fazer na Terra é ajudarem-se uns aos outros, como forma de expressarem e experienciarem quem de facto são. Ajudam-se mutuamente a resolver um problema, a criar uma vida melhor, a ajudar outra pessoa a recompor-se de uma doença, a sentirem-se melhor, a saberem mais, a experienciarem alegria, riso e momentos agradáveis, ajudam-se mutuamente em *algo*.

Vocês chamam às vossas atividades terrestres «empregos» ou «ocupações», mas mais não têm feito do que ajudar-se uns aos outros.

O resultado, em ambos os casos — a atividade dos SAE e a atividade dos seres humanos — é o mesmo: troca de energias. Uma forma de energia transforma-se noutra.

É a *forma como isto ocorre* que nos permite despertar a nossa espécie caso pretendamos que ela melhore a sua qualidade de vida.

Exatamente. E tem também a ver com o porquê de isso ocorrer. Quando compreendem por que é que ocorre a troca de energias, compreendem como fazê-lo ocorrer sem nunca precisarem de utilizar violência.

Transformar-se-ão então numa sociedade transformada, e começarão a criar um mundo celestial.

Por que é que ocorre? O que leva à ocorrência da troca de energias?

O Amor. A acumulação de energia até ao ponto em que a sensação que definem na vossa língua por «amor» magnetiza as partículas de energia e as transforma noutras partículas de energia, produzindo uma co-fusão e uma troca.

Eu disse antes que a humanidade estava a Uma Decisão de Distância de fazer a Aventura Humana tornar-se uma das mais bem-sucedidas e jubilosas expressões de vida no cosmos.

Eu disse que temos de decidir explorar de mente aberta, genuinamente e sem restrições — para depois aceitar de mente aberta, jubilosamente e sem reservas — a realidade de Quem realmente Somos.

Vejo agora que podemos dar os primeiros passos no sentido de implementar integralmente essa decisão de uma simples forma: *eliminando a violência e lembrando-se de amar*.

Sim, e a chave para essa fórmula, a forma mais rápida e poderosa de a fazer funcionar, é libertarem-se, por fim, da prisão dos vossos pensamentos acerca de Separação. Não estão separados de nada. Nem uns dos outros, nem de qualquer outra forma de vida, nem de Deus.

Tudo se resume, portanto, ao seguinte: *Eliminar a Violência e Lembrar-se de Amar abandonando todos os pensamentos de Separação*.

Tudo se resume realmente a isso, não é?...

Tudo se resume realmente a isso.

CAPÍTULO 34

O AMOR É A NOSSA VERDADEIRA IDENTIDADE

Estamos a chegar ao fim deste tempo que passámos juntos. Sinto que esta conversa está a chegar a uma conclusão. Mas por falar em Amor... disseste anteriormente que Amor é quem eu sou, e que é quem todos nós somos. Qualquer ser humano. Agora, dizes que aquilo que temos de fazer é «lembrarmo-nos de amar». Mas, se todos os seres humanos já são Amor... O que há então ainda a lembrar?

Como amar. São convidados a lembrarem-se de como amar, lembrando-se de que o amor é a vossa Verdadeira Identidade.

Mas não compreendo de que forma, se o Amor é Quem Nós Somos, é possível aos seres humanos agir de formas muito pouco amorosas. Abordámos esta questão quando descrevi anteriormente como *eu* próprio sou tantas vezes tão pouco amoroso, já não mencionando pessoas que fazem coisas horríveis umas às outras — coisas que eu não poderia e não quereria imaginar fazer nem nos meus piores momentos.

Ninguém faz nunca algo que considere ser não amoroso. Tudo o que as pessoas fazem é porque são amorosas.

O *quê?*

Nunca te esqueças disto: todo e qualquer ato é um ato de amor. Isto aplica-se a toda a gente, sem exceção.

Ao assassino? Ao violador? Ao ladrão? Ao fanático religioso? Ao racista? Ao tirano? Ao vigarista financeiro? Ao charlatão das emoções?

Olha agora profundamente. Despertar significa olhar profundamente. É o amor a algo que se encontra por detrás de todas as decisões e ações de todos os seres sencientes.

A única coisa que têm de fazer para compreender por que razão alguma pessoa ou grupo fez algo é perguntar: o que é que amas tanto que sentiste que tinhas de fazer isto?

O problema não é que as pessoas não amem, o problema é que as pessoas não sabem como amar.

Isso não justifica de forma alguma as suas ações, mas explica-as de facto.

À medida que uma espécie ganha maturidade, lembra-se de como expressar o amor com pureza.

O que significa «com pureza»?

«Com pureza» significa que não se pretende nem necessita de nada como moeda de troca para o Eu.

O Amor Puro é um ato de altruísmo, fundado na consciência do Eu de que necessita, requer, exige tão-só ser perfeitamente feliz.

Este é o Estado Natural de Santidade — razão pela qual, por falar nisso, Deus não requer, não exige e não ordena nada a ninguém... e muito menos sujeição abjeta, degradação, rebaixamento, menosprezo, humilhação ou adoração temerosa.

Sabes, assim, que amaste de forma pura quando nada tens a ganhar. Ou quando não só não retirarás nenhum benefício disso, como ainda poderás ser prejudicado.

Isso seria impossível. Qualquer expressão pura de Amor traz benefícios aos que amam, pelo facto de proporcionar a todos os que amam com pureza a mais elevada e completa experiência de Quem Realmente São que é possível à vida proporcionar.

O propósito último da Própria Vida é a experiência última da Própria Divindade através da expressão última do Próprio Amor, que é a definição última do Próprio Deus.

Isso é muito bonito. Explicaste-o de uma forma muito bela. Mas será possível a um ser humano expressá-lo e experienciá-lo? Suponho que estamos a regressar à minha questão relativa à integração. Será que algum dia conseguirei sentir de facto esse tipo de amor?

Não só isso te será possível, como qualquer ser humano já o fez. Não há um único ser humano no planeta que não o tenha já sentido.

Talvez o tenha sentido ao pegar num bebé ao colo. Talvez tenha sentido esse tipo de amor relativamente a um sítio, ou a algum objeto físico — talvez mesmo a algo tão aparentemente insignificante como uma almofada favorita ou um animal empalhado. Talvez tenha sentido esse tipo de amor por uma planta ou uma árvore, um nascer-do-Sol ou o céu noturno. Nunca sentiste amor pelo céu noturno?

Era mais capaz de lhe chamar reverência. Reverência e apreço.

Que é a mais elevada forma de amor, pois nada quer nem necessita, nada obtém nem exige em troca.

Todos já sentiram este tipo de amor. Este é o amor que tenho por vocês. Por cada um de vocês.

Quando amas algo pela sua beleza pura, pelo seu encanto puro, pela sua alegria pura, pela felicidade que traz sentir essa energia a brilhar dentro de ti e enviada a partir de ti, amas com pureza.

Se pretendes obter algo de volta como recompensa por teres irradiado, então não estarás a amar algo ou alguém, mas sim a ti próprio, e simplesmente a usar algo ou alguém como forma de o conseguir.

Ui. Qual é o problema de gostarmos de nós mesmos? O amor não começa todo ele pelo amor a si próprio?

Começa, sim. Mas o amor a si próprio não é o amor recebido de nada que se encontre fora do eu. O amor a si é amor DO Eu PELO Eu — pela pura beleza, o puro encanto, a pura alegria do Eu a ser quem e o que verdadeiramente é.

É assim que Deus se ama A Si Próprio. É assim que eu me amo a MIM! E é assim que te convido a amares-te a TI.

Quem me dera conseguir fazer isso, a sério. Quero eu dizer, de forma inteira. Quero eu dizer, de forma completa. Quero dizer, o tempo todo. Mas é-me difícil fazê-lo com todos os meus defeitos, todas as minhas fraquezas, todas as minhas falhas.

Aqui vamos nós de novo. Estou a dizer-te mais uma vez, como te disse muitas vezes antes: tu és perfeito.

Tal como és, tu és perfeito.

Tal como nada vêes senão beleza e perfeição num recém-nascido com um dia de idade, ou numa criança com uma semana de idade, ou num bebé com um mês de idade, ou num menino com um ano de idade, também eu não vejo senão perfeição em ti.

E veria isto mesmo também, já agora, se tivesses cem anos de idade... não, mil anos de idade. Pois isso, para mim, continuaria a ser menos que uma batida de coração na vida do Universo.

Estás a crescer, a expandir-te, a alargar os teus horizontes e a completar a tua experiência do teu Verdadeiro Eu através da tua expressão no Domínio do Físico, aqui neste magnífico planeta a que chamam Terra.

Encontrar-nos-emos de novo em Perfeita União quando regressares a Casa, e já te prometi que, ao longo de todas as vidas, nunca — nunca, por um só momento — estarás sem mim enquanto estiveres longe.

Amo-te agora como sempre te amei, com uma pureza que nada pede, necessita nem exige em troca — pois Tu e Eu somos Eternamente Um Só, e a experiência de tudo isto é tudo o que deseja o Nosso Eu.

Sinto-me profundamente tocado por isso. Sinto-me tocado e renovado. Agora, só quero aplicar tudo isso na minha vida.

CAPÍTULO 35

ESTAR DESPERTO PARA O FACTO DE ESTAR DESPERTO – O CULMINAR DO PROCESSO

Quero tornar tudo isto real. Quero tornar isto verdadeiro para mim na minha experiência. Este diálogo incluiu algumas ideias maravilhosas, trouxe-me alguns lembretes no tempo perfeito, e ofereceu-me algumas ferramentas potencialmente poderosas. E os dezasseis itens da lista de diferenças entre Seres Altamente Evoluídos de Outra Dimensão e os seres humanos funcionarão para mim como sinais de trânsito na minha viagem, disso tenho a certeza absoluta. Mas do que preciso agora é de saber e sentir que esta ideia do nosso despertar e do nosso progresso enquanto espécie é mais do que um sonho, agradável, mas virtualmente inatingível pela pessoa média.

Não quero voltar ao «tudo como dantes» quando este diálogo chegar ao fim.

Olha, só tenho a minha experiência para seguir em frente, e por isso tendo a sentir-me um pouco desencorajado em momentos como este. Sinto-me inspirado pelas possibilidades e desencorajado pelas probabilidades. Percebes o que estou a dizer?

Evidentemente que sim. Mas, se só dispões da tua experiência para seguires em frente, deves ser completamente en-corajado, e não desencorajado.

Não percebo. Sou um simples ser humano aqui, não um Buda, um Cristo, um Lao Tsé, uma Virgem Maria, um Confúcio, ou uma Catarina de Génova. Não, para dar nomes mais contemporâneos, não me sinto como um Paramahansa Yogananda ou uma Mãe Meera.

Sei que na nossa base, na nossa fundação, somos todos a mesma coisa — que eu sou «talhado do mesmo pano» que todos esses maravilhosos outros — mas não estou a demonstrar na minha vida qualidades que o evidenciem.

Na verdade, estás, sim. Mas já falaremos disso daqui a pouco. Agora, é perfeito que não estejas a experienciar-te a ti próprio como fazendo isso. Estás a ver? Estás a ver isto, não estás”?

Por vezes, tenho dificuldades até mesmo com essa ideia simpática e aparentemente rigorosa do ponto de vista espiritual. Penso por vezes que dizer a mim próprio que é «perfeito» que o meu progresso seja tão lento a *agir* como se estivesse desperto para o facto de que estou desperto mais não é do que

desculpar-me; é uma forma de desculpar o meu passado e perdoar todas as minhas falhas do momento presente.

Em primeiro lugar, não há nada a perdoar — mais do que se «perdoa» a um rapaz de dez anos por não acertar na tabuada ou a um de quatro por entornar o leite na sua festa de anos. Não precisas de «perdoar» porque compreendes perfeitamente como é fácil acontecerem tais coisas. Compreender substitui perdoar na mente do mestre.

Eu sei, eu sei. Já mo disseste várias vezes, e eu percebo mesmo e dou valor a essa lógica pura e maravilhosamente generosa. Para mim, porém, esta ideia de «perfeição» continua a parecer-me uma fabulosa «via de escape». De alguma forma, a ideia de que «está tudo bem» não me estimula a progredir.

Bom, evidentemente, não «precisas» de o fazer. A necessidade nada tem a ver com isto. Ninguém está a registar classificações. Ninguém está a julgar ou a punir. Por isso, não se trata de necessidade. Trata-se, sim, de desejo.

Bom, posso honestamente dizer que sinto de facto desejo. Desejo verdadeiramente fazer tudo aquilo que tens vindo, consistentemente, a convidar-nos a todos a fazer: *anunciar e declarar, expressar e cumprir, transformar-me e experienciar a segunda mais grandiosa versão da mais grandiosa visão que alguma vez tivemos acerca de Quem Somos*. Suponho que simplesmente não sou capaz de ver a «perfeição» quando levo mais de setenta anos só para *compreender* por que aqui estou — quanto mais vivê-lo.

Tenta pensar no teu processo da seguinte forma: se tivesses atingido há já vários anos o nível de manifestação de, por exemplo, Lao Tsé, achas que estarias agora em posição de fazer as perguntas que preencheram 3000 páginas de nove livros?

Provavelmente, não.

Provavelmente não?

Definitivamente não.

E, assim, podes estar entre os mais prolixos questionadores da tua geração. E acreditas que as questões que colocaste e as respostas que recebeste te trouxeram benefícios?

Sim. Definitivamente, trouxeram, sim.

E trouxeram benefícios aos outros?

Talvez. Há quem diga que estas perguntas e respostas lhes trouxeram benefícios, por isso suponho que, a crer neles, a resposta será afirmativa. Mas não quero gabar-me disso. Sinto-me humilde em face de tudo isto, e não presunçoso, e é assim que me quero sempre sentir.

Sentir-te-ás acerca de tudo exatamente como escolheres sentir-te, com base na tua decisão sobre Quem És, Porque Estás Aqui e como desejas demonstrá-lo.

Podes, então, decidir perceber que o facto de não te sentires ao nível de manifestação da Virgem Maria ou de Lao Tsé, ou ainda de outros que foram considerados mestres, tem sido perfeito?

OK. Mas agora quero mais. Suponho que isto pode ser considerado um aumento do meu desejo. Quero saber como seria para mim e outros membros da nossa espécie *ter a consciência* de quando despertaremos e de como nos comportaríamos se *começássemos a agir em conformidade*.

Na verdade, já te respondi a essa questão em diálogos anteriores.

Não queres responder-me de novo aqui, para me poupares a ter de ir consultar?

Quero. Se decidires agir como alguém que tem a noção de estar desperto, há várias coisas que farás.

Para além de dar os passos a que sou convidado na lista de dezasseis itens que nos fazem diferentes dos SAE.

Sim, a acrescentar a esses passos.

Em primeiro, não alimentarias pensamentos negativos na tua mente. Se se desse o caso de um pensamento negativo te assolar de facto, sacudi-lo-ias imediatamente do pensamento. Pensarias noutra coisa qualquer, deliberadamente. Simplesmente *mudarias a mente relativamente a isso*.

Também te amarias completamente a ti mesmo, tal como és. E amarias todas as outras pessoas, de forma inteira, tal como elas são. Então amarias inteiramente a vida, tal como é, sem precisar de mudar nada, e vendo tudo como simplesmente algo através do qual te deslocas, de modo a poderes conhecer e criar um campo contextual que te forneça uma oportunidade de demonstrares Quem És.

Nunca mais perdoarias nada nem ninguém, pelo simples facto de saberes que o perdão não é nem necessário nem natural para seres humanos conscientes de estarem despertos. Verias claramente que estares convencido da necessidade de perdão significa estares convencido de que ocorreu uma ferida e, enquanto ser humano desperto, saberias de imediato que não são possíveis feridas na experiência da Divindade — que é Quem És. Substituirias, por isso, o perdão pela compreensão nas tuas interações com os outros, o que te conduziria naturalmente à compaixão pelos outros, pois experienciaras uma percepção

completa da dor, da raiva ou da tristeza sentida por eles num nível suficientemente elevado para os levar a abandonar a sua verdadeira natureza, comportando-se como se comportaram.

Também na qualidade de pessoa desperta, não farias, nem por um só momento, luto pela morte de outra pessoa. Poderias fazer luto pela tua perda, mas não pela morte dessa pessoa. Na verdade, celebrarias, sim, os momentos de amor e alegria que essa pessoa partilhou com os outros, e o facto de continuar viva na expressão livre maravilhosa do seu processo evolutivo. Do mesmo modo, não temerias nem lamentarias a tua própria morte, exatamente pela mesma razão.

Finalmente, terias a noção de que tudo é energia em vibração. Tudo. E, assim, dedicarias muito mais atenção à vibração de tudo aquilo que comes, de tudo aquilo que vestes, de tudo aquilo que vês, lês ou escutas e, acima de tudo, de tudo aquilo que pensas, dizes e fazes, e ajustarias imediatamente a vibração da tua própria energia e a energia de vida que estás a criar à tua volta caso descubras que não estás em ressonância com o mais elevado conhecimento que tens sobre Quem És, e com a experiência disso que decidas demonstrar.

Tudo isso parece ser uma longa agenda. Vês? Este é o momento em que fico desencorajado. A minha experiência tem-me dito que essas metas são muito difíceis de atingir, que esses são os comportamentos de mestres que são muito difíceis de imitar.

Na verdade, a tua experiência tem sido exatamente a oposta.

Não... não percebo o que queres dizer com isso.

Todas estas coisas, já as experienciaste. Já tiveste momentos em que te deslocaste de um pensamento negativo e simplesmente desviaste a mente para longe de algo. Já tiveste momentos em que te amaste a ti próprio, e aos outros, e à própria vida, de forma inteira, não precisando de mudar nada — mesmo quando nem tudo te agradava.

Já tiveste momentos nos quais experienciaste que não precisavas realmente de perdoar a alguém por algo que essa pessoa tivesse feito, percebendo sem concordar nem pactuar com os seus atos o porquê e o como de ter feito isso.

Já tiveste momentos nos quais passaste do luto à celebração após a morte de outra pessoa, tal como já tiveste momentos nos quais verdadeiramente não receaste a tua própria morte. E, finalmente, houve muitas ocasiões em que sentiste a vibração do momento, de algo que estavas a projetar, de algo que

estavas a ser convidado a comer, vestir ou fazer, e em que respondeste a essa vibração mudando a frequência da tua própria energia e tomando uma nova decisão acerca do que quer que estavas a ser convidado a encontrar ou experienciar.

Vocês todos fizeram tudo isto. Nada disto está fora das vossas capacidades. Nem um único aspeto está fora da vossa área de competências. Nada do que aqui é descrito excede o vosso nível de mestria enquanto seres sencientes.

Têm apenas de decidir ser mais vezes assim.

Oh, meu Deus. Nunca imaginei que pudesse ser tão simples.

Pode ser tão simples como isso, sim.

Achas que eu consigo? Achas que algum de nós consegue? Sei que estou a contornar a questão, mas...

... é claro que conseguem. É tão simples como analisar um comportamento que não nos serve e substituí-lo por uma resposta aos convites da vida que se passou a escolher. Nunca mudaste aquilo a que chamas um «mau hábito»?

Já, sim. A maioria de nós pode reivindicar algum sucesso nisso.

Ora aí está. O que te fez mudar esse hábito?

Eu queria. Decidi que queria.

E o que te fez decidir isso?

Em retrospectiva, suponho que foi desejo puro e simples. Já não me apetecia exibir ou experienciar esse comportamento. No meu caso, o maior hábito com que alguma vez rompi foi o de fumar. Fumei durante mais de vinte anos, e tinha chegado a uma média de um maço e meio por dia. Então houve um dia em que simplesmente decidi parar. Decidi parar abruptamente. Um dia fumava, no dia seguinte já não. Isso foi há mais de trinta anos. E não foi o único hábito que senti que me prejudicava com o qual rompi.

Provaste então a tua capacidade de alterar abruptamente um comportamento de décadas.

Sim.

Então, a tua deslocação de alguém que está desperto, mas não sabe nem age em conformidade, para alguém que está consciente de estar desperto e decide agir em harmonia com isso está a um passo, a Uma Decisão de Distância — tal como tu próprio disseste antes desta conversa.

E podes facilmente dar esse passo, podes facilmente fazer esse movimento, uma vez que, ao contrário de quebrar um mau hábito, aqui não se trata sequer

de adotar um novo comportamento. Trata-se simplesmente de fazer aquilo que já se fez na vida, para passar a fazê-lo mais vezes.

Sabes uma coisa? Nunca tinha pensado nisso dessa forma. Nunca tinha ponderado o facto de que todos esses comportamentos são coisas que eu já fiz. Pensava nelas como coisas que tenho de *conseguir*, e não em coisas que sou convidado a *repetir*. Pensava nelas como competências que tinha de *adquirir*, e não como comportamentos que sou convidado a *replicar*.

Vejo agora algo que nunca tinha visto antes. Vejo que posso chegar aonde quero ir muito mais facilmente do que alguma vez pensei, *porque já lá estive*. Sei o *caminho* para lá. Isso é entusiasmante. Uau, isso animou-me, encorajou-me!

Não tenho de me *reinventar*, só de me *reafirmar*, restaurar-me, reinstalar-me nos momentos da minha vida tal como fiz antes.

Isso é um despertar grandioso. Agora estás desperto para o facto de já estares desperto.

Não há muito mais a dizer aqui, pois não?

Pois não.

É isto, então?

É isto.

Obrigado, Deus. Obrigado, meu querido, querido amigo. Recordarei para sempre esta experiência, e estar-te-ei grato até ao fim dos meus dias.

Que nunca chegará.

Que nunca chegará. Amen, ámen.

ESPÍLOGO

Meus queridos, queridos companheiros desta jornada...

Isto não é fácil, pois não?

Não é fácil, esta jornada pela vida fora.

Para a maioria de nós, não é mesmo. Implica tristeza e tragédia em demasiados momentos. Felicidade também, é verdade. E momentos de grande alegria, sem dúvida. Mas o peso do coração e a dor de o despedaçar vezes seguidas pode ter o seu preço — isso é inegável. Até o otimista o sente em determinadas manhãs, logo que se levanta, e em algumas noites quando o peso dos acontecimentos, e as memórias dos acontecimentos, vão consigo para a cama.

Ao longo de cinquenta anos nunca deixei de repetir a mim próprio: «Tem de haver uma razão. Tem de haver um propósito. Tudo isto tem de fazer parte de um Processo Maior no qual estamos todos empenhados. A vida *tem* de ser mais do que uma série de acontecimentos aleatórios aos quais todos estamos sujeitos, havendo uma Campanha Final que toca no momento ou da forma que menos esperamos.»

As conversas com Deus que tive desde o meu quadragésimo nono aniversário (agora há já quarenta anos) convenceram-me de que isto é verdade. E este último diálogo — totalmente inesperado e repleto de surpresas — confirmou-me tudo.

Mas, por favor, ouçam-me enquanto digo adeus: posso estar enganado em tudo isto.

Não imaginem, nem por um segundo, que eu não penso nisso. Penso nisso o tempo todo.

Vários entrevistadores me colocaram, no essencial, a mesma questão. Tenho dúvidas relativamente à experiência que tive, ou à informação que recebi?

Dei a todos a mesma resposta:

«O dia em que deixar de duvidar será o dia em que me tornarei perigoso, e eu não tenho nenhuma intenção de me tornar perigoso.»

Quero, portanto, pedir-vos que duvidem também. (Estou certo de que não preciso de vos encorajar nessa tarefa.)

Quero que tenham a certeza de que uma das mensagens mais importantes dos diálogos Conversas com Deus é não acreditar nelas.

Na verdade, no primeiro livro dos nove textos ouvimos isto pela voz de Deus:

«Não acredites *em nada* do que eu digo. *Vive-o* simplesmente. *Experimenta-o*. De seguida, vive qualquer outro paradigma que queiras construir. Depois, olha a tua *experiência* para encontrares a tua verdade.»

Fazemos bem em continuarmos a ser a nossa própria autoridade em todas as questões que dizem respeito ao Eu e à alma. Ninguém nos pode dizer o que é verdade para nós, e ninguém deve sequer tentá-lo.

Dito isso, tornou-se-me muito claro o que é verdade para mim, quando li as recomendações e sugestões sobre como poderia viver a minha própria vida que se encontram nos diálogos CCD, e não pude deixar de pensar: «Quem me dera que alguém me tivesse dito estas coisas há cinquenta anos. Não consigo imaginar melhor forma de viver».

Tenho, no entanto, a perfeita consciência que nem todos concordarão. Nem todos encontrarão ressonância com aquilo que aqui foi escrito. Alguns poderão considerá-lo bizarro e extravagante; outros dirão que é muito pior ainda do que isso, rotulando-o de blasfemo e herético. Quero que saibam que respeito sinceramente o ponto de vista desses — e todos os pontos de vista a que os seus autores chegaram com sinceridade, que defenderam com honestidade e exprimiram sem violência.

É de um tema poderoso que falamos aqui, e devemos, por isso, avançar com todo o cuidado. Todo esse tema está embrulhado na nossa relação com O Divino — para dizer a verdade, na questão de saber sequer se *existe* um «Deus». E isso não é coisa pouca.

A nossa compreensão de tudo isto é importante, pois a maioria dos seres humanos precisa e procura e mais cedo ou mais tarde anseia profundamente por encontrar algum tipo de *sentido* na vida.

Sem esse sentido, sem algum *propósito* para tudo, muitos de nós acabamos simplesmente por avançar com o peso no peito que mencionei antes.

Avançaremos vida fora tentando extrair o melhor de algo que não conseguimos sequer compreender ainda, abrindo caminho para os nossos dias e noites entregues a atividades cada vez mais sem sentido, sem valor, sem propósito, que nada clarificam, que pouco produzem, e que geram pouco mais do que mais coisas para fazer enquanto avançamos para onde não sabemos, com exceção de um fim a que chamamos morte, cuja antecipação não oferece senão uma noção aguda do que nos parece ser o carácter amargamente, ridiculamente infrutífero de tudo.

E por isso ansiamos, e por isso buscamos.

Entregue a estes pensamentos profundos enquanto escrevo estas palavras, chego a um ponto em que, se conservarmos a noção de que existe algum tipo de Poder Superior, poderemos garantir que atingiremos a clareza total.

Procura e acharás, disse-nos Deus a todos. *Bate e abrir-se-te-á*. Podemos muito bem recordar, através da nossa comunhão com o Divino, que existe algo

de superior a acontecer. Poderá chegar-nos informação que torne subitamente evidente a grandeza de tudo o que existe e de tudo o que ocorre. Na verdade, o livro que o leitor tem nas mãos pode fazer parte desse mesmo processo, desde já.

Não acredito que a interação do leitor com O Divino alguma vez devesse constituir um encontro de um só sentido. Estou convencido de que o seu propósito era providenciar-lhe conforto e produzir para si uma meta digna da sua dedicação, do seu empenho, do seu tempo e dos seus esforços.

Encorajo-o, a si, a empenhar-se todos os dias na sua própria conversa com Deus, de qualquer forma que lhe pareça natural e boa para si, com base na sua tradição ou no seu modo de sentir mais profundo. Chame-lhe oração, chame-lhe meditação, chame-lhe inspiração, chame-lhe o que quiser. E se a minha conversa com Deus que aqui lhe apresento o levar à sua própria conversa, a publicação deste livro já terá sido bem-sucedida no seu objetivo.

Se está em harmonia com o material apresentado em *Conversas com Deus*, encontrará neste presente texto tudo aquilo de que necessita para fazer avançar as mensagens CCD mais profundamente na sua vida. Acolha e aplique simplesmente os dezasseis itens que descrevem as diferenças entre os seres humanos e os Seres Altamente Evoluídos, utilize regularmente as sete ferramentas analisadas na parte do diálogo que lida com a integração, e repita os comportamentos diários que já mostrou a si próprio ser perfeitamente capaz de manifestar. De seguida, não se surpreenda se a sua vida mudar mesmo diante dos seus olhos.

Permita-me agora partilhar consigo alguns pensamentos finais, redigidos e acrescentados a este livro várias semanas após a conclusão da redação do texto principal.

A 1 de Novembro de 2016, fui sujeito a uma cirurgia de coração aberto: instalaram-me um *bypass* quántuplo. Não sabia que necessitava dele até que um angiograma realizado poucos dias antes confirmou as minhas suspeitas de que algo se passava com o meu coração. Não me sentia bem, pelo que achei melhor consultar um especialista. Essa decisão salvou-me a vida. Parece que cinco artérias dirigidas ao meu coração estavam bloqueadas — uma delas a 98 por cento.

Tenho uma boa razão para partilhar consigo esta informação tão pessoal. O objetivo não é assegurar a sua solidariedade, mas sim captar a sua atenção.

Esta vida que vivemos, esta vida através da qual caminhamos de mão na mão, não prosseguirá para sempre, pelo menos sob a sua forma presente. A nossa existência é eterna, mas as nossas vidas, sob determinada forma particular, não o são.

Isto foi-me transmitido de uma forma extremamente poderosa. Não há nada como serrarem-nos o peito para o abrir, pararem-nos o coração, colocarem-nos numa máquina que assegura a circulação do sangue e a

respiração durante três horas, para de seguida fecharem e coserem de novo o peito, para que esta mensagem se nos torne muito clara: não somos o nosso corpo. O nosso corpo é algo que temos, não algo que somos. Quem somos é eterno. Aquilo que temos não o é.

A poetisa americana Em Claire (que tenho a suprema felicidade de dizer que, por acaso, é a minha adorada mulher) captou perfeitamente esta realidade no seu poema *Precious Occurrence*...

*Sou uma ocorrência preciosa,
e não tenho muito tempo.
Nós somos uma ocorrência preciosa.
E, enquanto pensarmos que temos tempo,
não teremos muito tempo.
Demasiado tempo é gasto
A correr
De rosto para rosto
Perguntando: «Como me chamo?».
Se ainda não o sabes,
Ou se já o esqueceste,
Então pára, entra em ti
E responde.
Tu és uma Ocorrência Preciosa.
Diz-nos o teu nome”¹.*

A experiência da minha cirurgia de coração aberto fez-me pensar muito, e profundamente. E não durante um momento ou dois, mas desde o dia após a operação até àquele em que escrevi este texto. O que quero fazer com o tempo que resta ao meu corpo atual?

E, já agora, o que queremos todos fazer? Isto é, por que viemos até aqui? O que é que, no fim da nossa atual fisicalização, importará realmente?

Viemos aqui para ter o rapaz, ter a rapariga, ter o carro, ter o emprego, ter o cônjuge, ter os filhos, ter a casa, ter o emprego melhor, ter o carro melhor, ter a casa melhor, ter os netos, ter o nome na empresa ou na porta do escritório, ter o relógio da reforma, ter os bilhetes do cruzeiro, ter a doença, e ter sei lá o quê mais? Será esta realmente a fórmula da nossa vida?

Não haverá mais nada a fazer? *Alguma vez* houve algo mais a fazer?

Ponderei então esta questão do *despertar*. Haverá na verdade tal coisa? Estaremos a inventar toda essa ideia só para conseguirmos fazer algo que não seja o habitual mundano — outra coisa que não simplesmente sobreviver?

Disse então para comigo: «*Espera um momento. Acabaste de receber um livro escrito por Deus. Qual é a sua mensagem mais importante? Talvez devesses dedicar-lhe alguma atenção*». Reli, portanto, este livro, da primeira à última página. E decidi que esta era a sua mensagem individual mais importante: «*Já estás desperto. Simplesmente não o sabes*.»

Vejo isto, agora, como a minha grande oportunidade. O meu momento, não de procurar ser despertado, mas de me empenhar em comportar-me de tal forma que reflita aquilo que já sou — com todos os pensamentos, todas as palavras, todos os gestos, ações, opções ou decisões, deste momento em diante.

Autosseleccionei. E dou por mim a desejar convidar o leitor a fazer o mesmo.

Agora é O Momento Perfeito para Progredir, tanto enquanto indivíduos como enquanto espécie. E isso não tem de ser enfadonho nem um fardo. Pode ser uma alegria. Expressar a mais elevada e grandiosa parte de nós, todos os dias, proporcionar-nos-á uma sensação maravilhosa. A única coisa que temos de fazer é afastar do caminho o nosso medo e a nossa negatividade.

Tentemo-lo. Só por uma semana. Não, por um dia apenas. Observemos aquilo que pensamos. Observemos aquilo que dizemos. Contemos o número de vezes que os nossos pensamentos e palavras (acerca seja do que for) são negativos. Aceitemos então o convite da Divindade e digamos isto para nós mesmos antes de qualquer encontro, qualquer interação, qualquer experiência que possamos poder vir a ter com outra pessoa: *eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância*.

Permitamos que isto constitua o contexto de todas as nossas expressões intelectuais, emocionais e físicas desde a manhã até à noite.

Se gostaria de se me juntar nesta etapa, talvez a mais importante e emocionante, da nossa jornada evolutiva, encontrará material de apoio em <https://www.wals.ch/i-have-self-selected>.

Criei este material para me ajudar a mim próprio, a partir do manancial de mensagens e textos reunidos nos diálogos *Conversas com Deus*, que mudaram a minha vida, e prometem mais e maiores mudanças.

Acha que podemos levar a cabo estas mudanças? Pensa que o mundo em que tocamos seria melhor se o fizéssemos?

Ah, mas eis a grande questão: porquê darmos-nos ao trabalho? Esta não é tarefa fácil. Pôr de lado séculos — não, *milénios* — de inclinações, tendências, predileções e propensões humanas não é algo que se faça da noite para o dia. Exige pensar de um modo novo, compreender a vida de um modo novo, falar aos outros de um modo novo, participar no mundo de um modo novo.

Porquê dar-se ao trabalho? Por que não simplesmente ter o rapaz, ter a rapariga, ter o carro, ter o emprego, ter o cônjuge, ter a casa, ter os filhos, etc... e seguir com uma vida que não tem maior propósito além desse?

Porque viemos aqui para fazer mais do que isto.

Não viemos aqui para brincar a O Que Ganhou mais Brinquedos. Não viemos aqui só para ver andar os outros, arrastando-nos do nascimento à morte não esperando muito mais do que sofrer o mínimo de danos e criar o maior nível daquilo que possamos definir como «felicidade» e «sucesso». Achamos mesmo que era esta a Soma Total da Experiência Terrestre?

E há mais uma razão para nos darmos ao trabalho.

É que o nosso mundo — aquele que desejamos deixar aos nossos filhos e netos — não pode continuar a existir como tem existido, simplesmente não será sustentável, se «ter o rapaz, ter a rapariga, ter o carro, ter o emprego» for a única coisa que os seres humanos continuam a fazer.

Está na hora de a nossa espécie despertar, progredir, ganhar consciência de Quem Somos e Por que Estamos Aqui e o Propósito de Toda a Vida.

Será o propósito da existência simplesmente *existir*?

Seguramente que não. Seguramente que tem de haver mais do que isto.

E há, de facto. Os livros da série *Conversas com Deus* deixam isso bem claro. É por isso que me sirvo deles como material de referência em cada dia da minha vida. Espero que o leitor faça o mesmo. Leia-os. Leia-os a todos. Não porque me pareça que encontrará neles A Resposta para o Maior Mistério da Vida, mas sim porque acredito que conseguirá encontrar aí o caminho para A Sua Própria Resposta. Poderá concordar ou discordar daquilo que lhe é proposto nestes textos, mas, qualquer que seja o caso, ter-se-á aproximado um pouco mais da sua verdade mais interior e profunda.

Poderá então vivê-la de forma mais inteira.

Então, despertará a espécie. Pois aquele que vive a mais elevada, grandiosa e interior verdade acerca de si próprio e do propósito da vida não pode deixar de tocar os outros de uma forma que os devolve a si próprios, fazendo-os acordar da sua sonolência e do seu esquecimento, espelhando neles as suas mais elevadas esperanças e os seus mais grandiosos pensamentos.

Este é o nosso convite. Esta a nossa oportunidade. Este é o nosso próximo passo na nossa própria evolução. E dar este próximo passo é o propósito de toda a vida. Pois a alma expressa a vida através do progresso, progresso, *progresso*. Expansão, expansão, *expansão*. Tornar-se, tornar-se, *tornar-se*.

Eternamente e mais eternamente, e mais eternamente ainda.

Esta é a delícia de Deus, encarnada em tudo aquilo que vive.

Convido-o a deixar que esta delícia seja também sua.

Com todo o meu amor,

NEALE DONALD WALSCH
Ashland, Oregon

22 de Novembro de 2016

P.S.: Se se sente energizado pelo Terceiro Convite, tal como nos foi trazido neste diálogo, encorajo-o a verificar que existem muitas organizações e movimentos em todo o mundo que o convidam a ajudar a despertar a nossa espécie. Uma dessas organizações nasceu diretamente das mensagens de *Conversas com Deus*. Trata-se do Humanity's Team (<https://www.humanitysteam.org/>), e o seu objetivo é divulgar a mensagem de unidade em todo o mundo, pondo fim à separação. Outra é a Conversations with God Foundation (<https://www.cwg.org/>), que trabalha para divulgar as mensagens dos diálogos CCD por todo o mundo.

E se deseja rever e estudar mais aprofundadamente os conteúdos desses nove diálogos — ou mesmo participar num Programa de Integração Avançada de análise e aplicação das suas mensagens — poderá fazê-lo em <http://www.nealedonaldwalsch.com/CwGConnect>, que estou certo continuará a ser um recurso de grande utilidade muito depois de eu ter celebrado o meu Dia da Continuação.

Finalmente, não posso terminar esta nota de fecho sem partilhar a minha profunda gratidão pela minha mulher Em, que tem sido a minha força em tempos de dúvida, a minha luz em tempos de confusão, e a companheira Compreendo-te-Completamente-e-Amo-te-Sem-Condições da minha alma sempre que viu em mim o mais leve traço de tentação momentânea para imaginar que estava sozinho nesta Viagem.

Senti-me finalmente «outro-ado» nesta vida. Sabia que era possível. Simplesmente *sabia-o*. Mas, sim, experiencio-o como algo extremamente raro. A minha maior felicidade é a de poder agora dizer-vos com absoluta certeza que a forma de amar de Deus é exprimível pelos seres humanos aqui na Terra. A minha queridíssima Em é a prova viva disso mesmo.

As expressões poéticas da Em inspiraram-me vezes sem conta, pelo que desejo fechar citando mais uma delas, de modo a que também o leitor se possa sentir elevado às alturas.

Quando regresso à contemplação do Deus da minha compreensão, ao qual este novo diálogo me convida, dou por mim a querer apresentar ao mundo a interrogação intrigante, mas espiritualmente importante que o poema da Em, do seu livro *Home Remembers Me* coloca aqui diante de nós.

Não me ocorre melhor forma de concluir esta última conversa com Deus.

Não sei se o meu deus é

O mesmo que o teu deus:

É feito de Amor?

Quer para ti aquilo que tu queres para ti?

*Vem ter contigo de braços abertos,
Sem nada pedir, mas pronto para tudo?
Sussurra-te coisas de Luz e de
Quietude, e aponta-te para qualquer
Dos caminhos que lá te levarão?
Recorda-te o que Vês?
Recorda-te o que Sabes?
Recorda-te o mais delicado Amante
Com que alguma vez sonhaste, que te acalma
Ao longo de todo o teu corpo,
Para acarinhar o cansaço do teu coração?
Alguma vez se atrasa?
Alguma vez desaparece?
É feito de Amor?²*

¹ «Precious Occurrence», em *claire*. ©2008 Todos os Direitos Reservados, <https://emclairepoet.love/>.

² «Is It Made of Love?», em *claire*, ©2014 Todos os Direitos Reservados, <https://emclairepoet.love/>.

O AUTOR

NEALE DONALD WALSCH é um mensageiro espiritual do nosso tempo cuja obra tem tocado as vidas de milhões de pessoas. Escreveu vinte e nove livros sobre espiritualidade contemporânea ao longo dos vinte anos decorridos desde que relatou uma experiência pessoal na qual sentiu a presença do Divino, começou a redigir perguntas a Deus num bloco de folhas amarelas, e recebeu respostas num processo que descreveu como um autêntico ditado. O que emergiu desse encontro foi a série em nove partes *Conversas com Deus*, publicada em todas as principais línguas do mundo.

Walsch tem afirmado tanto aos seus leitores como à comunicação social — que conferiu atenção global à sua experiência — que todos temos constantemente conversas com Deus, e que a questão não é *A quem fala Deus, mas sim Quem escuta?*

Segundo ele, toda a sua vida mudou depois de decidir escutar. Foi tomando nota das perguntas que trazia no coração, e das respostas que recebia, de modo a nunca esquecer os seus diálogos com a Divindade. Só mais tarde compreendeu que estava a ser convidado a divulgar essas palavras pelo mundo, a exemplo de muitos outros que ao longo da História deram o seu melhor para ouvir e articular as mensagens de Deus. Walsch sabe que todos recebemos estas mensagens, e convida-nos a todos a partilhá-las e vivê-las o melhor que pudermos. É que, diz-nos ele, o mundo mudaria da noite para o dia caso uma pequena fração apenas das pessoas acolhesse a mais importante das mensagens de Deus: *Estão totalmente enganados a meu respeito.*

OBRAS DO AUTOR

As seguintes obras são aquelas nas quais ocorrem os diálogos entre o autor e Deus.

1995 – Conversas Com Deus 1	-----	Livro 1
1997 – Conversas Com Deus 2	-----	Livro 2
1998 – Conversas Com Deus 3	-----	Livro 3
1999 – Amizade Com Deus	-----	Livro 4
2000 – Comunhão Com Deus	-----	Livro 5
2003 – As Novas Revelações	-----	Livro 6
2004 – O Deus de Amanhã	-----	Livro 7
2006 – O Regresso A Deus	-----	Livro 8
2018 – Conversas com Deus 4	-----	Livro 9